

143
144

ARQUITECTOS

Especial

CONCURSOS

Victor Mestre • CONCURSO PÚBLICO PARA O ESTUDO PRÉVIO DO EDIFÍCIO DA BIBLIOTECA CENTRAL DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA • CONCURSO PÚBLICO PARA O ESTUDO PRÉVIO DO DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA MECÂNICA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA • CONCURSO PÚBLICO PARA O ESTUDO PRÉVIO DO DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA ELETROTÉCNICA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA • CONCURSO PÚBLICO PARA O ESTUDO PRÉVIO DO DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA CIVIL DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA • CONCURSO LIMITADO PARA A ELABORAÇÃO DO PROJECTO DOS EDIFÍCIOS DAS RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS DO MONTE DA CAPARICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA • CONCURSO PÚBLICO PARA A ELABORAÇÃO DO PROJECTO DO EDIFÍCIO DE MATEMÁTICA E COMPLEXO PEDAGÓGICO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

143

144



Se deseja
janelas de PVC
de qualidade,
Kömmerring dá-lhe
a solução perfeita.

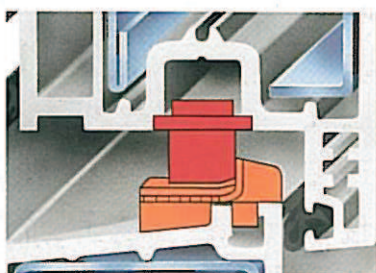
®
EURODUR,
O NOVO PERFIL EUROPEU.

SIMAC '95
19 a 23 de Maio

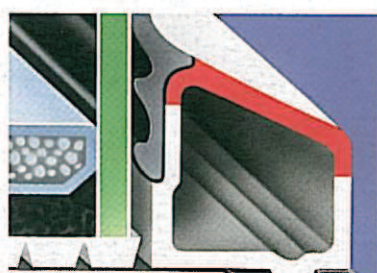
Venha nos visitar
Pavilhão 3 - Stand 347



A novidade que mais chama a atenção: a sua caleira inclinada 5° para o exterior que assegura o escoamento contínuo da humidade do aro inferior.



A proteção anti-roubo tem-se melhorado, graças à excelente adaptação das ferragens, o que permite a instalação de fechos especialmente resistentes.



Aros, folhas e travessas, ficam agradavelmente acentuados através de inclinações adequadas. A janela adquire um aspecto mais elegante devido aos perfis, agora mais estreitos.



Os cantos arredondados melhoram a estética constructiva de todo o conjunto.



choque, inalteráveis face aos agentes atmosféricos. Com uma grande capacidade de isolamento térmico e acústico e com uma manutenção mínima. A alternativa perfeita, tanto para a renovação de habitações como para as novas construções.

Toda a experiência da KÖMMERLING concretiza-se em **®EURODUR**. Anos de estudo, ensaios e verificações de qualidade, deram como resultado uma nova geração de perfis de PVC para janelas: **®EURODUR**, o novo perfil europeu. Mais qualidade. Mais funcionalidade e uma estética extremamente aperfeiçoada. Perfis resistentes ao uso e ao



KÖMMERLING
Un caixilho incomparável

Pol. Ind. Alcamar s/n 28816 Camarma de Esteruelas.
Tel.(34-1) 8 86 60 45 Madrid-ESPAÑA

Se deseja ter mais informação sobre as janelas de PVC KÖMMERLING, remeta-nos este cupão.
Enviar-lhe-emos GRATUITAMENTE, o nosso livro "JANELAS: 50 PERGUNTAS. 50 RESPOSTAS"

NOME

MORADA

Código postal Telf.

Profissão: ☐ Arquitecto ☐ Constructor

☐ Outra.....



EUROCAIXILHO LDA.

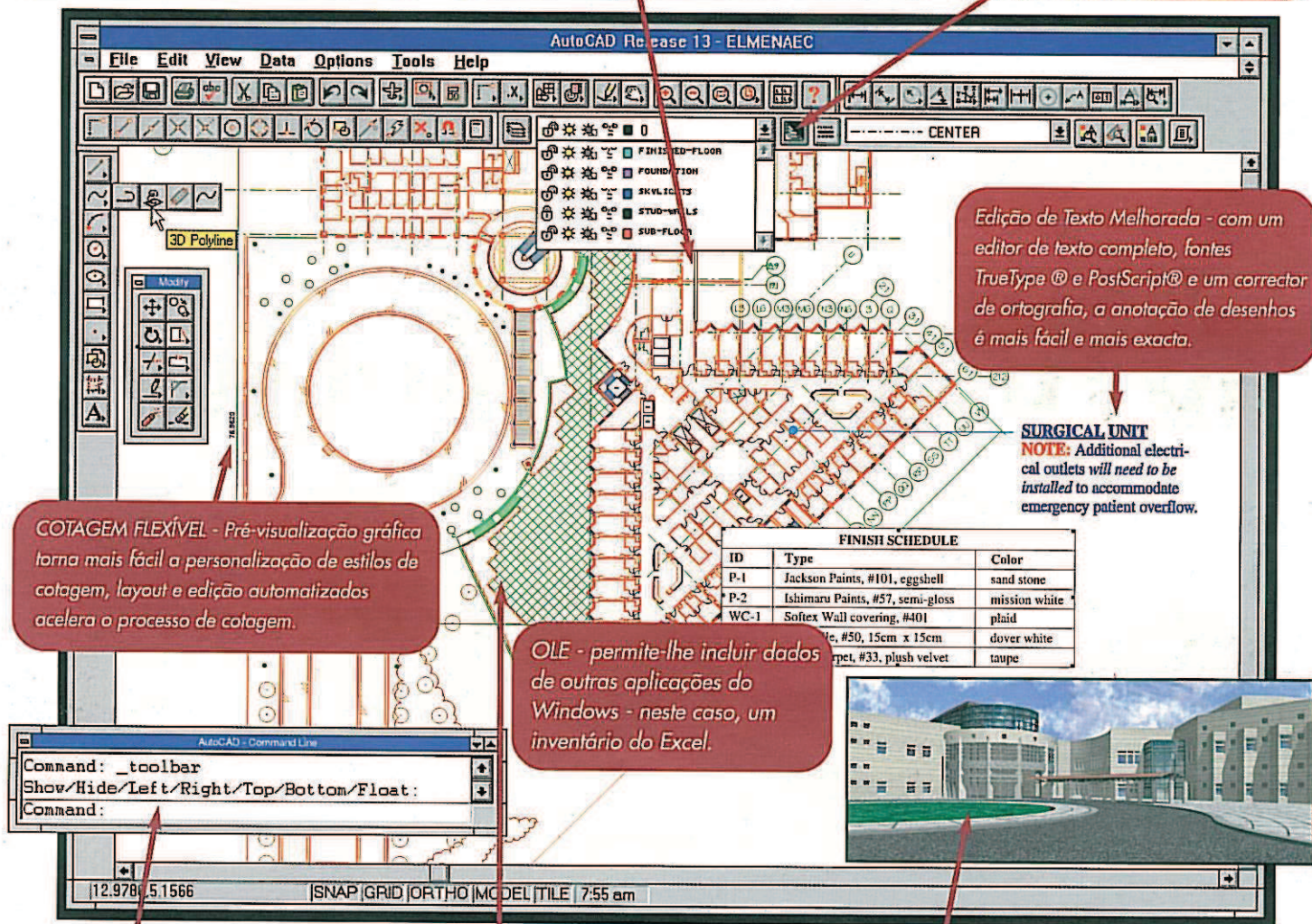
Estrada Nacional 249, Km. 15-2710 SINTRA.
Tel (01) 9 20 85 22 Fax. (01) 9 20 74 00

Apresentação do AutoCAD Versão 13. O AutoCAD mais poderoso de sempre.

INTERFACE INTUITIVO - aumenta a sua pericia em Windows, dando-lhe acesso imediato (através de barras de ferramentas e ajudas) às características que geralmente mais utiliza.

MULTILINHAS & LINHAS-TIPO - utilize a característica de linha paralela múltipla para desenhar paredes e limpar intersecções automaticamente. Melhora a qualidade de desenho com linhas-tipo que podem incorporar formas e texto.

BARRA DE FERRAMENTAS COM PROPRIEDADES DE OBJECTOS - acesso rápido a propriedades de objectos tais como layers e linhas-tipo. Permite-lhe alterar parâmetros directamente a partir da barra de ferramentas.



COTAGEM FLEXÍVEL - Pré-visualização gráfica torna mais fácil a personalização de estilos de cotação, layout e edição automatizados acelera o processo de cotação.

OLE - permite-lhe incluir dados de outras aplicações do Windows - neste caso, um inventário do Excel.

JANELA DE COMANDOS - continuará a ter acesso directo à linha de comando, agora uma janela flutuante ou fixa que suporta as características de "apagar" e "inserir" do Windows (Cut e Paste).

TRAMA ASSOCIATIVA - sempre que as fronteiras são alteradas é actualizada automaticamente; terminou o processo fastidioso de redesenho de tramas.

RENDERINGS MAIS RÁPIDOS - torna mais fácil criar e apresentar pré-visualização de protótipos. O AutoVision v. 2 trabalha juntamente com a Versão 13 do AutoCAD para construir renderings fotorealistas tais como este.

O novo AutoCAD® Versão 13 tem mais capacidades, novas características e melhoramentos do que aquelas que lhe podemos apresentar aqui. E está disponível através de uma licença multiplataforma para Windows™, Windows NT® e MS-DOS®. Que mais poderia Desejar? Que tal um demonstrativo e um preço de "upgrade" muito especial até 30 de Abril



de 1995! Para obter a diskette de demonstração contacte o "Dealer Autorizado Autodesk" mais próximo de si ou a Micrograf através do telefone (02) 937 91 77 ou do fax (02) 937 91 76.

MICROGRAF
Distribuidor único
AutoCAD + 3DStudio

© Copyright 1994 Autodesk, Inc. All rights reserved. Autodesk, the Autodesk logo, and AutoCAD are registered trademarks, and AutoVision is a trademark, of Autodesk, Inc. MS-DOS and Windows NT are registered trademarks, and Windows is a trademark, of Microsoft Corporation. All other brand names, product names, or trademarks belong to their respective holders. Elmhurst Air Force Base Medical Facility 2D architectural, engineering, and construction drawings created by Anderson DeBartolo Pan (ADP). Site plan and landscape design created by Dowd Engineers for Anderson DeBartolo Pan (ADP). 3D extrusions and AutoVision rendering created by Autodesk Marketing Support.

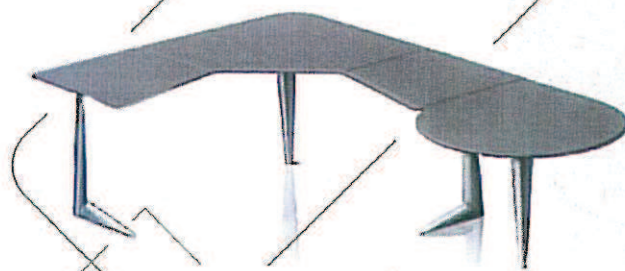
Arqº Álvaro Siza.
Linha de estofos para Altamira



Há mais no Design do que Forma e Função.



A partir de 21 de Março, há um novo espaço para o Design em Lisboa - Altamira Escritórios. Aqui, apresentamos o novo sistema integrado de mobiliário "Jaguar", dos designers italianos Negrello & Scagnellato para a Altamira. O resultado de uma contínua evolução tecnológica, em perfeita harmonia com a forma e as mais avançadas necessidades funcionais. Como espaço privilegiado para o Design, na Altamira Escritórios vão estar também, a sua representação italiana Marcatré com o novo sistema Extra Dry de Mário Bellini; Álvaro Siza com uma nova linha de estofos e ainda outros nomes como, Teixidó, Jorge Pensi, Frank Loyd Wright, Corbusier e Eileen Gray. Como vê, esta é a melhor forma de elogiar o Design. Um espaço para conhecedores, em Lisboa na Av. Duque de Ávila nº 98 A, ou no Porto, Rua da Constituição, 1515/17.



MARCATRÉ

Sistema Extra Dry de Mário Bellini

Sistema
Jaguar dos
Designers
Italianos
Negrello
e Scagnellato
para Altamira

SISTEMA
JAGUAR



Há uma nova loja em Lisboa. Altamira Escritórios


altamira
INOVAÇÃO E DESIGN

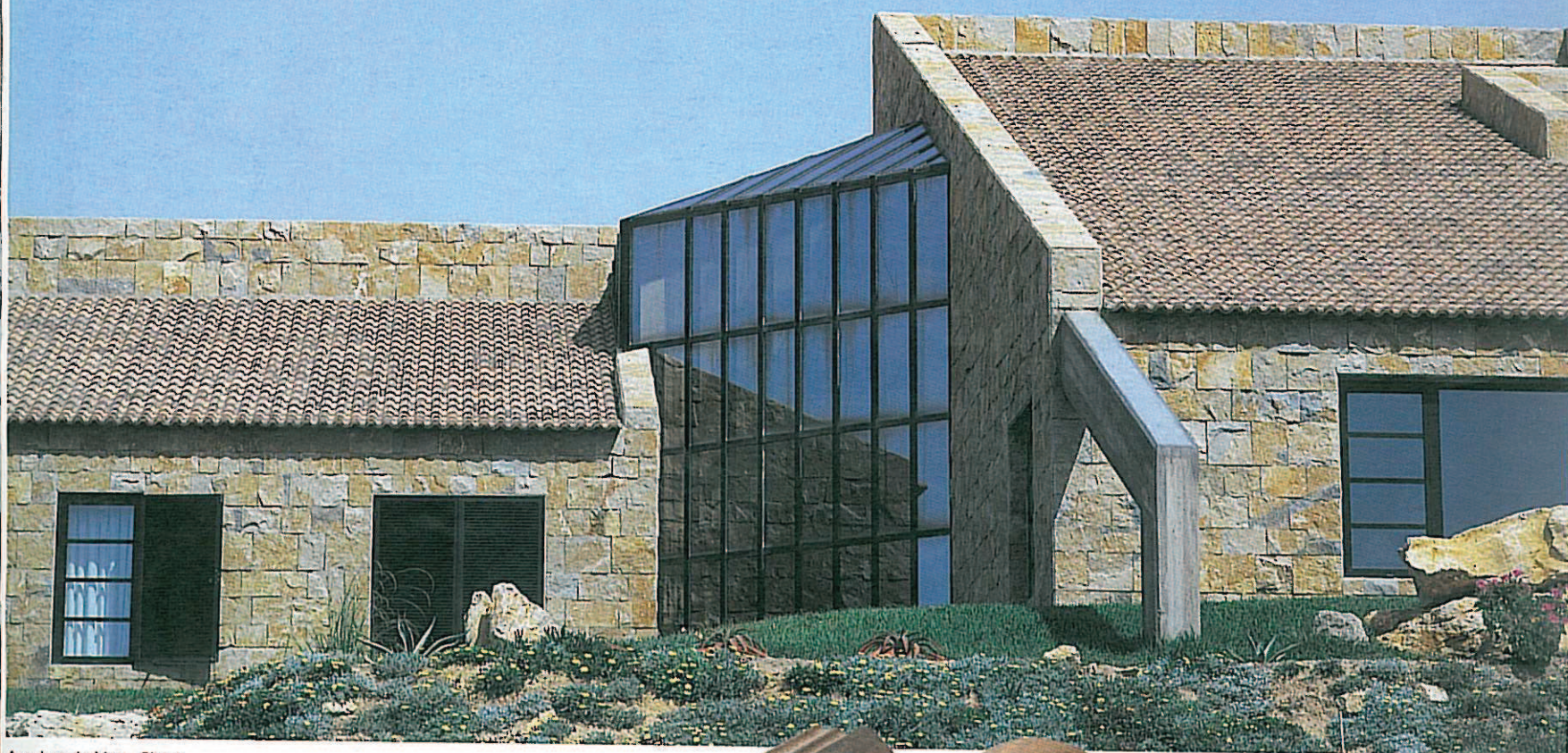




TELHA LATINA CERÂMICA RÚSTICA

A construção de uma casa não começa, logicamente, pelo telhado, mas este deve ser um ponto importante a considerar desde o primeiro momento. Afinal, da qualidade do telhado vai depender a segurança da casa e dos seus bens, e o conforto dos seus ocupantes. As telhas Argibetão respondem não só a este tipo de necessidades, como abrem também novos horizontes à criatividade, respeitando a personalidade arquitectónica de cada região e permitindo um perfeito enquadramento paisagístico, quer se trate dum ambiente rural ou urbano. No que respeita às suas características físicas, as telhas Argibetão constituem a defesa perfeita contra as agressões do clima - graças à elevada compactação das argamassas, as telhas são altamente resistentes ao gelo e ao salitre.

De fácil e rápida colocação, as telhas Argibetão contribuem para uma grande economia de mão-de-obra e de material, já que são necessárias somente cerca de 10 telhas por m².



Azenhas do Mar - Sintra



A Telha Latina Cerâmica Rústica dá ao telhado um aspecto envelhecido pelo que é particularmente indicada para retelhamentos e para construções de estilos clássicos e tradicionais.



SOCIEDADE DE NOVOS PRODUTOS DE ARGILA E BETÃO, S.A.
Av. Fontes Pereira de Melo, 19 - 5º 1050 Lisboa
Tel. (01) 315 71 54 Fax (01) 315 45 00
Fábricas em Braga, Ovar, Cartaxo e Azeitão

d line

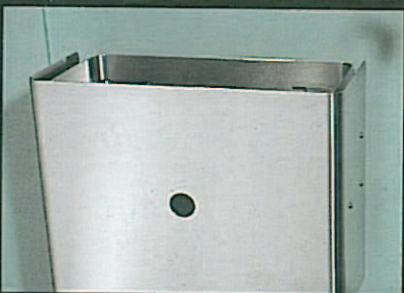
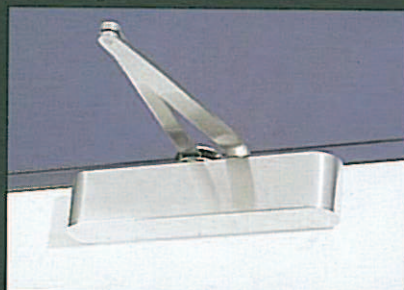
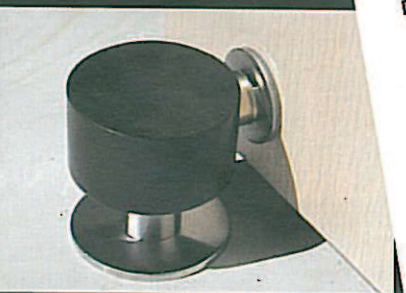
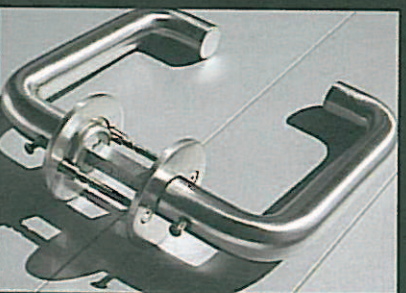
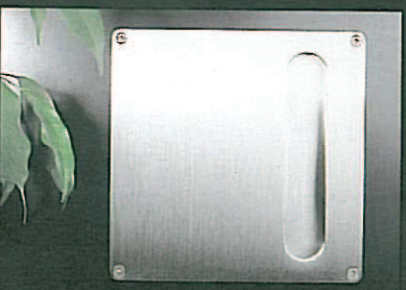
Knud Holscher Design

d line é uma gama de ferragens de alta qualidade que vai ao encontro de todos os requisitos da construção para portas, janelas e quartos de banho – interiores em geral.

os puxadores **d line** passaram pelos testes mais exigentes, i.e. – teste de maior dificuldade e de maior renome em Inglaterra. Resultado foi a aprovação PSA MOB.

A gama de produtos é fabricada na Dinamarca e apresentada em aço inox acetinado e polido e latão polido.

d line é desenhada pelo Professor Arq.º Knud Holscher.



DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL:



CARVALHO, BATISTA & C.ª, LDA.
FERRAGENS - FERRAMENTAS - CUTELARIAS

Rua do Almada, 79-83, 1º
Apartado 4784 - 4013 Porto Codex
Tel (02) 32 41 16 (4 linhas) - Fax (02) 31 96 11
Show-Room: Rua do Almada 85/89



ACABOU-SE O TRABALHO TRANQUILO

Rua Óscar da Silva, 2243

Leça da Palmeira

Apartado 3107

4456 Matosinhos Codex

Portugal

Telefone (02) 9958110

Fax (02) 9953228

DISTRIBUIDORES DE:

VITRA cadeiras e mobiliário de escritório

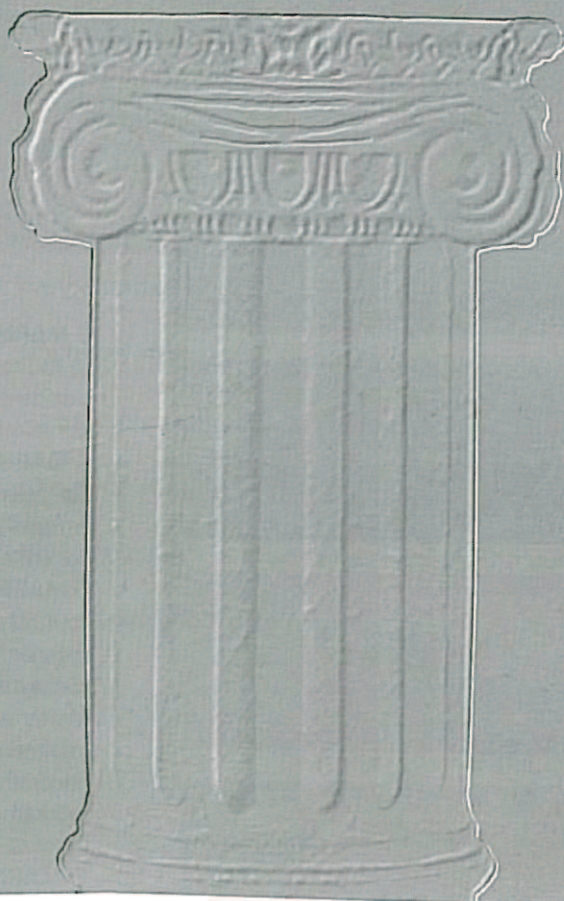
CITTERIO armários e divisórias

IREN UFFICI mobiliário de escritório

ARESLINE cadeiras de escritório

MECO mobiliário de escritório

Prémio Secil de Escultura em Betão 94



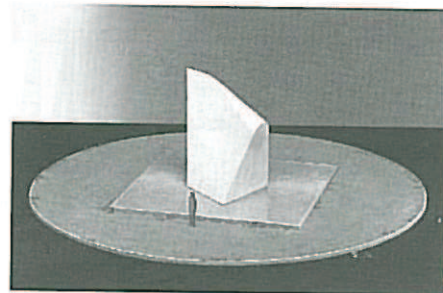
Escultor Amândio Abreu de Sousa

Com este Prémio, a Secil pretende, na tradição das edições anteriores, associar-se aos municípios na promoção e divulgação da criação artística em Portugal.

O Prémio, este ano levado a efeito em colaboração com a Câmara Municipal de Montijo, teve os seguintes vencedores:

- 1º prémio, Amândio Manuel Abreu de Sousa; - 2º prémio, José Nuno Cabral Beirão; - 3º prémio, José Joaquim Polónia Pacheco e co-autores.

A todos, a Secil agradece e endereça os seus parabéns.



1º Prémio, a colocar na Rotunda da Estrada Nacional 119 com a Estrada Circular, no Montijo.

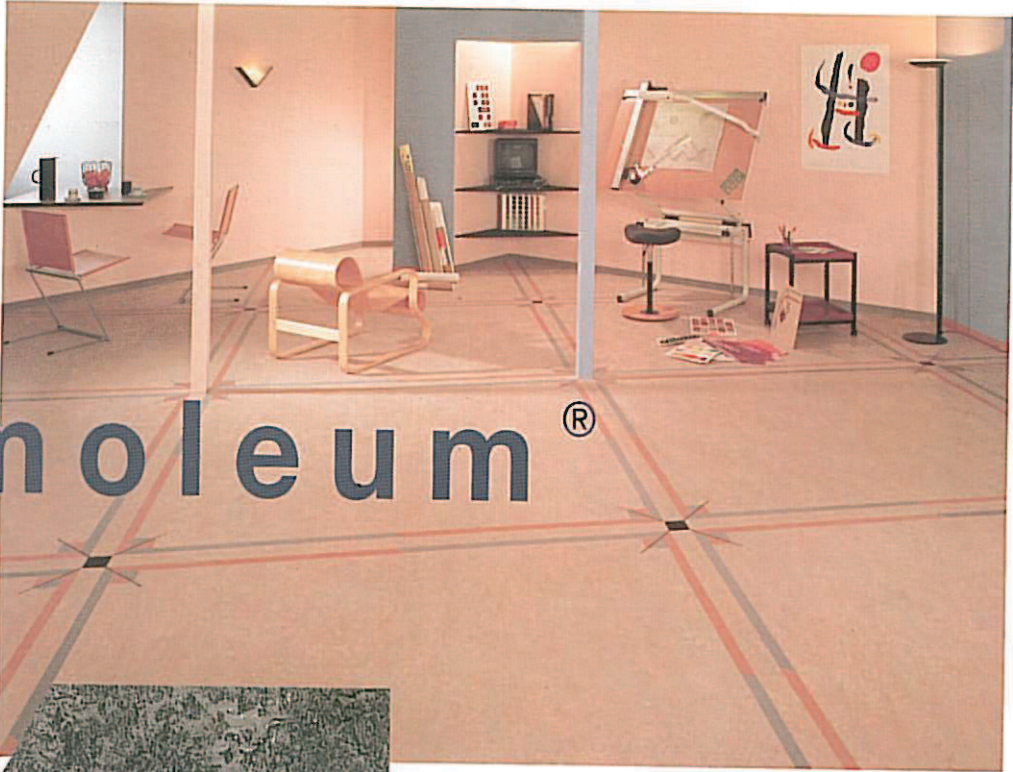


CÂMARA MUNICIPAL DE MONTIJO



Cimento de Qualidade
Produtos de Prestígio





marmoleum®



O **MARMÓLEO** é a primeira opção para locais de muito trânsito, onde resistência, durabilidade, higiene e um ambiente agradável são as prioridades.

O **MARMÓLEO** é um revestimento para chão homogêneo, resiliente e robusto. Está disponível em três espessuras (que vão desde a espessura normal à destinada a tráfego intenso).

O **MARMÓLEO** faz parte de um sistema completo com compostos de nivelamento, colas, rodapés pré-formados Marmoform, cantos côncavos e convexos e o cordão de soldar Marmoweld, para obter uma superfície totalmente impermeável e conseguir efeitos decorativos surpreendentes. Para tornar este programa realmente completo há um sistema de limpeza e manutenção para cada situação.

O **MARMÓLEO** com as suas 68 cores contemporâneas é um desafio para os designers.

O **MARMÓLEO** é biodegradável sendo inteiramente manufacturado com componentes naturais.

forbo
PERGOL

Rua Sá da Bandeira, 342 - 4000 PORTO
Telef.: 32 43 02 / 32 44 50 Fax: 56 54 53

Rua Latino Coelho, 8-A/8-B - 1000 LISBOA
Telef.: 356 32 04/7 Fax: 57 75 14

Rua D. Estefânia, 163-C - 1000 LISBOA
Tel.: 54 60 10

EDITORIAL

Um número sobre os concursos havidos no ano transacto é um "clássico" do JA.

Desta vez são dois os números dedicados a essa forma de escolher projectos para uma determinada encomenda e que, aqui em Portugal, é quase sempre praticada pelos poderes públicos, com muito poucas excepções para a iniciativa privada.

Aliás, mesmo para o que o Estado Central, Autarquias e Empresas Públicas constróem, trata-se ainda de uma minoria aquilo que é sujeito a projecto com escolha de concurso.

Habitualmente acusam-se os concursos de lentidão, de custos acrescidos e outros males. Assim se esconde a dificuldade em ser neutro e objectivo perante mais um negócio, mais uma prestação de serviços, pois é assim que um projecto de Arquitectura é habitualmente encarado, pois ele implica não só os honorários dos projectos, como também um determinado efeito sobre o processo construtivo, e aí as verbas e os interesses são muito maiores.

Deste modo, pode-se concluir que à encomenda excepcional está associado o concurso.

Afinal ainda (e por quanto tempo?) modo raro de escolha de projectos de Arquitectura por parte das entidades públicas e quase absolutamente ignorado pelos outros, como empresas imobiliárias, grupos económicos que constróem a sua sede de prestígio, agentes turísticos, etc.

Apesar de ser restrito o campo dos concursos de Arquitectura, ainda assim os do ano de 1994 não cabem num só número do JA. Daí serem dois. O primeiro é inteiramente dedicado ao campus da Universidade Nova de Lisboa na Caparica, e o segundo aos outros.

Michel Toussaint

10

Dos Concursos e da Acção da AAP

12

Biblioteca Central FCT/UNL - Caparica

22

Engenharia Mecânica - FCT/UNL - Caparica

30

Engenharia Electrotécnica - FCT/UNL - Caparica

38

Engenharia Civil - FCT/UNL - Caparica

48

Residências Universitárias - FCT/UNL - Caparica

52

Maternática e Complexo Pedagógico -

FCT/UNL - Caparica

55

Leituras

143/144
JANEIRO/FEVEREIRO DE 1995

Dos concursos

e da acção da AAP:

novas reflexões necessárias

Pedro Brandão

10

É matéria particularmente sensível, na avaliação do trabalho das Direcções da AAP, a sua atitude face às questões da encomenda em geral e dos concursos em particular. Devemos reconhecer que mesmo ao nível da formulação dos objectivos da AAP, se revelam ainda grandes fragilidades: A parcela da encomenda que é objecto de concursos deve ser maior ou menor? A atitude face aos tipos de concurso deve ser mais flexível, ou menos? A AAP deve ter maior interferência, ou menor, e em que momentos do processo da encomenda deve ser privilegiada essa interferência (formulação do programa, dos regulamentos, avaliação, contratação)? Como preservar os princípios próprios de um Concurso de Arquitectura compatibilizando-os com as questões comerciais envolvidas nos conceitos básicos das regras da concorrência? Como lidar com o quadro legislativo nacional e comunitário nesta área?

A evolução das condições do exercício da profissão apanha frequentemente a AAP desprevenida. Muito do que já deveria estar feito ainda está por fazer.

Alguns anos atrás, em Portugal como noutros países, os Concursos de Arquitectura revelavam basicamente preocupações de natureza cultural. Tratava-se de momentos excepcionais em que algumas (poucas) entidades revestidas de grande credibilidade, propiciavam estes exercícios disciplinares. Mais do que oportunidades de acesso ao mercado de trabalho, os concursos eram práticas de emulação profissional das quais os arquitectos não dependiam para sobreviver (predominam as referências a concursos de "ideias").

As organizações profissionais de arquitectos nacionais e internacionais adoptavam uma postura de

representantes dos concorrentes, exigindo uma obediência estrita às regras por si previamente elaboradas. Frequentemente afastavam-se das iniciativas considerando, por exemplo, que só mereciam a sua participação os processos públicos (ficou célebre o afastamento do SNA em relação ao concurso para a Fundação Gulbenkian com a consequência infeliz de um certo afastamento de Keil do Amaral em relação ao SNA).

Hoje a concorrência é mais feroz, os normativos legais mais constrangedores, a abertura das fronteiras mais real (em especial nos grandes projectos), as pressões dos promotores (quanto aos prazos, aos custos e ao controle do processo de selecção) mais insistentes. Os concursos têm assumido cada vez mais o papel de um instrumento normal na regulação da concorrência, papel por vezes contraditório com o das suas funções "culturais".

No processo dos concursos convergem estratégias de acesso à encomenda de empresas e ateliers consagrados, perspectivas de "ingresso" na carreira profissional de recém formados e lógicas de exercício profissional precário (em equilíbrio instável, com uma carreira na função pública servindo de balastro). E convivem também nos concursos, promotores e encomendas de diversa dimensão e natureza, por vezes submetidos a normativos legais dificilmente compatíveis com as normas que os arquitectos privilegiam, por vezes dependentes dos concursos para obter financiamentos ou autorizações, mas que neles não têm convicções sérias e autênticas.

Esta generalização, "massificação", ou pelo menos multiplicação dos concursos, tem tido consequências

para a acção da AAP, com duas lógicas contraditórias: por um lado a tendência para a flexibilização, visando o objectivo de estar presente num maior número de processos e estar presente o mais cedo possível na sua preparação; por outro lado a tendência para a formalização dos procedimentos não só através de instrumentos normativos mais elaborados e com enquadramentos legais mais complexos, mas também através de maior formalização no relacionamento entre as "partes" (promotor, AAP, júri, concorrentes). A redução do nível cultural do debate em torno dos concursos e o aumento do número de intensidade dos conflitos de natureza legal e regulamentar desloca o centro das atenções da AAP, para uma área "arbitral", de "regulação da concorrência" ou de "fiscalização da legalidade".

O processo e o resultado dos concursos é cada vez mais fonte de críspação, pondo em causa frequentemente a própria AAP, e provocando da parte desta o natural reflexo de defesa pela "formalidade". A AAP adquiriu uma certa forma de "interesse próprio", como instituição, na sua função negociadora com os promotores e outras instituições envolvidas no processo dos concursos. O estatuto "arbitral" ou de "regulação" da concorrência tende a modificar a postura da AAP, vinculando-a com uma perspectiva inevitavelmente mais economicista e legalista.

De uma conduta irrepreensível, a uma estratégia de intervenção

A isenção da AAP, nas decisões dos seus órgãos directivos relativas aos concursos, merece também algumas novas reflexões. Refiro não só as tão "contestáveis" nomeações de representantes em júris, mas também as decisões quanto à participação nos processos, quanto aos princípios normativos aceitáveis e ao nível de flexibilidade das excepções, quanto às condições da assessoria aos promotores, ao nível de exigência das prestações pedidas aos concorrentes, à forma de avaliação e seus critérios, etc.

Num quadro de intensa mutação do mercado e das condições do exercício profissional, quando os concursos são afectados das referidas tendências de "banalização" e "conflitualidade", a AAP tem de ver protegidos os seus valores e princípios. Desde logo as suas atitudes devem ser cada vez mais pautados por um código de conduta (hoje ainda insuficientemente discutido e apurado), que preserve o máximo de isenção e credibilidade no papel da nossa organização representativa.

Não raro surgem entre nós comentários e insinuações quanto à acção das estruturas representativas ou dirigentes da AAP nesta área. É um criticismo que não encontra paralelo noutras classes profissionais ou mesmo noutros "ramos de negócio" altamente competitivos. Se tal criticismo na maioria dos casos tem escasso fundamento e poderá ser resultado tão só das tensões emocionais que envolvem os concorrentes o facto é que noutros casos têm evidente pertinência.

Mais não seja pelo desgaste que causa tal criticismo, ele deve ser encarado de espírito aberto.

Mas se é necessário estabelecer com mais rigor o código de conduta da AAP em matéria de concursos, o esforço de reflexão quanto à isenção do trabalho

associativo em geral, deve ser feito com realismo. O certo é que não se pode exigir dos dirigentes da AAP que se abstenham totalmente de exercer a sua profissão enquanto durarem os seus cargos associativos. Se é desejável o profissionalismo do trabalho da AAP, e se é exigível dos seus dirigentes um comportamento que não levante qualquer dúvida quanto ao conflito de interesses entre as funções associativas e os interesses profissionais, nem por isso tal raciocínio nos deve conduzir ao beco sem saída da "profissionalização total" das Direcções da AAP. A ética é codificável, mas não o é totalmente. Se a revisão estatutária nos permitiu pela primeira vez propôr um leque de incompatibilidades com os cargos associativos, tal não dispensa o terreno "estratégico" desta discussão. (1)

A urgente discussão do papel da AAP no funcionamento do mercado da Arquitectura, da Encomenda e em especial dos Concursos, terá de não se limitar ao domínio das "aparências". Numa instituição como a AAP, que dia a dia se amplifica (e complexifica) tudo é necessário, e nenhum dos valores envolvidos na abordagem desta matéria deve ser silenciado: a vigilância dos associados, a transparência e a fluência da informação, a reflexão permanente participada por todos. E em última análise a democracia, que nos permite decidir em conjunto e escolher quem nos representa.

Mas a questão estratégica da política associativa na área da encomenda e dos concursos, primeiro que tudo estará na fixação de objectivos. Dois modelos se nos abrem.

Um será um modelo "liberal", de uma associação de profissionais que não ambiciona intervir no exercício profissional e portanto no funcionamento do mercado. Para quem advogue este modelo, a AAP não deverá procurar intervir a não ser quando a procurem, devendo privilegiar a excepionalidade dos concursos em relação ao funcionamento normal do mercado, cujas "vicissitudes" dirão respeito apenas a quem nelas se vê envolvido.

O outro será um modelo "interactivo" em que a AAP aspira a contribuir para uma mais saudável regulação da concorrência e dos interesses profissionais sem desvalorizar o papel cultural e o papel "democrático" da cultura dos concursos. Assim, haverá que procurar intervir na legislação, fazer o "marketing" dos bons processos junto dos promotores, oferecer aos arquitectos uma cada vez maior protecção e enquadramento da sua acção, lutando na frente difícil da criação de melhores condições para uma concorrência pela qualidade, e um saudável debate disciplinar.

Para fugir mais facilmente às conflitualidades, para proteger as direcções do criticismo e para evitar uma maior exigência de comportamento ético de todos os envolvidos, o primeiro caminho será o mais fácil. Uma AAP que não intervém, não suscita adversários. Mas não será o caminho da facilidade, cada vez mais, e apenas, o caminho das aparências, das inconsequências, das complacências e das conivências?

(1) Parto do princípio que a publicação deste artigo ocorrerá depois da votação estatutária e que o seu resultado terá sido favorável. (Wishfull thinking?)

**Concurso Público para o estudo prévio do Edifício
da Biblioteca Central da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade Nova de Lisboa - Monte da Caparica**

António Marques Miguel
Rep. AAP no Júri

12

Memória

"O Promotor deste Concurso e o Campus da Universidade Nova no Monte da Caparica, perderam a oportunidade, quase diria por *medo* de alguns jurados que gostaram mas não atribuíram o primeiro prémio ao trabalho do Concorrente 500408 (1), de ficar com um edifício prestigiante da instituição, "ex-libris" na expressão de um jurado, dignificante para a(s) cidade(s) (2) e que satisfazia todas as intenções do Plano (3) e não foi questionado como não sendo a melhor peça de Arquitectura".

Assim concluía, em 12 de Novembro de 1993, a minha Declaração de Voto como membro do Júri do Concurso em epígrafe.

Quinze meses passados ao pedirem um texto/depoimento, como representante da AAP, assim me ocorreu começar. Porquê?

Talvez porque seja esta a vertente mais persistente nos Concursos que de mais perto conheci ou tenha participado.

À (melhor) peça de Arquitectura, criativa, artística e mais carregada de significado cultural não é atribuído o primeiro prémio pelo que significaria ser essa a Obra a erigir.

Concluo que estamos perante um conformismo/cinzentismo, quicá pior que conservadorismo.

Os Concursos

Os concursos públicos de ideias são um *bem necessário*, de males está o vazio cheio, e o mundo profissional não está tão cheio de ideólogos nem de idiotas

como se poderá imaginar.

Mas vamos a eles, o trabalho escasseia e quem concorre nem sempre o faz para ganhar.

Esta é uma das realidades pragmáticas dos concursos.

O Promotor ao deitar mão de um concurso público fica ilibado de uma escolha de gosto pessoal, quanto ganha pela ajuda – normalmente pouco dispendiosa – de ter tido uma equipa a escolher "o melhor projecto" de um "qualquer" arquitecto.

Entretanto "concursos públicos" vão estando cheios de *especialistas* convidados pelos Promotores!

Talvez académica mas uma outra questão me preocupa também nos concursos – e este não foi excepção – a que trabalhos se devem atribuir menções honrosas? O que premeiam?

Os quartos, quintos ou outros lugares ou às melhores peças mas votadas como "inexequíveis" por alguns jurados?!

O Concurso da biblioteca

Este concurso, assessorado pela AAP, não veio a público tal como os trabalhos da sua preparação faziam prever.

Isto foi dito já iniciados os trabalhos do Júri.

Fui representante da AAP no Júri mas desconhecedor dos seus antecedentes.

Penso que os "representantes da AAP nos Júris" deviam participar na assessoria da mesma junto do Promotor e/ou fazerem parte da Comissão Organizadora ou, pelo menos, terem conhecimento,

através de documento elaborado pela AAP, de quais os aspectos formais, e não só, que antecederam a sua tarefa para que saibam em que *parâmetros* vão trabalhar.

Exemplos:

- Número (impar) de Jurados e sua identidade;
- “Critérios de avaliação” explícitos no Regulamento;
- Sujeição do Júri ao Regulamento;
- Tratando-se de Concursos de Ideias, de Arquitectura, definição clara (também) das peças a apresentar no respeitante aos Projectos complementares (Estabilidade, Redes, etc...) e o seu *peso* na apreciação global.

Das propostas

Da leitura, feita ao tempo, das propostas em geral, relembro:

Perante um tema – uma Biblioteca – tão dignificante e apetecível, (4) a maior parte dos trabalhos era desinteressante e de um conformismo confrangedor; Sei que ser diferente não é, só por si, qualidade.

Quantas propostas eram apenas exercícios gráficos fazendo de um Programa um Edifício – talvez Biblioteca;

Uma construção que serve bem uma função serve a todas (Louis Kahn).

Perante o Lugar/Sítio/Identidade da Instituição, etc., a oportunidade perdida foi desastrosa;

Outros exemplos datados também servem: Edifício da Biblioteca Nacional (Estado Novo), Torre do Tombo (em que estado?).

Relendo agora o Relatório do Júri lembro que sendo o mesmo constituído por sete elementos, apenas quatro nomearam em “valor absoluto” (5) o trabalho que veio a ser classificado em primeiro lugar.

Ainda hoje penso que foi a *força*, “carga simbólica que inquieta” disse um Jurado, do trabalho, segundo classificado – a bola, como alguns lhe chamaram – que o não deixou ganhar. Há medo.

Ficando a proposta do Manuel Vicente versus a de Domingos Tavares – a que alguns elementos do Júri apontaram “erros” – quem ganhou foi uma “qualquer” outra.

Os jurados têm de assumir as suas responsabilidades, saberem ou esforçarem-se para ler as propostas em apreciação, estarem presentes, para não ser por *dislexia* que se premeia um trabalho.

Especificamente sobre as propostas “classificadas”:

Trabalho 535659 (1º Prémio) de José Fernando Gonçalves e João Providência.

Não o incluí nos escolhidos em “valor absoluto” por isso nunca o votei.

Só a ele me referi para justificar a minha não escolha quando, na última sessão, me apercebi que, por exclusão de outros, com muito mais valor, estava a ganhar força para ser classificado entre trabalhos de muito mais valor.

Fiz então reparo do seu desajustamento ao local, da ausência de resposta ao apelativo do Programa, para “um Edifício simbólico, referenciado em todos os percursos”, da “precaridade” da solução arquitectónica, da

sua relação com o exterior (pátio a Norte?!), etc...

Poderia ser uma excelente e discreta, bem desenhada, coerente com a aproximação feita, etc., peça de arquitectura e por isso se impôr, mas as peças desenhadas e a memória descritiva tal não me comunicaram.

Trabalho 500408 (2º Prémio) de Lima Mayer (Coordenador) e Manuel Vicente.

Foi de facto o trabalho que por si se impôs, e todos os jurados o disseram.

Votá-lo para ser primeiro prémio, logo ser Obra, é que não, porque significaria um compromisso – eventualmente polémico – que alguns jurados preferiram não tomar.

A qualidade da solução arquitectónica proposta, o seu conteúdo, imagem e desenho, não foram questionados, foi mesmo dito – e não apenas por mim – ser de uma “grande coerência e peça muito forte”.

Também lhe descobriram baixos (ainda que parciais) pés direitos, talvez falta de ascensores, complexo, de difícil construção, etc.

O que penso da proposta é que: apenas é complexa, e não complicada, nem de difícil construção, porque assenta numa “estrutura” legível e simples onde aquela compartimentação (mas eventualmente, em muitos sítios também poderia ser outra) organiza a sucessão de espaços nomeáveis e com carga simbólica – para leituras de comédias ou dramas (6) – se ordena em relações de interioridade/exterior, quanto outras de interior/representatividade, ou ainda outras *livres* para qualquer apropriação que o objecto decerto despertaria.

São percursos, são tempos e idades (7) que se propõem.

Esferas, meridianos, solstícios.

Trabalho 079415 (3º Prémio) de Domingos Tavares e Augusto José Marques da Costa.

Foi um dos trabalhos mais constante em todas as avaliações, pelos diferentes jurados.

Pessoalmente questioneei a apropriação/implantação no território a concurso, quer pela orientação da “ala” entre blocos, quer pelas “torres”; a primeira mais pelo sentido, a segunda pela volumetria *insólita*.

O desenho da proposta, proposta que não me pareceu para aquele Programa (no sentido lato) e muito menos assim disposta no *sítio*, tem uma qualidade acima da média de outras classificadas.

Quanto às menções e creio que para “chamar” a atenção à qualidade de outros trabalhos presentes a concurso, estas não foram da melhor escolha.

Não resisto, e deixo-vos aqui uma memória intemporal:

No percurso sob a esfera armilar o mar emudece, a terra treme, a lua aquece e o sol se esquece.

(1) Quem não o votou para o primeiro prémio, votou-o para menção honrosa.

(2) Almada onde estaria e Lisboa que a olharia.

(3) Tal foi a posição do autor do mesmo.

(4) Sem entrar em apreciações o *espaço* e condicionantes que o Plano dava ou o detalhe do Programa exigia.

(5) Esta é designação correcta, constante do Regulamento, como primeira avaliação.

(6) Releitura de um inteligente comentário do mestre Cristino da Silva.

(7) Quando morre um velho acaba uma biblioteca, disse-o Agostinho Neto.

1º Prémio

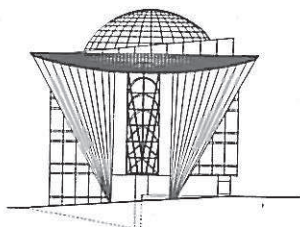
José Fernando Castro Gonçalves

NÃO FORNECEU ELEMENTOS

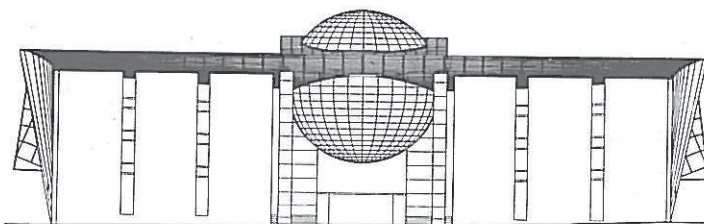
2º Prémio

AT.AT – Atelier de Arquitectura, Lda.

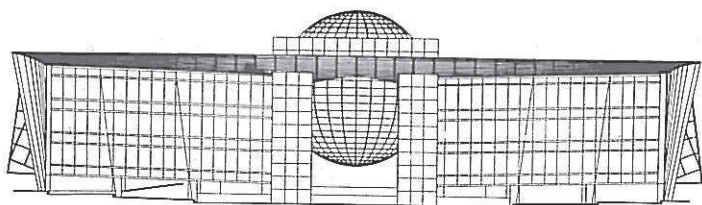
Coordenação do Projecto Diogo Lima Mayer Projecto Geral de Arquitectura Manuel Vicente, José Caldeira, Francisco T. Bastos, Madalena Cardoso de Menezes, João Palla – Est. Arq., Luís Freire – Est. Arq., Carla Curado Fundações e Estruturas GAPRES, Lda. Instalações TECNOPERT, Lda.



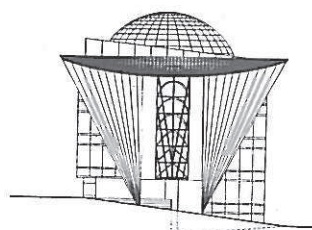
ALCADO POENTE



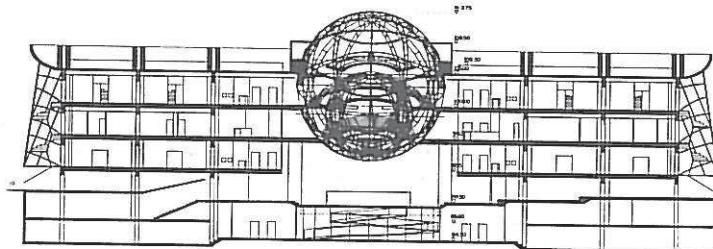
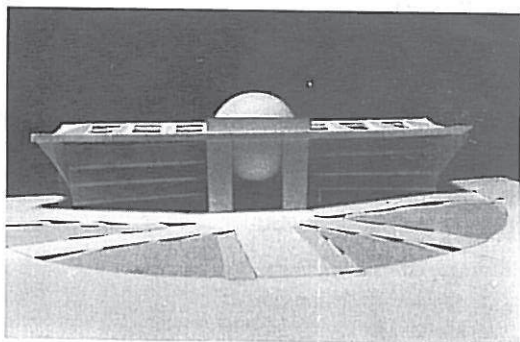
ALCADO NORTE



ALCADO SUL



ALCADO NASCENTE



CORTE AB

Um edifício não pode (não deve) conhecer a obsolescência funcional. É uma produção demasiadamente "pesada" para poder ser descartável como qualquer vulgar objecto de consumo, produzido em massa.

Por sobre as particularidades e exigências de qualquer programa de utilização, por mais complexo que possa parecer, há que sobrepor as invariantes do espaço e da forma, com universalidade bastante para acomodar a crescente mobilidade da circunstância (única lição afinal que não podemos ignorar na história).

(...)

CARACTERIZAÇÃO DA SOLUÇÃO

Não questionamos nem a simetria, nem a simbologia nem, obviamente, a memória (com o que lá está – no campus da Universidade Nova – e com o que o Plano Director prevê que lá venha a estar, propomo-nos continuar a escrita do "nome" da Instituição. E pretendemos esse texto sempre mais claro e exaltante, não só para quem o habita como ainda para quem desde fora o confere com o livro amplo da foz do Tejo na sua luminosa diversidade e contradição: Num dos topos de um percurso axial que se abre em meia-laranja – e num espelho de água – à espera de um biombo que filtre a dureza do terreiro de estacionamento e do tráfego que sobre ele gira em vaivém inconstante. Aí obedientemente nos colocamos decidindo voltar as costas ao mundo e o peito à laranja e à água que amorosamente suportam memórias de sol e oceano, compatíveis com a necessária abstracção da vida corrente – concreta.

É nesta paisagem diurna, activa, abrigando propósito, projecto, prospecto, que vamos invocar a lua, nocturna, vária e, finalmente, falsa.

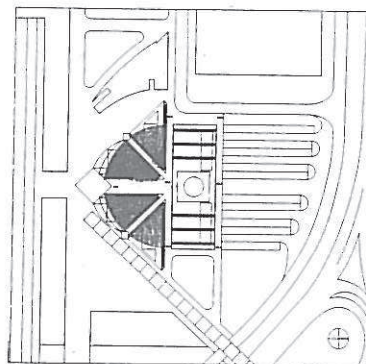
(...)

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL E RELAÇÕES FUNCIONAIS

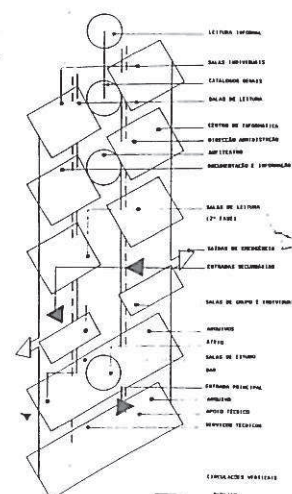
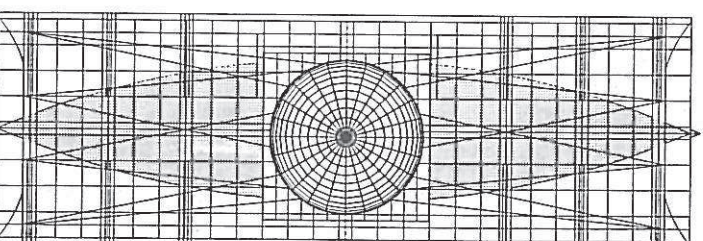
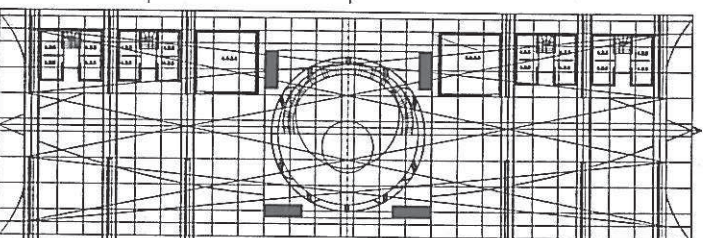
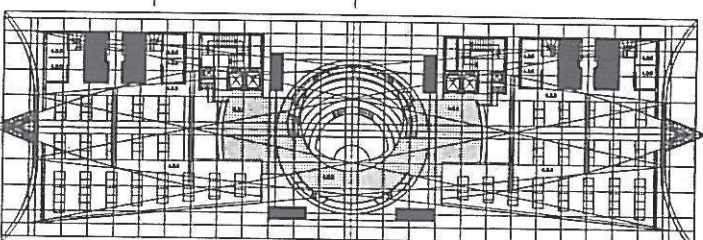
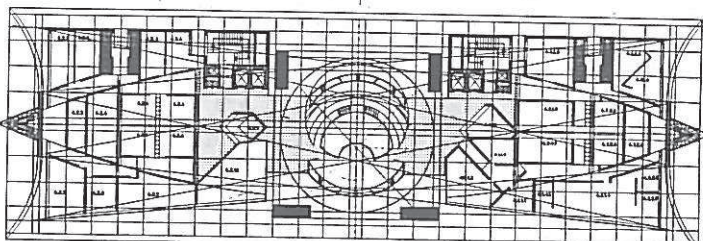
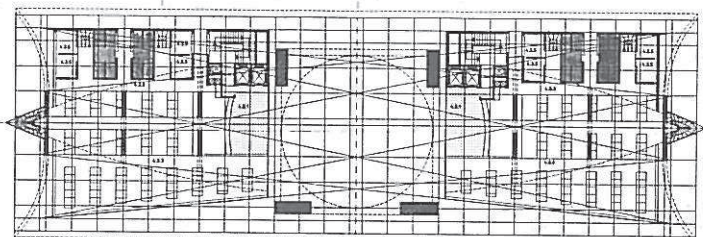
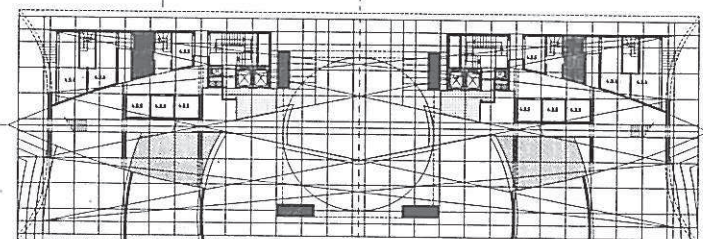
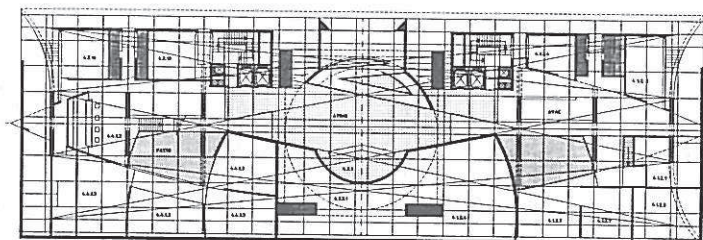
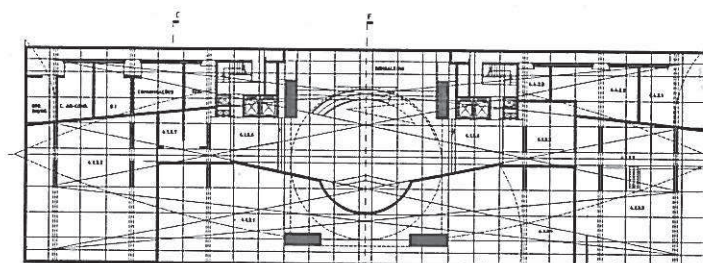
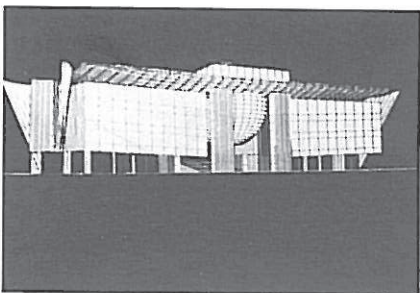
A nossa proposta é evidentemente a criação de um "ponto" forte, fulcral – dêem-me um ponto fixo e moverei o universo – por fora claro, mas não menos por dentro: a nossa falsíssima lua encerra uma esfera armilar que por sua vez, qual boneca russa, encerra o absoluto do vazio.

Esta teoria de esferas recebe e devolve toda a prática da instituição e do edifício.

Em termos muito concretos acreditamos que o esquema apenso descreve adequadamente a distribuição e relações das diferentes áreas e serviços desta Biblioteca.

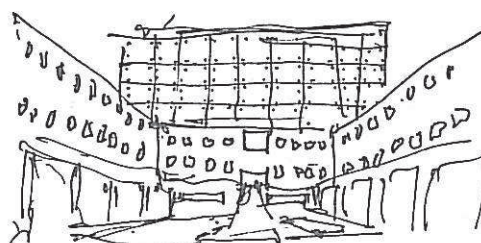
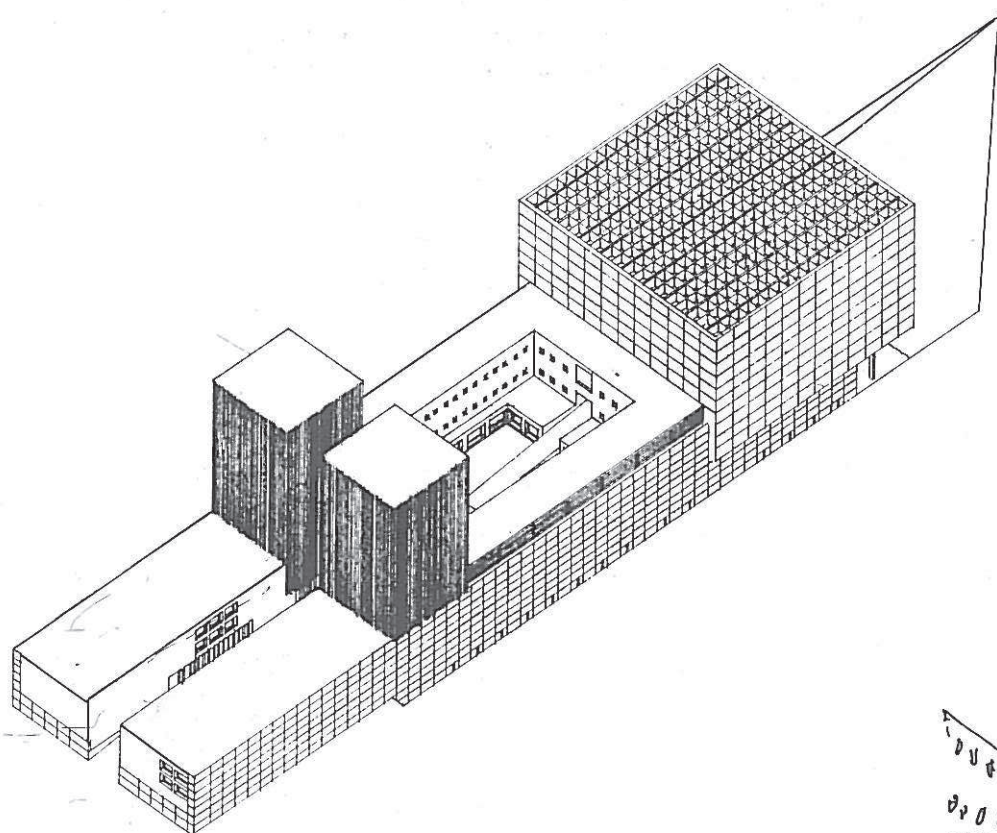


IMPLANTACAO



3º Prémio

Domingos Tavares
André Tavares



DOS CONCURSOS QUE SABEMOS

Nestes últimos dois anos entregámos 16 propostas a concursos públicos, tão diferentes como o plano para uma frente urbana do Porto, uma biblioteca de 30 mil metros quadrados no centro histórico de Edimburgo ou um pequeno palácio da justiça para uma zona de recente expansão urbana em Serpa. Um dos aliciantes das participações em concursos é a realização de trabalho com escalas e programas que por outras vias não nos vem parar às mãos. É também aliciante a expectativa de confrontação com outros conceitos, outras formas de encarar a arquitectura, diferenças que nos concursos se vão evidenciar quando do mesmo terreno e programa saltam propostas díspares em todos os sentidos.

Por esta via se vai criando um certo vício, quase comparável aos dos amadores da roleta, pois que os concursos disso se aproximam. Um trabalho violento, apaixonado e profundo, desenvolvido ao longo de dias e noites de paixão no estirador ou no bloco de esquiços é poucas vezes recompensado e a maior parte delas esquecido por nem sequer mencionado. No momento em que abrimos o envelope que traz a indicação do vencedor a emoção esvai-se num segundo, o projecto morre nesse instante quando ainda ontem pulava ofegante nas nossas cabeças. Só resta ir ver a exposição dos trabalhos e esperar que pelo menos tenha ganho um "jeitoso".

É aqui que se radicam as nossas dúvidas mais profundas sobre a utilidade dos concursos que se vão abrindo sob as mais desencontradas regras e nos levam a concluir que já chega. Os mecanismos de apreciação dos trabalhos concorrentes estão longe de corresponder ao empenhamento e esforço desenvolvido pelas equipas em competição. Regulamentos complicados, muita papelada cara de certidões e assinaturas, para uma apreciação final muito corrida dos trabalhos apresentados. Podem três sessões de poucas horas aferir dezenas de trabalhos realizados com muitas centenas de horas?

Acresce que os Júris não podem ser, "naturalmente", competentes. A sua designação é feita aleatoriamente por designação de entidades e resultam numa "misturada", reflectindo-se no seu funcionamento uma total ausência de coerência nas questões de cultura arquitectónica, o que se vai traduzir depois em escolhas apenas plausíveis. A conjugação de pessoas muito diferenciadas, com critérios diferentes, desavenças e protecctionismos vai traduzir-se num afastamento das específicas qualidades arquitectónicas dos trabalhos, cingindo-se quase sempre à preferência daqueles que apresentam "imagens cativantes". Dizia Frank Lloyd Wright que os júris têm de assumir consensos, privilegiando as qualidades médias, em correspondência com as qualidades médias dos seus componentes.

Talvez que este trabalho aqui apresentado seja disso boa amostra.

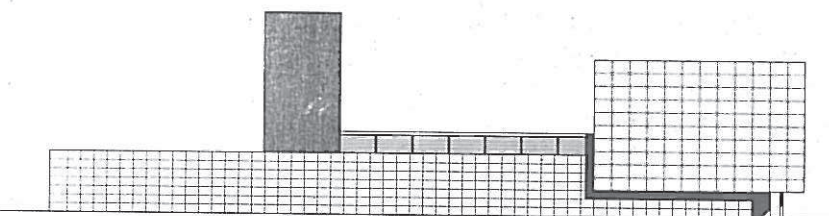
Sobre certo fascínio de primeira imagem podem não se ter sobreposto outras questões mais estruturantes de uma opção arquitectónica global e segura. Ter-se-ão mantido visíveis algumas qualidades médias que permitiram mencioná-lo como curiosidade. Porque não ganhou só alguns sabem.

A PROPOSTA

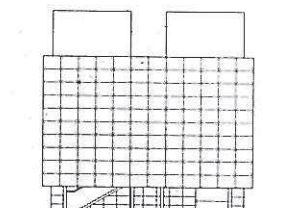
Pensar um edifício com carácter marcante, em qualquer lugar que seja, implica, logo à partida, uma posição agressiva do arquitecto perante o projecto, no sentido de imprimir a este jogo de tensão de formas fortes, o seu carácter e simbolismo. Isto pressupõe uma coexistência não pacífica entre os condicionantes (programa, limites relativamente determinados do lote), o arquitecto e o desenho que vai, constantemente, ganhando vida e força. Desta ideia de forma polivectorizada se vai construindo o projecto, num jogo de volumes interligados que de dia para dia vão ganhando novas formas, novos valores, novas imagens.

Assim, o resultado final é um jogo de volumes e imagens interconexadas que à medida que o utente se envolve com o edifício se vão exprimindo, tomando novas expressões de instante para instante.

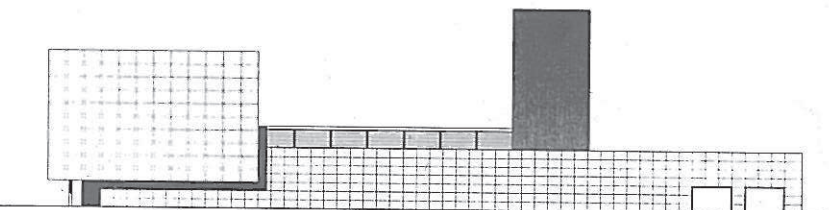
Surgiram então as formas, carregadas de um simbolismo por si próprias expresso. Volumes numa constante evolução que passaram a assumir um carácter de monumento à sabedoria expressa nos mesmos.



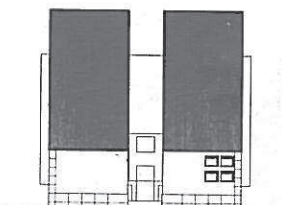
ALÇADO SUL



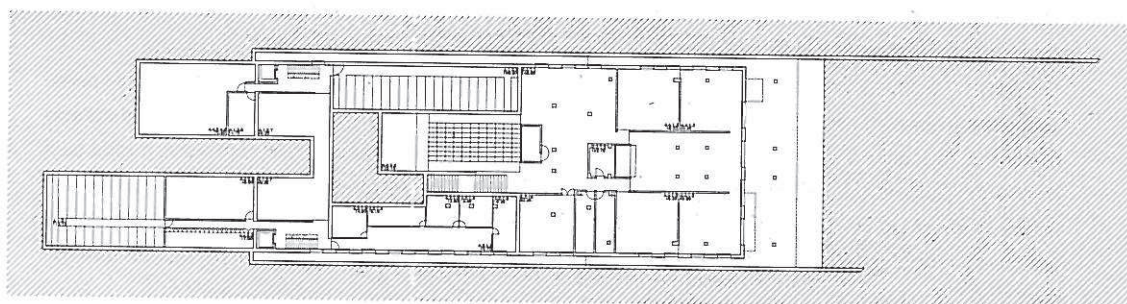
ALÇADO NASCENTE



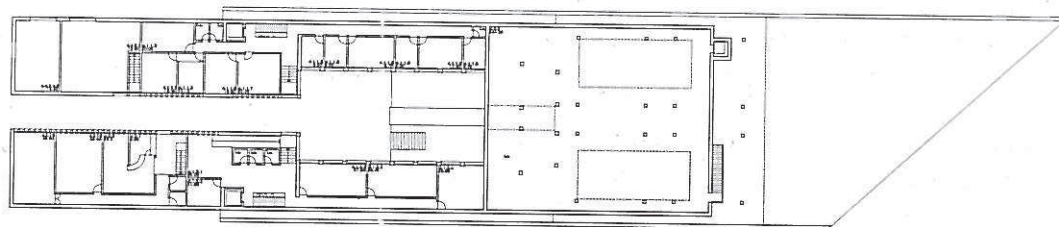
ALÇADO NORTE



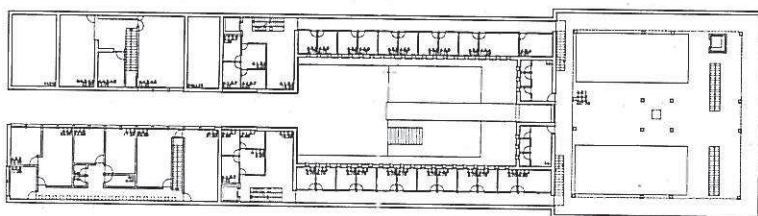
ALÇADO POENTE



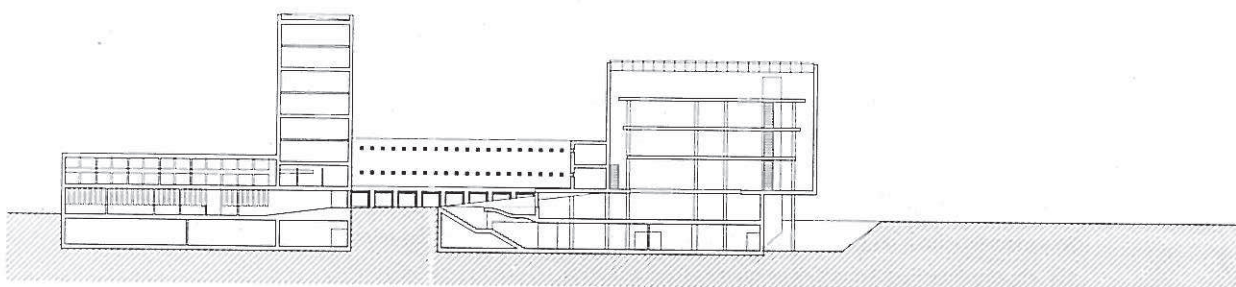
PLANTA COTA 86.50



PLANTA COTA 90.00



PLANTA COTA 93.50

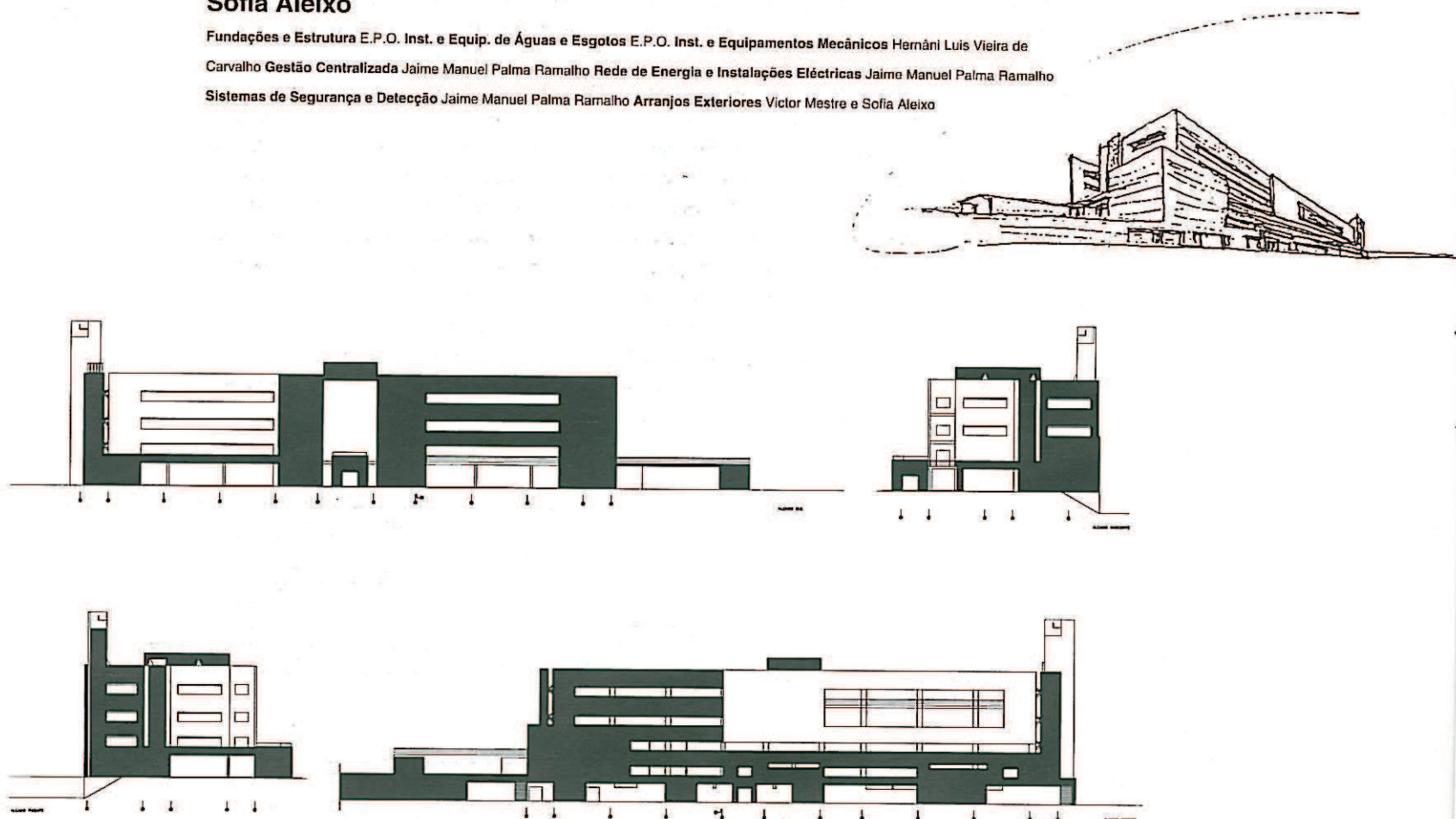


CORTE D

Menção Honrosa

Victor Mestre
Sofia Aleixo

Fundações e Estrutura E.P.O. Inst. e Equip. de Águas e Esgotos E.P.O. Inst. e Equipamentos Mecânicos Hernâni Luis Vieira de
Carvalho Gestão Centralizada Jaime Manuel Palma Ramalho Rede de Energia e Instalações Eléctricas Jaime Manuel Palma Ramalho
Sistemas de Segurança e Detecção Jaime Manuel Palma Ramalho Arranjos Exteriores Victor Mestre e Sofia Aleixo



DA MEMÓRIA DESCRITIVA

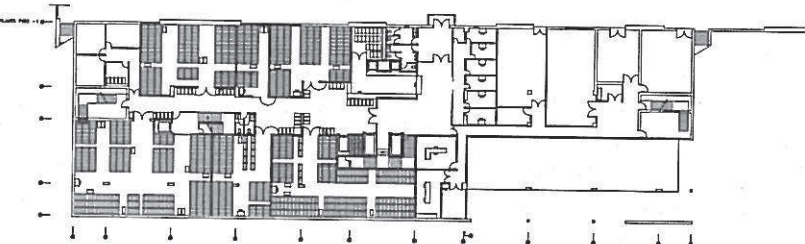
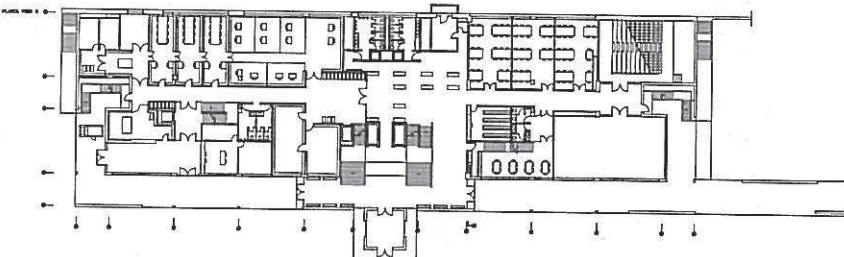
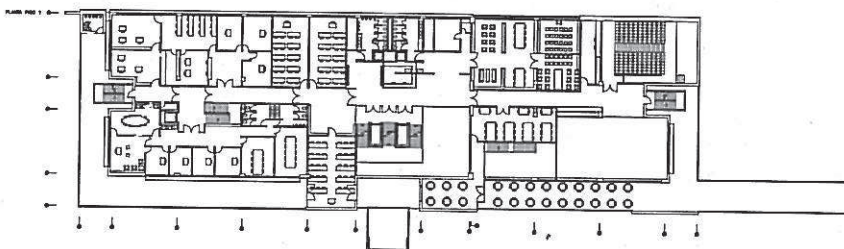
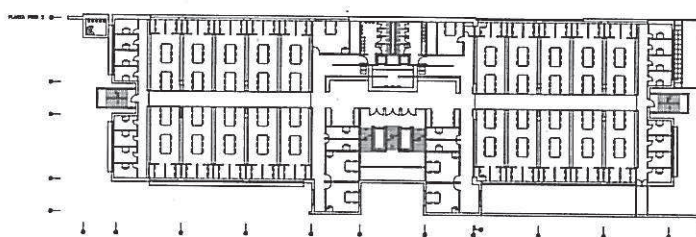
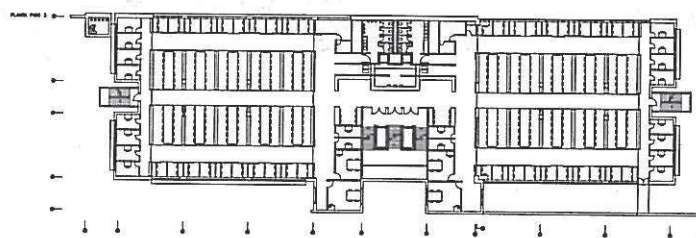
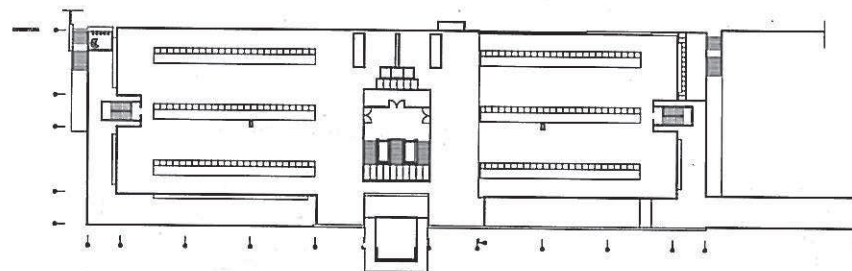
O ESPÍRITO DO LUGAR – A abordagem inicial começou no terreno, na envolvente próxima e na distante paisagem que em alguns “pontos de fuga”, entre ligeiros outeiros ou “adivinhando” um miradouro entre o vale escavado sobre o Tejo, deixa ver parte da Lisboa de meia encosta sobre Belém. O terreno revela um suave declive para Norte e constitui um lugar especial no contexto da urbanização do Pólo. A “disponibilidade” de vistas para Norte / Nascente e a possibilidade na elevação do edifício para outras vistas a Sul, na sua marcação de um referencial para com a entrada e pontos dispersos no Campus, constitui outro “sentir” no terreno do que poderia ser este edifício.

A ALMA E O CORPO – Uma biblioteca, antes de nos inteirarmos da sua complexidade funcional e tecnológica, é o edifício onde se guarda o “saber”. O conhecimento será o maior tesouro que o homem enquanto ser individual dispõe e, enquanto colectividade o sinal maior do seu grau civilizacional. A centralidade da localização do edifício no polo universitário, não sendo geométrica, é naturalmente o referencial na “humanização” da “grande cidade” que é o Campus. Ou seja, a diversidade de cursos em edifícios isolados torna as relações especializadas, que encontrarão na biblioteca o encontro social, proporcionando simultaneamente o encontro com o “saber”. (...) A espacialidade que procurámos surge após a ponderação dos aspectos funcionais e tecnológicos, mas também de valores que se prendem com a alma, ou seja, no fazer uma biblioteca procurando algo que nos dê a dimensão humana da arquitectura, aliada à interioridade do saber. O corpo sem alma é vazio de interesse e de beleza. A alma é o entendimento do edifício, e a sua repercussão na essencialidade transmite o equilíbrio e a harmonia dos volumes e das formas. Aprofundámo-la com a intenção de, através dela, conseguirmos registos espaciais valiosos configurados num conjunto de volume(s) que evitasse a leitura de um paralelepípedo deitado; por outro lado a necessidade de faseamento veio “auxiliar” na aparente fragmentação (contida) do volume. O “corpo” é neste edifício um conjunto de superfícies planas e rectas, salientadas pelo recuo ou projecção de volumes em dois graus de textura. O ensombramento de algumas linhas de recorte evidenciando zonas distintas do(s) volume(s) são os “valores decorativos” que irão reforçar nalgumas zonas com um revestimento (plano) de superfície. Pretendemos um edifício digno, através da caracterização volumétrica evitando toda e qualquer simbólica decorativista que consideramos desnecessária e perturbadora de um edifício desta “interioridade”.

Espacial e formalmente a opção de faseamento foi resolvida através da centralidade, expressa com maior veemência no alçado sul, criando a ideia de dois volumes unidos ao centro por uma zona de acessos e instalações espaciais. No alçado nascente uma fachada surge “descolada” do volume que permitirá manter a “ideia” de volume único, mesmo que os dois últimos pisos correspondentes à segunda fase, e situados em plano recuado não se encontrem construídos nos próximos anos. Também o tipo de revestimento irá neste caso manter a ideia de faseamento sem perturbar o conjunto.

O entendimento desta unidade passa inevitavelmente pela opção da distribuição de sectores por pisos, da sua clara identificação e do seu “arrumo” cuidado resultando uma teia eficaz de relações inter-sectoriais, hierarquizadas, em circuitos independentes de utentes e funcionários.

O **circuito do utente** inicia-se no átrio central onde a escadaria e a variação do pé-direito serão possíveis sinais de deslumbramento pela luz coada que desce a cobertura, pelos revestimentos a cantaria e ainda pelos "vazios" e "cheios" do alçado interior deste núcleo. Com esta atitude apostámos na simplicidade das formas evitando a retórica decorativista. Aqui localiza-se um conjunto de serviços onde equipamentos e toda uma complexidade tecnológica funciona em "espinha dorsal", como centro nevrálgico do conjunto. Estes átrios centrais e centralizados, dão acesso às **salas de leitura** que serão distribuídas em dois pisos, "comunicando" visualmente por uma zona de pé direito duplo. A qualidade ambiental e o conforto visual representam uma das preocupações presentes na optimização dos espaços de leitura, nomeadamente, no alçado Sul teremos uma fenestração protegida por palas e pela "descolagem" de parte da fachada criando uma espécie de "brise soleil". Os expurgos por serem unidades singulares e por iniciarem o **circuito do livro** foram estrategicamente colocadas num dos topos do edifício conferindo a este uma expressão arquitectónica especial; para resolver a necessidade de evacuação dos gases tóxicos projectou-se uma torre chaminé que ao ultrapassar a cota máxima do edifício se transforma numa elegante torre de relógio e esperamos no ex-libris da biblioteca. Podemos imaginar a sua presença na paisagem como referência do Campus tal como a torre sineira da Igreja do Monte que sobressai do casario envolvente. Esta proposta pretende cumprir os aspectos mais significativos expressos em programa e, valorizá-los com novos dados funcionais, tecnológicos e estéticos. Procurámos um conjunto de ideias que enriquecessem o espaço vivencial assim como uma imagem arquitectónica contemporânea duradoura.



Menção Honrosa

Samuel Torres de Carvalho

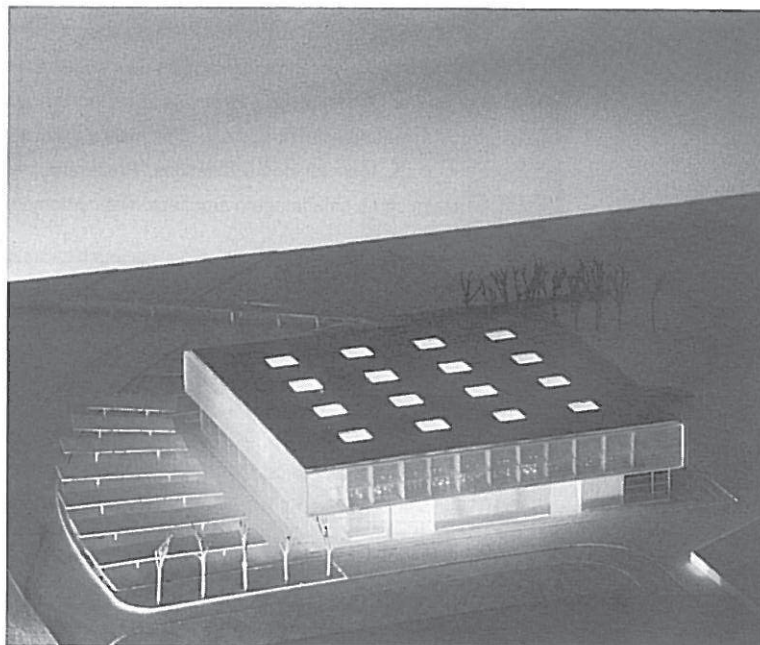
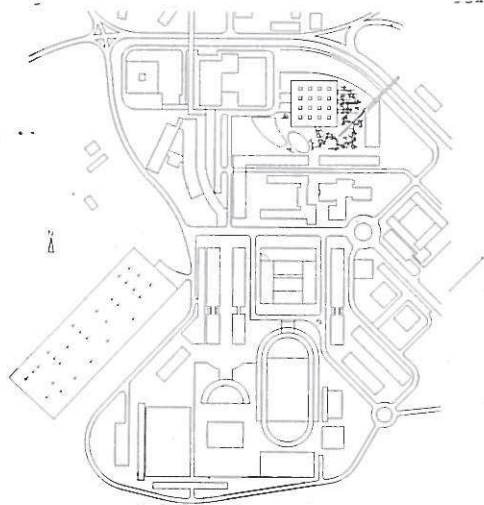
Arquitecto Associado

Pedro Palmero Cabezas

Colaboradores Rafael Hormaechea, Jesús Hierro Sureda, António Moreno, Ricardo Tendero, Juan Antonio Ramiro, Eduardo Verdejo, Mar

Secades Gráfico Carlos G. Estades Maquete Samuel Torres de Carvalho Fotografia 4 D Asociados Estrutura e Fundações António Manuel

Fonseca Instalações Gerais Luís Malheiro da Silva S.A. Instalações e Equip. de Águas e Esgotos José Vieira Sampaio



MEMÓRIA DESCRITIVA

Negámos as grandes áreas de leitura, pela sua falta de aconchego pela sua dificuldade de iluminação adequada e pela sua ineficaz e honorosa climatização.

Negámos os arquivos "mortos" situados em caves ou pisos diferentes da sala de leitura.

E negámos também a forma da biblioteca proposta no plano, pela sua incapacidade de gerar espaços adequados a uma biblioteca de hoje pela sua inadequada posição e forma.

Projectámos uma biblioteca viva, onde a medida do Homem é a medida de todas as coisas.

Um contentor de informação, em todas as suas formas, onde circula e onde mergulha o Homem.

É aí que o utente encontra o seu recanto de leitura. O canto e o recanto que é sem dúvida um elemento primário da nossa reflexão. Pensámos que a biblioteca devia ser a soma de todos os recantos em que neles cada leitor encontraria o seu local adequado para o desenvolver do seu trabalho e adequado também ao seu tamanho e escala.

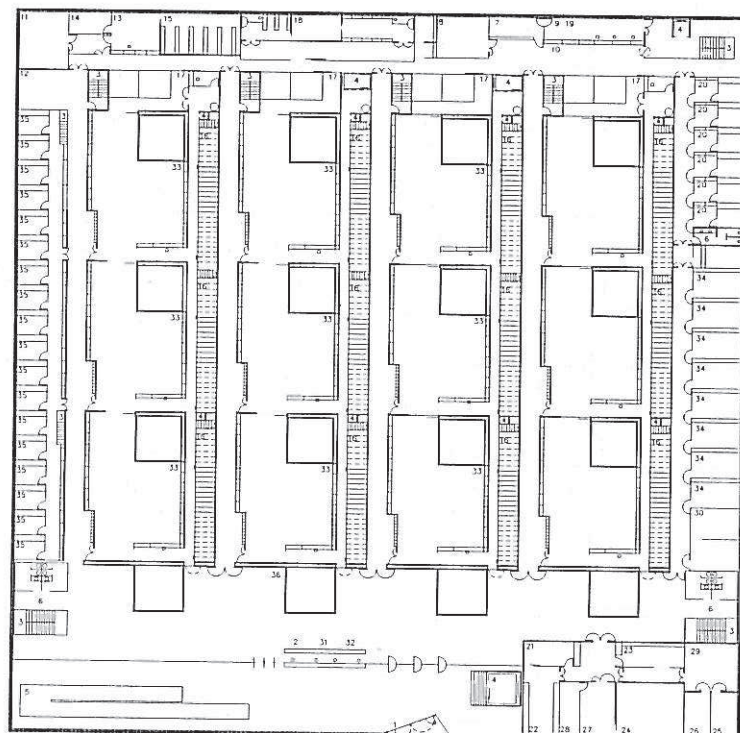
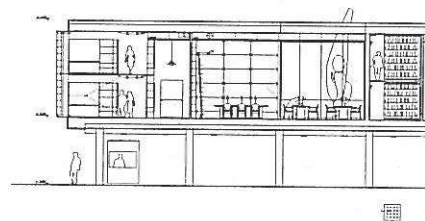
O edifício é quadrado, rigorosamente medido de quase cinco metros de altura situado como se levasse a uns três metros do nível do chão.

A sua estrutura arquitectónica foi concebida para conseguir o tamanho, a adequada posição e relação de espaços conseguindo que não haja nenhum posto de leitura a mais de cinco metros de uma "janela", procurando que a luz natural banhe todo o interior, e por conseguinte que haja uma poupança de energia e o consequente benefício para o utente. Isso consegue-se sem nenhuma complexa estrutura, sem recorrer a clarabóias, com o problema térmico, estrutural e de controle climático que isso pressupõe, nem nenhum outro sistema complexo de entrada de luz.

Tratam-se de uns pátios de aproximadamente 5x5x5 metros, que estrategicamente dimensionados possibilitam a entrada de luz para os espaços de leitura e arquivos, permitindo a adequada iluminação e ventilação de todas e cada uma das peças da biblioteca. Tais pátios são formados por um diário de pedra orientado a sul e uma esquina de vidro do chão ao tecto, permitindo assim que seja a melhor luz, a reflectida, que banha as salas.

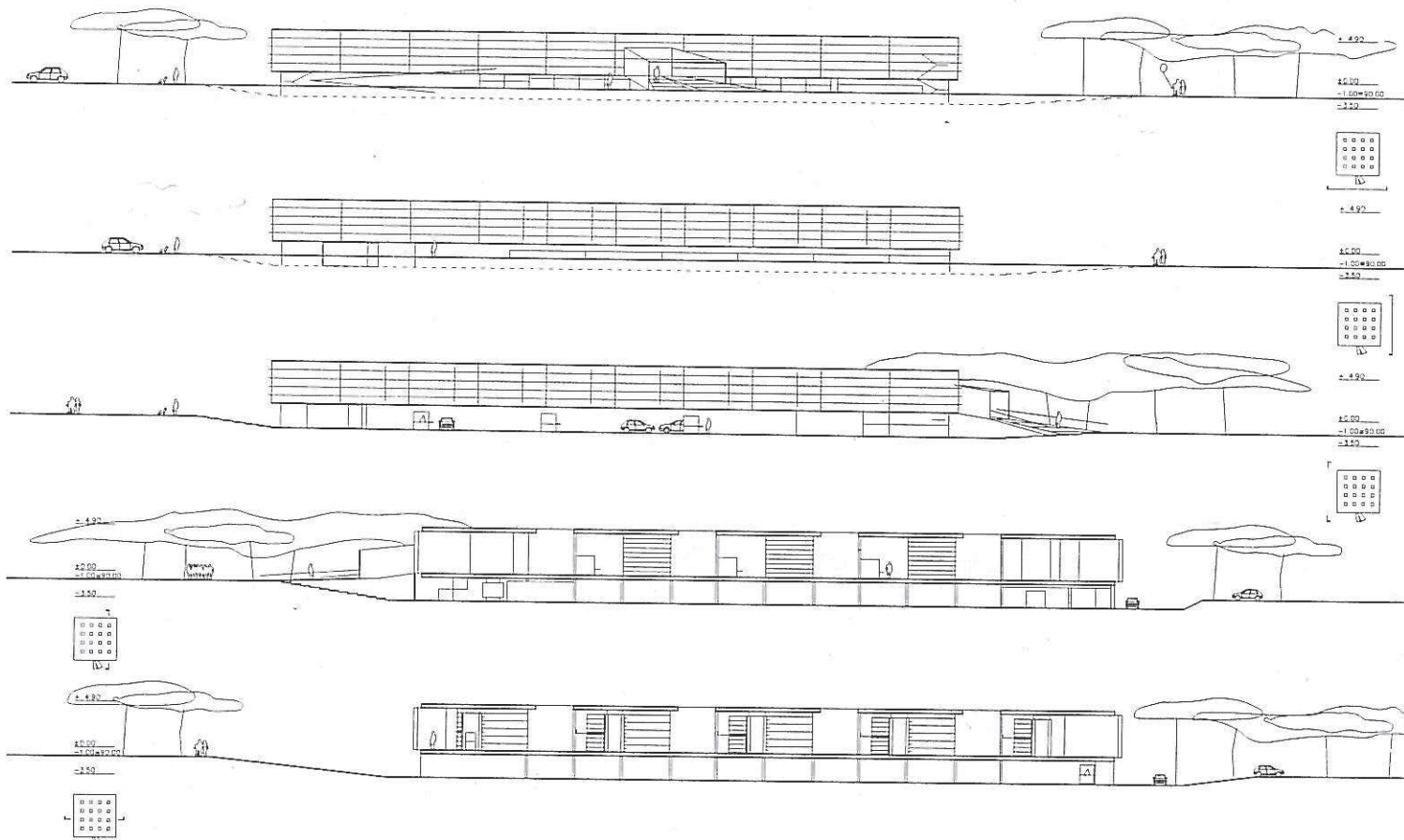
Esta estrutura compositiva, ordenada e racional, combina-se com uma ordem de circulação separativa entre público utente e serviço, absolutamente eficaz, simples e evidente à base de duas estruturas em "pente" encaixadas, enfrentadas...

...Finalmente o vidro prensado da fachada, o cuidadoso acabamento da extensa coberta invertida, à base de placas de betão flutuantes e o estudo rigoroso dos detalhes e dos encontros, assim como o uso no interior da madeira – nas salas de leitura e no mobiliário, e no pavimento contínuo em cor cálida, em algumas áreas, o estudo da luz e o emprego da pedra e do vidro nos pátios serão a garantia de que o espaço da biblioteca será aquele espaço agradável onde estar, estudar e conviver.



- 1 - ACESSOS
- 2 - RECEPÇÃO
- 3 - ESCADAS
- 4 - ELEVADORES
- 5 - RAMPA
- 6 - LAVABOS
- 7 - CAB. DO BIBLIOTECÁRIO - 411.1
- 8 - SALA DE REUNIÕES - 411.2
- 9 - SECRETARIADO - 411.3
- 10 - ESPERA - 411.4
- 11 - CAB. TÉCNICO - 411.5
- 12 - SALA DE TRABALHO COMUM - 411.6
- 13 - SECRETARIA ADMINIST. - 411.7
- 14 - CAB. DO RESPONSÁVEL - 411.8
- 15 - ARQUIVO ADMINISTRATIVO - 411.9
- 16 - DEPOSITOS COMPACTOS - 41.31/41.32/41.33
- 17 - ÁREAS DE ARQUIVO - 41.34
- 18 - SALAS DE EMPURGO - 41.35
- 19 - RECEPÇÃO E CONTROLO - 41.36
- 20 - RESERVADOS - 41.37
- 21 - RECEPÇÃO E ATENDIMENTO - 42.1
- 22 - SALA DE CONSULTA A REDES - 42.2
- 23 - COMUNICAÇÕES - 42.3
- 24 - REPRODUÇÃO - 42.4
- 25 - CAB. RESPONSÁVEL - 42.5
- 26 - CAB. TÉCNICO - 42.6
- 27 - MUSEUM BIBLIOGRÁFICO - 42.7
- 28 - EXPEDIENTE DE INFORMAÇÃO - 42.8
- 29 - SALA DE TRABALHO COMUM - 42.9
- 30 - AÇÕES DE FORMAÇÃO - 42.10
- 31 - RECEPÇÃO E ATENDIMENTO - 43.1
- 32 - CATALISOS GERAIS - 43.2
- 33 - SALAS DE LEITURA - 43.3
- 34 - SALAS DE GRUPO - 43.4
- 35 - SALAS INDIVIDUAIS - 43.5
- 36 - LEITURA INFORMAL - 43.6

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16



**Concurso Público para o Estudo Prévio do Departamento
de Engenharia Mecânica da Faculdade Ciências e Tecnologia da Universidade
Nova de Lisboa - Monte da Caparica**

João Belo Rodeia
Rep. AAP no Júri

22

Jeune Homme Triste Dans Un Train
(ou a pensar em concursos), 1995

Pedi-me o Jornal Arquitectos um pequeno texto acerca da minha experiência como jurado no Concurso Público para o Estudo Prévio do Edifício de Engenharia Mecânica/Engenharia Industrial para a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, em Monte da Caparica / Almada.

Por várias razões hesitei em responder e a opinião será sumária. E sê-lo-á, sobretudo, porque da minha (pouca) experiência como jurado, este foi um concurso com algumas dificuldades de percurso que não referirei, e com erros de metodologia que apontarei de seguida. Também, porque a problemática dos Concursos Públicos de Arquitectura em Portugal não é, pelo menos para mim, assunto arrumado ao qual me acomode.

Por isso, antes preferiria meditar acerca dessa problemática, nomeadamente sobre as questões da ética e da transparência que a ela deveria ser inerente, e da relevância cultural que deveria testemunhar, ou acerca da minha própria experiência no outro lado do muro, como concorrente em vários concursos, dos quais guardo – como muitos de vós – boas e más recordações.

Das más, perdoem-me o aparte pessoal, serve como

exemplo o Concurso para a Ampliação da Assembleia da República, considerado como um dos mais parcos, metodologicamente reprováveis, processualmente inenarráveis e deontologicamente lamentáveis de que tenho memória nestes últimos anos de concursos, sobretudo na fase final, assunto que aliás ainda não está de todo encerrado, na medida em que julgo haver processos pendentes em tribunal a ele referentes, e o regulamento não ter sido cumprido na totalidade (relatório/acta/descritivo e justificativo do júri, exposição dos quatro trabalhos finais a concurso, onde estão eles Sr. Presidente do Júri, deputado José Lello?). Falo especificamente deste, não tanto por ter sido concorrente, mas antes pelo péssimo exemplo que um dos órgãos de soberania mais importantes do País, do Portugal democrático, deixou transparecer para a classe profissional em particular, e para os cidadãos em geral. E, meus amigos, não deixa de ser triste que vos diga que este é o exemplo de desrespeito que ainda merece a nossa profissão para muitos dos agentes do Poder, e deles nenhum excluo.

Ou o Concurso de Ideias para a Expo'98 (ainda se lembram?), onde não participei por acertada desconfiança, e que julgo não ter deixado boas memórias em (quase) todos os arquitectos que nele se empenharam. Quantos dos concorrentes distinguidos e premiados são os actuais agentes das principais intervenções

es na Arquitectura da Expo'98? Poucos, muito poucos. E, se me permitem, parece-me igualmente pouco claro todo o processo de encomenda directa e de concursos por convite do Commissariado da Expo'98. Isto não significa que, entre os arquitectos escolhidos, não se incluam óptimos profissionais – tenho, por alguns, profunda estima – e deles não surjam excelentes projectos de Arquitectura. Porém, acredito que estão de todo comprometidos o arrojo e a possibilidade experimental da Expo'98. Enfim, há verdades que doem mas que devem ser ditas e uma delas é que, em vez de toda a poeira com que enfeitaram os arquitectos portugueses – entre eles, os mais jovens – no referido concurso, mais valia que o processo fosse linear desde o início com encomendas directas (como, em grande parte, aconteceu na Expo'92 de Sevilha). Seria decerto polémico mas, pelo menos, o procedimento seria transparente e, nesse sentido, honesto e sem amargos de boca.

E o mais grave, é que a AAP não soube, não pôde ou não quis assumir-se perante tais factos. Aceitou-os e, em vez de locomotiva, preferiu ser carruagem. Talvez outra hipótese fosse impossível. Talvez a rapidez de todo o processo o impedisse. Porém, pergunto se não haverá excessiva cedência da AAP neste contexto, e se para tal não contribui o facto da difícil isenção de quem é, simultaneamente, arquitecto convidado ou contratado da Expo'98 e membro eleito de qualquer um dos corpos directivos da AAP. Não que não o possa ser e fazer (1). Mas antes porque esse compromisso profissional diminui a capacidade de manobra, dificulta a atitude crítica, e inviabiliza a possibilidade de dar voz à inquietação de muitos associados da AAP, perante os pesos do acontecimento. Fica a pergunta e nela faço questão, nem que seja pelo gosto de livremente respirar. Pela minha parte, assumo a quota parte de responsabilidade que me cabe. Neste sentido, alertei recentemente o Conselho de Delegados da AAP para que reflectisse acerca do actual enquadramento dos Concursos de Arquitectura em Portugal, e do papel de crescente responsabilidade que a AAP deveria assumir na defesa dos seus associados e da Arquitectura Portuguesa. Guardarei para melhor ocasião uma reflexão alargada sobre este assunto.

Mantenho a melhor recordação do primeiro Concurso de Arquitectura em que participei como jurado, e nunca noutro encontrei tão elevado grau de responsabilidade, ponderação e eficácia. Tratou-se do Concurso para o Complexo Turístico do Cais do Marvão no Funchal (ganho pela equipa do Arqº Gonçalo Byrne), promovido pela respectiva Câmara Municipal e em que tentei honrar os meus compromissos para com a instituição que representava, a AAP. Apesar de não ser público mas por convite, e apesar da maioria dos membros do júri não serem arquitectos, houve uma

total disponibilidade para discutir todos os aspectos que envolviam as propostas apresentadas, incluindo a possibilidade dos concorrentes apresentarem os respectivos projectos, e responderem às dúvidas suscitadas pelo Júri. Foi notório como o tempo e o diálogo aberto entre os jurados, e entre estes e os concorrentes, ajudaram à evolução das diversas opiniões iniciais para um quase consenso na escolha final. Aliás, o próprio relatório do júri constitui ainda hoje um documento que julgo exemplar pela respectiva reflexão crítica e dimensão cultural.

Sem querer entrar em pormenores, foi sobretudo a falta de tempo e o inconsequente amadurecimento crítico aquilo que mais marcou o Concurso citado para o Campus Universitário do Monte da Caparica. Sobretudo porque se tratou de avaliar não um mas três Concursos simultâneos para o mesmo Campus, havendo jurados que faziam parte dos três Júris (felizmente não era o meu caso), com muito pouca disponibilidade para discussão e reflexão dos vários jurados, e menos ainda de possibilidade de diálogo entre eles (também nisto assumo a minha quota parte de responsabilidade). Isto não significa que os resultados finais fossem diferentes se o procedimento tivesse sido outro. Mas o contrário também não deixa de ser verdade, o que não retira o reconhecido mérito à proposta ganhadora, da equipa do Arqº Carlos Sousa Dias. Cumpre-me, também, salientar a meritória qualidade da grande maioria das propostas apresentadas.

Cada vez mais acredito que a haver concursos públicos e anónimos, estes deveriam ter duas fases. A primeira corresponderia a uma selecção de um número estipulado de concorrentes segundo critérios de avaliação pré-definidos, e a segunda, necessariamente não-anónima, deveria incluir a obrigação de auscultar os diferentes concorrentes de forma directa. Isto para já não falar de maior cuidado na preparação dos concursos e da escolha criteriosa daqueles que os organizam, da necessária qualidade (não só) técnica dos respectivos regulamentos e procedimentos burocráticos, da total transparência nas metodologias processuais e nos sistemas de avaliação dos júris e, acima de tudo, da selecção dos jurados em função do concurso que avaliam, inseparável da isenção, da inerente dimensão ética e do respectivo mérito cultural. E julgo que em tudo isto a AAP terá oportunamente uma palavra a dizer e outra a fazer. Assim o espero.

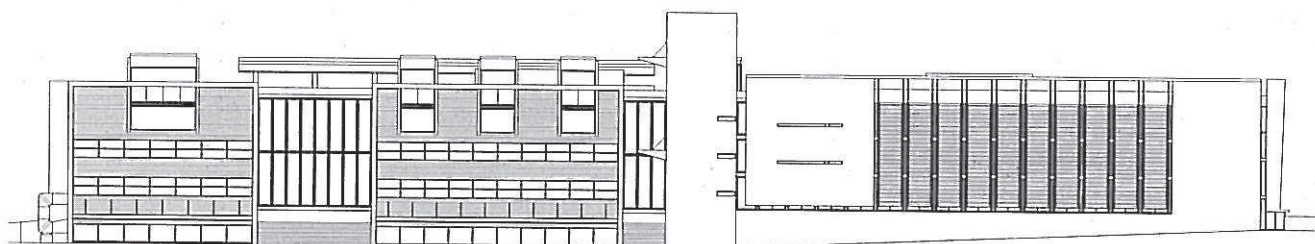
(1) Antes que alguém o diga antes de mim, não sei o que faria se fosse convidado para a Expo'98. *Touché*. Indirectamente já o fui e, no caso específico, recusei. De qualquer modo julgo que essa possibilidade – no meu caso (muito) remota – não inviabiliza as questões éticas enunciadas, que se prendem com o relacionamento institucional da AAP – e dos membros dos seus órgãos de tutela – com os agentes do Poder.

1º Prémio

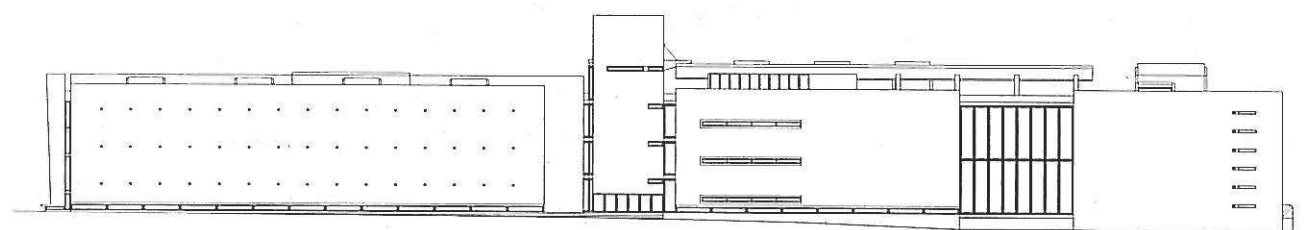
Carlos Sousa Dias, Gitap SA

Estrutura Luis Marques, Gitap SA Instalações Mecânicas Celestino Viegas, Gitap SA Instalações Eléctricas António de Almeida, Gitap SA

Inst. Segurança Luis Milreu, Gitap SA Águas e Esgotos José João, Gitap SA

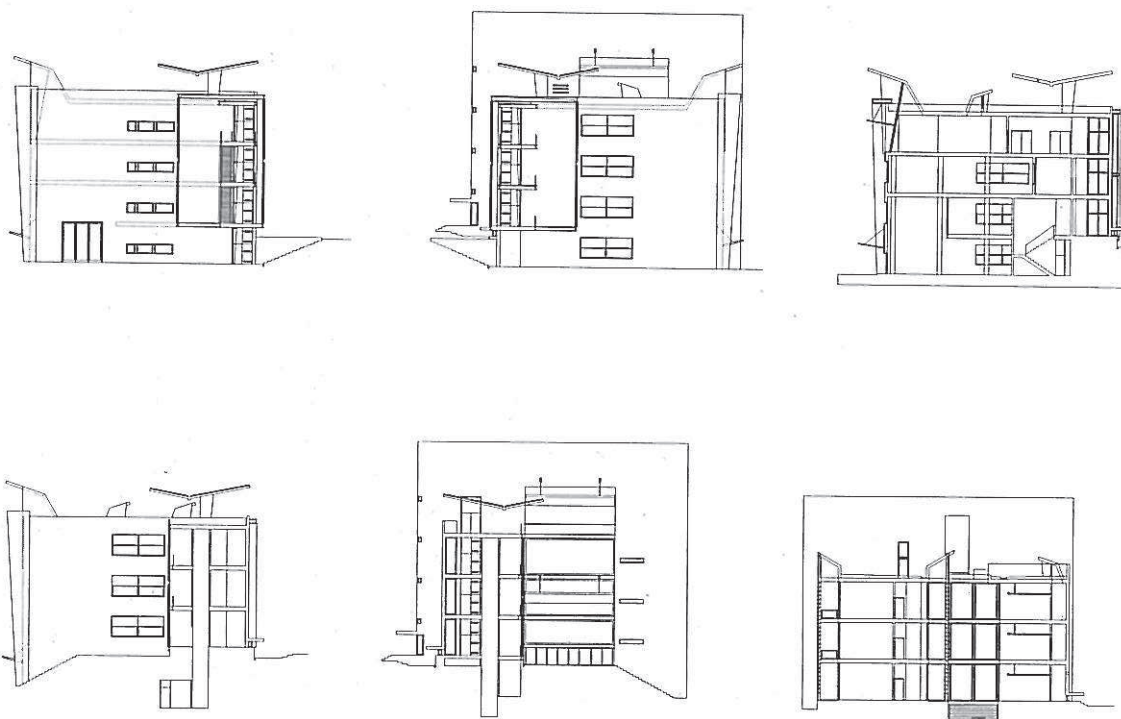


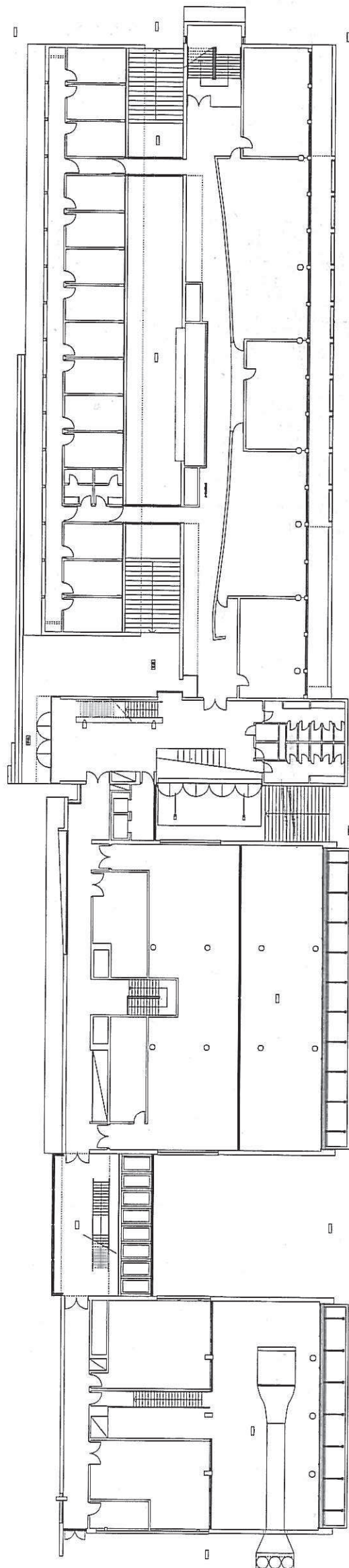
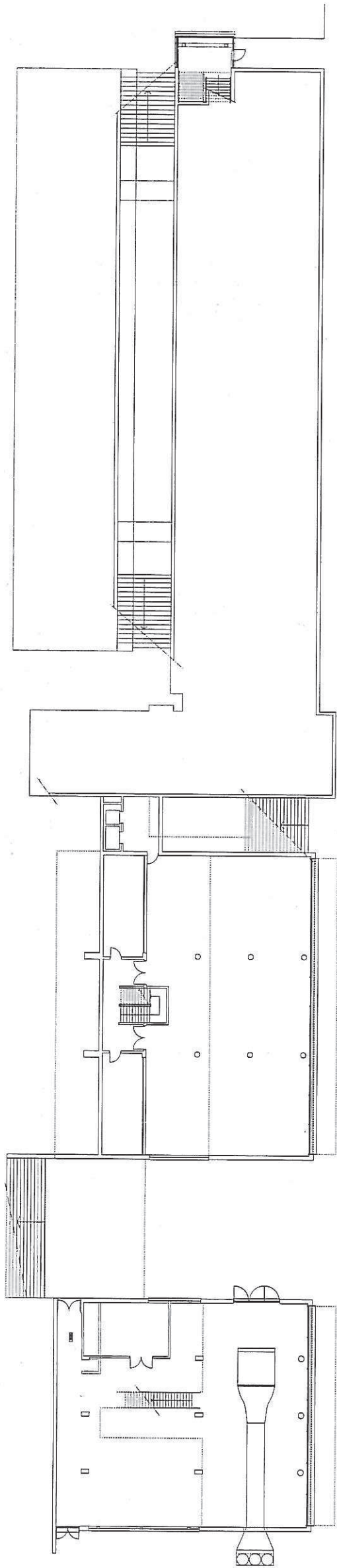
SECCO: 10/07/77



SECCO: 10/07/77

[...o local de implantação do edifício é um terreno rural já parcialmente destruído pelas construções existentes. Este aspecto complementando as normas e modelações do plano originam um grande distanciamento entre o objecto construído e o "lugar"....]

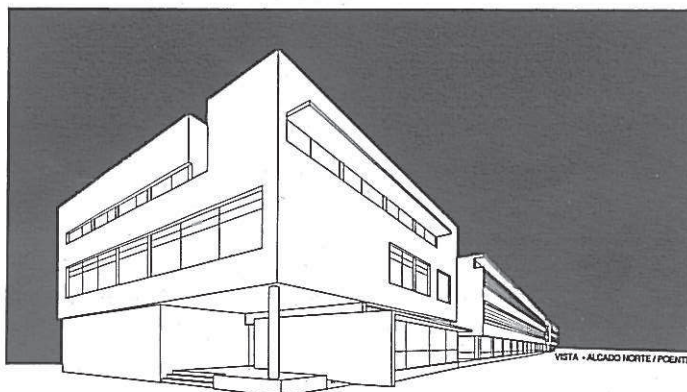
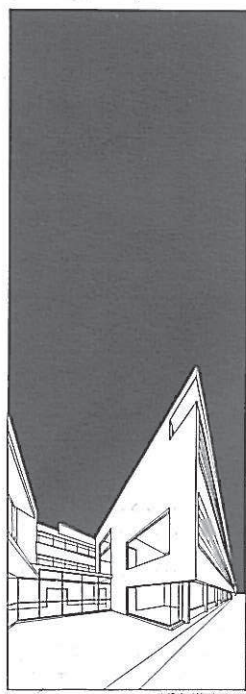




2º Prémio

Pedro Vasconcelos Rodrigues
Conceição Fernandes

Colaboração Nuno Almeida (est) Estabilidade João Paulo Ribeiro Instalações Eléctricas António Almeida Instalações Mecânicas Miguel Santos Águas e Esgotos João Paulo Ribeiro



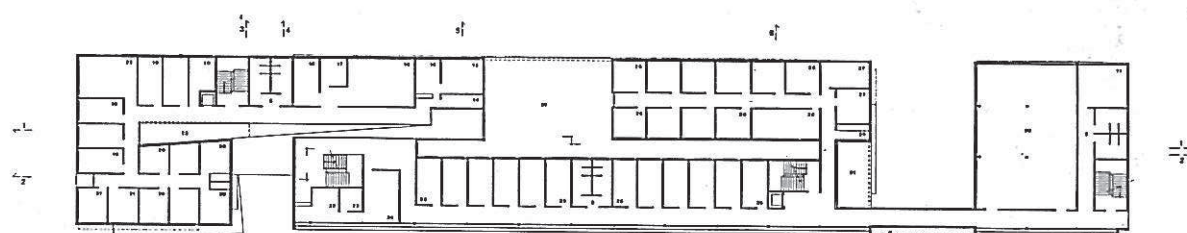
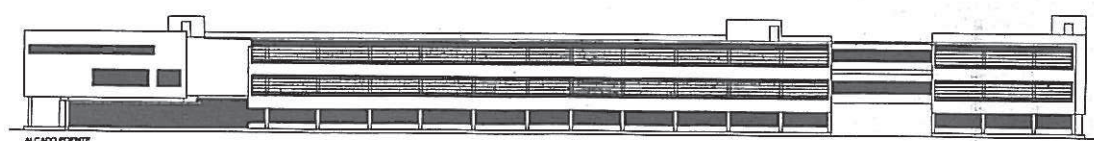
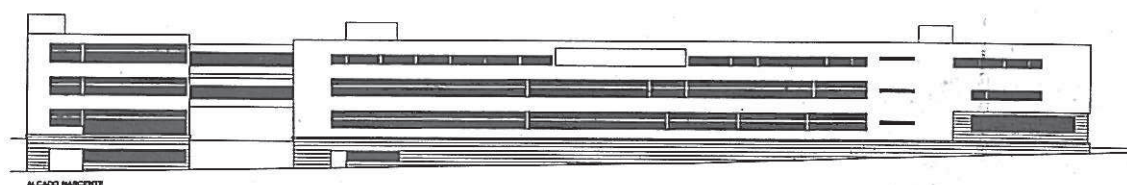
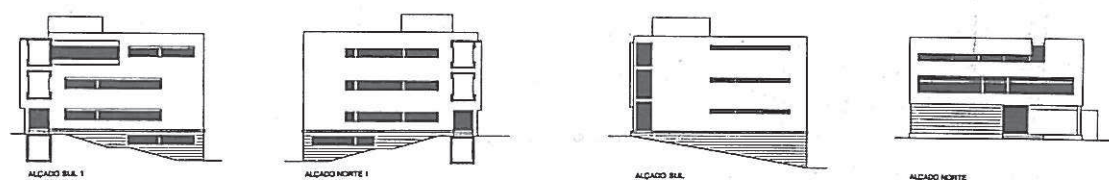
O edifício implanta-se num rectângulo de 90 x 20 m, ligado por uma ponte a um segundo corpo de 18 x 20 m, como foi sugerido no Plano de Pormenor do Campus Universitário. A ponte, existe uma praça e um outro departamento do Campus, a nascente uma das ruas de acesso ao edifício e a norte, a rua principal que sugere a entrada nos respectivos departamentos.

Elaborou-se este projecto tendo como ponto de partida a existência de dois departamentos num só edifício, procurando uma diferenciação formal entre eles. Criou-se assim um edifício com autonomia e unidade, gerando contudo diferentes relações com a envolvente. Como resultado o Departamento de Engenharia Industrial forma um "L" com as suas fachadas principais a norte e a nascente, e diferencia-se do Departamento de Engenharia Mecânica por meio de um pátio exterior a poente e um pátio interior.

Visto serem departamentos com certas semelhanças, optou-se por criar um espaço de entrada comum contendo o Apoio Social, permitindo um ambiente de convívio entre os utentes: o bar/convívio e o pátio exterior relaciona-se intrinsecamente com a praça. Os pátios surgem como elementos fundamentais na criação de vistas, iluminação natural para as circulações e átrios, e como espaços de descompressão no edifício. A poente, as fachadas para a praça diferenciam-se, consequência do espaço interior dos dois departamentos e da sua autonomização. Nesta fachada, os brises-soleils para além de protegerem o edifício dos raios solares, dão unidade ao edifício.

Do Átrio principal entra-se para os dois departamentos; no piso térreo e superiores eles são distintos e isolados, podendo no entanto existir comunicação interior, se assim se desejar.

O esquema funcional foi resolvido não só pela acessibilidade aos diferentes sectores, mas também com vista ao seu melhor funcionamento. O projecto é constituído por: piso térreo – Átrio, Bar, Salas de Aula e Laboratórios; piso intermédio – Biblioteca, Informática, Salas de Aula e Laboratórios; piso superior – Direcção e zona de Docentes.



PSO 2 GETTA 100.00

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA INDUSTRIAL

- 1. ECONOMIA INDUSTRIAL
- 2. ECONOMIA DE EMPRESAS
- 3. ECONOMIA DE MERCADO
- 4. ECONOMIA DE RECURSOS
- 5. ECONOMIA DE TRANSPORTES
- 6. ECONOMIA DE ENERGIA
- 7. ECONOMIA DE INFORMACAO
- 8. ECONOMIA DE INOVACAO
- 9. ECONOMIA DE SUSTENTABILIDADE
- 10. ECONOMIA DE SERVICOS
- 11. ECONOMIA DE MANUFATURAS
- 12. ECONOMIA DE AGRICULTURA
- 13. ECONOMIA DE MINERACAO
- 14. ECONOMIA DE CONSTRUCAO
- 15. ECONOMIA DE SAUDE
- 16. ECONOMIA DE EDUCACAO
- 17. ECONOMIA DE CULTURA
- 18. ECONOMIA DE TURISMO
- 19. ECONOMIA DE MEIO AMBIENTE
- 20. ECONOMIA DE TRABALHO

DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM DEBILITANTE

- DE METALACÃO DENTÁRIA
- DE PRÓTESE LINGUODENTÁRIA
- DE ORTODONTIA
- DE ODONTOLOGIA DO DENTISTA GERAL
- DE ODONTOLOGIA 1.º GRÁU DE ESPECIALIDADE
- DE ODONTOLOGIA 2.º GRÁU DE ESPECIALIDADE
- DE ODONTOLOGIA DE ESPECIALIDADES
- DE SALA DE PROCEDIMENTOS
- DE CDDA
- DE LABORATÓRIO DE CÉLULAS DE ODONTOLOGIA

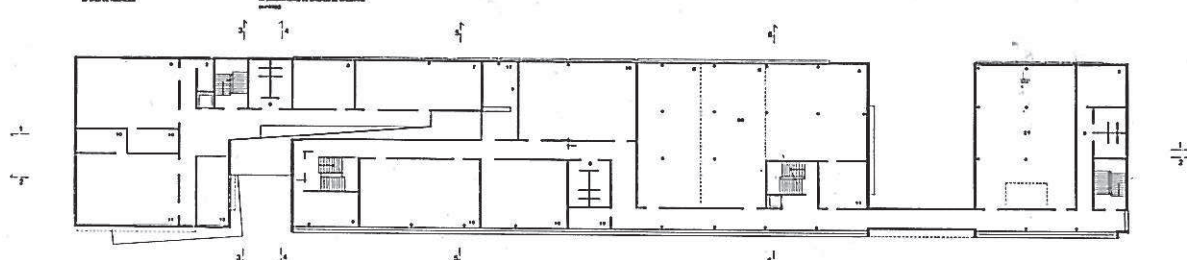
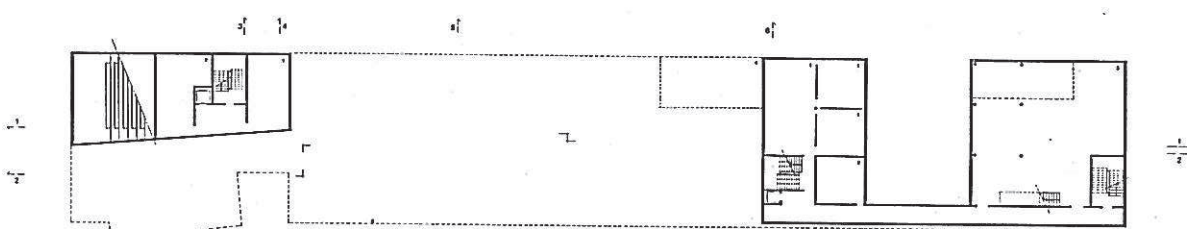


FIG 1 (Continued)

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA MECANICA

- 1- CIRCUITO MECANICO
- 2- MECANICA DE FLUIDOS
- 3- MECANICA DE MATERIAIS
- 4- DINA DE MECANICA
- 5- MECANICA DE VIBRAÇÕES
- 6- DINA DE VIBRAÇÕES
- 7- MECANICA DE FLUIDOS
- 8- MECANICA DE MATERIAIS
- 9- DINA DE MECANICA
- 10- MECANICA DE VIBRAÇÕES
- 11- DINA DE VIBRAÇÕES
- 12- DINA DE VIBRAÇÕES
- 13- DINA DE VIBRAÇÕES
- 14- DINA DE VIBRAÇÕES
- 15- DINA DE VIBRAÇÕES
- 16- DINA DE VIBRAÇÕES
- 17- DINA DE VIBRAÇÕES
- 18- DINA DE VIBRAÇÕES
- 19- DINA DE VIBRAÇÕES
- 20- DINA DE VIBRAÇÕES
- 21- DINA DE VIBRAÇÕES
- 22- DINA DE VIBRAÇÕES
- 23- DINA DE VIBRAÇÕES
- 24- DINA DE VIBRAÇÕES
- 25- DINA DE VIBRAÇÕES
- 26- DINA DE VIBRAÇÕES
- 27- DINA DE VIBRAÇÕES
- 28- DINA DE VIBRAÇÕES
- 29- DINA DE VIBRAÇÕES
- 30- DINA DE VIBRAÇÕES
- 31- DINA DE VIBRAÇÕES
- 32- DINA DE VIBRAÇÕES
- 33- DINA DE VIBRAÇÕES
- 34- DINA DE VIBRAÇÕES
- 35- DINA DE VIBRAÇÕES
- 36- DINA DE VIBRAÇÕES
- 37- DINA DE VIBRAÇÕES
- 38- DINA DE VIBRAÇÕES
- 39- DINA DE VIBRAÇÕES
- 40- DINA DE VIBRAÇÕES
- 41- DINA DE VIBRAÇÕES
- 42- DINA DE VIBRAÇÕES
- 43- DINA DE VIBRAÇÕES
- 44- DINA DE VIBRAÇÕES
- 45- DINA DE VIBRAÇÕES
- 46- DINA DE VIBRAÇÕES
- 47- DINA DE VIBRAÇÕES
- 48- DINA DE VIBRAÇÕES
- 49- DINA DE VIBRAÇÕES
- 50- DINA DE VIBRAÇÕES
- 51- DINA DE VIBRAÇÕES
- 52- DINA DE VIBRAÇÕES
- 53- DINA DE VIBRAÇÕES
- 54- DINA DE VIBRAÇÕES
- 55- DINA DE VIBRAÇÕES
- 56- DINA DE VIBRAÇÕES
- 57- DINA DE VIBRAÇÕES
- 58- DINA DE VIBRAÇÕES
- 59- DINA DE VIBRAÇÕES
- 60- DINA DE VIBRAÇÕES
- 61- DINA DE VIBRAÇÕES
- 62- DINA DE VIBRAÇÕES
- 63- DINA DE VIBRAÇÕES
- 64- DINA DE VIBRAÇÕES
- 65- DINA DE VIBRAÇÕES
- 66- DINA DE VIBRAÇÕES
- 67- DINA DE VIBRAÇÕES
- 68- DINA DE VIBRAÇÕES
- 69- DINA DE VIBRAÇÕES
- 70- DINA DE VIBRAÇÕES
- 71- DINA DE VIBRAÇÕES
- 72- DINA DE VIBRAÇÕES
- 73- DINA DE VIBRAÇÕES
- 74- DINA DE VIBRAÇÕES
- 75- DINA DE VIBRAÇÕES
- 76- DINA DE VIBRAÇÕES
- 77- DINA DE VIBRAÇÕES
- 78- DINA DE VIBRAÇÕES
- 79- DINA DE VIBRAÇÕES
- 80- DINA DE VIBRAÇÕES
- 81- DINA DE VIBRAÇÕES
- 82- DINA DE VIBRAÇÕES
- 83- DINA DE VIBRAÇÕES
- 84- DINA DE VIBRAÇÕES
- 85- DINA DE VIBRAÇÕES
- 86- DINA DE VIBRAÇÕES
- 87- DINA DE VIBRAÇÕES
- 88- DINA DE VIBRAÇÕES
- 89- DINA DE VIBRAÇÕES
- 90- DINA DE VIBRAÇÕES
- 91- DINA DE VIBRAÇÕES
- 92- DINA DE VIBRAÇÕES
- 93- DINA DE VIBRAÇÕES
- 94- DINA DE VIBRAÇÕES
- 95- DINA DE VIBRAÇÕES
- 96- DINA DE VIBRAÇÕES
- 97- DINA DE VIBRAÇÕES
- 98- DINA DE VIBRAÇÕES
- 99- DINA DE VIBRAÇÕES
- 100- DINA DE VIBRAÇÕES

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE MATERIAIS

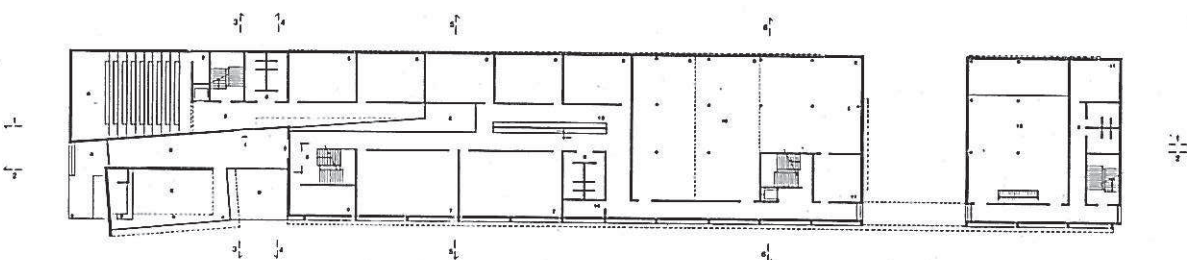


PSO BEM-ENTERRADO ECTE 14 34

DEPARTAMENTO DE INGENIERIA INDUSTRIAL

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA MECÂNICA

- ESPECIAL DE AMPLIAÇÃO
- MESTRADO EM CIÊNCIAS
- LABORATÓRIO DE BIOMECÂNICA MÚSCULO E PULSÃO
- LOCALIZAÇÃO DO POSTO DE TRANSFORMAÇÃO E DE POSTO DE COMANDO



PISO 0 SCUT A 87 BOX

1. **CONTO CONTO**
 2. **CONTO CONTO**
 3. **CONTO CONTO**
 4. **CONTO CONTO**
 5. **CONTO CONTO**

REPORT ARKOFF RE: JAMES EARL RAY, SUBJECT
 1. ARKOFF
 2. ARKOFF, JAMES EARL
 3. ARKOFF, JAMES EARL
 4. ARKOFF, JAMES EARL

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA MECÂNICA

6. ANO

6.014 DE DESENHO

6.015 DE FÍSICA II

6.016 DE FÍSICA III

6.017 DE FÍSICA IV

6.018 DE FÍSICA V

6.019 DE FÍSICA VI

6.020 DE FÍSICA VII

6.021 DE FÍSICA VIII

6.022 DE FÍSICA IX

6.023 DE FÍSICA X

6.024 DE FÍSICA XI

6.025 DE FÍSICA XII

6.026 DE FÍSICA XIII

6.027 DE FÍSICA XIV

6.028 DE FÍSICA XV

6.029 DE FÍSICA XVI

6.030 DE FÍSICA XVII

6.031 DE FÍSICA XVIII

6.032 DE FÍSICA XIX

6.033 DE FÍSICA XX

6.034 DE FÍSICA XXI

6.035 DE FÍSICA XXII

6.036 DE FÍSICA XXIII

6.037 DE FÍSICA XXIV

6.038 DE FÍSICA XXV

6.039 DE FÍSICA XXVI

6.040 DE FÍSICA XXVII

6.041 DE FÍSICA XXVIII

6.042 DE FÍSICA XXIX

6.043 DE FÍSICA XXX

6.044 DE FÍSICA XXXI

6.045 DE FÍSICA XXXII

6.046 DE FÍSICA XXXIII

6.047 DE FÍSICA XXXIV

6.048 DE FÍSICA XXXV

6.049 DE FÍSICA XXXVI

6.050 DE FÍSICA XXXVII

6.051 DE FÍSICA XXXVIII

6.052 DE FÍSICA XXXIX

6.053 DE FÍSICA XL

6.054 DE FÍSICA XLI

6.055 DE FÍSICA XLII

6.056 DE FÍSICA XLIII

6.057 DE FÍSICA XLIV

6.058 DE FÍSICA XLV

6.059 DE FÍSICA XLVI

6.060 DE FÍSICA XLVII

6.061 DE FÍSICA XLVIII

6.062 DE FÍSICA XLIX

6.063 DE FÍSICA L

6.064 DE FÍSICA LI

6.065 DE FÍSICA LII

6.066 DE FÍSICA LIII

6.067 DE FÍSICA LIV

6.068 DE FÍSICA LV

6.069 DE FÍSICA LVI

6.070 DE FÍSICA LVII

6.071 DE FÍSICA LVIII

6.072 DE FÍSICA LIX

6.073 DE FÍSICA LX

6.074 DE FÍSICA LXI

6.075 DE FÍSICA LXII

6.076 DE FÍSICA LXIII

6.077 DE FÍSICA LXIV

6.078 DE FÍSICA LXV

6.079 DE FÍSICA LXVI

6.080 DE FÍSICA LXVII

6.081 DE FÍSICA LXVIII

6.082 DE FÍSICA LXIX

6.083 DE FÍSICA LXX

6.084 DE FÍSICA LXXI

6.085 DE FÍSICA LXXII

6.086 DE FÍSICA LXXIII

6.087 DE FÍSICA LXXIV

6.088 DE FÍSICA LXXV

6.089 DE FÍSICA LXXVI

6.090 DE FÍSICA LXXVII

6.091 DE FÍSICA LXXVIII

6.092 DE FÍSICA LXXIX

6.093 DE FÍSICA LXXX

6.094 DE FÍSICA LXXXI

6.095 DE FÍSICA LXXXII

6.096 DE FÍSICA LXXXIII

6.097 DE FÍSICA LXXXIV

6.098 DE FÍSICA LXXXV

6.099 DE FÍSICA LXXXVI

6.100 DE FÍSICA LXXXVII

6.101 DE FÍSICA LXXXVIII

6.102 DE FÍSICA LXXXIX

6.103 DE FÍSICA LXXXX

6.104 DE FÍSICA LXXXXI

6.105 DE FÍSICA LXXXXII

6.106 DE FÍSICA LXXXXIII

6.107 DE FÍSICA LXXXXIV

6.108 DE FÍSICA LXXXXV

6.109 DE FÍSICA LXXXXVI

6.110 DE FÍSICA LXXXXVII

6.111 DE FÍSICA LXXXXVIII

6.112 DE FÍSICA LXXXXIX

6.113 DE FÍSICA LXXXXX

6.114 DE FÍSICA LXXXXXI

6.115 DE FÍSICA LXXXXXII

6.116 DE FÍSICA LXXXXXIII

6.117 DE FÍSICA LXXXXXIV

6.118 DE FÍSICA LXXXXXV

6.119 DE FÍSICA LXXXXXVI

6.120 DE FÍSICA LXXXXXVII

6.121 DE FÍSICA LXXXXXVIII

6.122 DE FÍSICA LXXXXXIX

6.123 DE FÍSICA LXXXXXX

6.124 DE FÍSICA LXXXXXXI

6.125 DE FÍSICA LXXXXXXII

6.126 DE FÍSICA LXXXXXXIII

6.127 DE FÍSICA LXXXXXXIV

6.128 DE FÍSICA LXXXXXXV

6.129 DE FÍSICA LXXXXXXVI

6.130 DE FÍSICA LXXXXXXVII

6.131 DE FÍSICA LXXXXXXVIII

6.132 DE FÍSICA LXXXXXXIX

6.133 DE FÍSICA LXXXXXXX

6.134 DE FÍSICA LXXXXXXXI

6.135 DE FÍSICA LXXXXXXXII

6.136 DE FÍSICA LXXXXXXXIII

6.137 DE FÍSICA LXXXXXXXIV

6.138 DE FÍSICA LXXXXXXXV

6.139 DE FÍSICA LXXXXXXXVI

6.140 DE FÍSICA LXXXXXXXVII

6.141 DE FÍSICA LXXXXXXXVIII

6.142 DE FÍSICA LXXXXXXXIX

6.143 DE FÍSICA LXXXXXXXI

6.144 DE FÍSICA LXXXXXXXII

6.145 DE FÍSICA LXXXXXXXIII

6.146 DE FÍSICA LXXXXXXXIV

6.147 DE FÍSICA LXXXXXXXV

6.148 DE FÍSICA LXXXXXXXVI

6.149 DE FÍSICA LXXXXXXXVII

6.150 DE FÍSICA LXXXXXXXVIII

6.151 DE FÍSICA LXXXXXXXIX

6.152 DE FÍSICA LXXXXXXXI

6.153 DE FÍSICA LXXXXXXXII

6.154 DE FÍSICA LXXXXXXXIII

6.155 DE FÍSICA LXXXXXXXIV

6.156 DE FÍSICA LXXXXXXXV

6.157 DE FÍSICA LXXXXXXXVI

6.158 DE FÍSICA LXXXXXXXVII

6.159 DE FÍSICA LXXXXXXXVIII

6.160 DE FÍSICA LXXXXXXXIX

6.161 DE FÍSICA LXXXXXXXI

6.162 DE FÍSICA LXXXXXXXII

6.163 DE FÍSICA LXXXXXXXIII

6.164 DE FÍSICA LXXXXXXXIV

6.165 DE FÍSICA LXXXXXXXV

6.166 DE FÍSICA LXXXXXXXVI

6.167 DE FÍSICA LXXXXXXXVII

6.168 DE FÍSICA LXXXXXXXVIII

6.169 DE FÍSICA LXXXXXXXIX

6.170 DE FÍSICA LXXXXXXXI

6.171 DE FÍSICA LXXXXXXXII

6.172 DE FÍSICA LXXXXXXXIII

6.173 DE FÍSICA LXXXXXXXIV

6.174 DE FÍSICA LXXXXXXXV

6.175 DE FÍSICA LXXXXXXXVI

6.176 DE FÍSICA LXXXXXXXVII

6.177 DE FÍSICA LXXXXXXXVIII

6.178 DE FÍSICA LXXXXXXXIX

6.179 DE FÍSICA LXXXXXXXI

6.180 DE FÍSICA LXXXXXXXII

6.181 DE FÍSICA LXXXXXXXIII

6.182 DE FÍSICA LXXXXXXXIV

6.183 DE FÍSICA LXXXXXXXV

6.184 DE FÍSICA LXXXXXXXVI

6.185 DE FÍSICA LXXXXXXXVII

6.186 DE FÍSICA LXXXXXXXVIII

6.187 DE FÍSICA LXXXXXXXIX

6.188 DE FÍSICA LXXXXXXXI

6.189 DE FÍSICA LXXXXXXXII

6.190 DE FÍSICA LXXXXXXXIII

6.191 DE FÍSICA LXXXXXXXIV

6.192 DE FÍSICA LXXXXXXXV

6.193 DE FÍSICA LXXXXXXXVI

6.194 DE FÍSICA LXXXXXXXVII

6.195 DE FÍSICA LXXXXXXXVIII

6.196 DE FÍSICA LXXXXXXXIX

6.197 DE FÍSICA LXXXXXXXI

6.198 DE FÍSICA LXXXXXXXII

6.199 DE FÍSICA LXXXXXXXIII

6.200 DE FÍSICA LXXXXXXXIV

6.201 DE FÍSICA LXXXXXXXV

6.202 DE FÍSICA LXXXXXXXVI

6.203 DE FÍSICA LXXXXXXXVII

6.204 DE FÍSICA LXXXXXXXVIII

6.205 DE FÍSICA LXXXXXXXIX

6.206 DE FÍSICA LXXXXXXXI

6.207 DE FÍSICA LXXXXXXXII

6.208 DE FÍSICA LXXXXXXXIII

6.209 DE FÍSICA LXXXXXXXIV

6.210 DE FÍSICA LXXXXXXXV

6.211 DE FÍSICA LXXXXXXXVI

6.212 DE FÍSICA LXXXXXXXVII

6.213 DE FÍSICA LXXXXXXXVIII

6.214 DE FÍSICA LXXXXXXXIX

6.215 DE FÍSICA LXXXXXXXI

6.216 DE FÍSICA LXXXXXXXII

6.217 DE FÍSICA LXXXXXXXIII

6.218 DE FÍSICA LXXXXXXXIV

6.219 DE FÍSICA LXXXXXXXV

6.220 DE FÍSICA LXXXXXXXVI

6.221 DE FÍSICA LXXXXXXXVII

6.222 DE FÍSICA LXXXXXXXVIII

6.223 DE FÍSICA LXXXXXXXIX

6.224 DE FÍSICA LXXXXXXXI

6.225 DE FÍSICA LXXXXXXXII

6.226 DE FÍSICA LXXXXXXXIII

6.227 DE FÍSICA LXXXXXXXIV

6.228 DE FÍSICA LXXXXXXXV

6.229 DE FÍSICA LXXXXXXXVI

6.230 DE FÍSICA LXXXXXXXVII

6.231 DE FÍSICA LXXXXXXXVIII

6.232 DE FÍSICA LXXXXXXXIX

6.233 DE FÍSICA LXXXXXXXI

6.234 DE FÍSICA LXXXXXXXII

6.235 DE FÍSICA LXXXXXXXIII

6.236 DE FÍSICA LXXXXXXXIV

6.237 DE FÍSICA LXXXXXXXV

6.238 DE FÍSICA LXXXXXXXVI

6.239 DE FÍSICA LXXXXXXXVII

6.240 DE FÍSICA LXXXXXXXVIII

6.241 DE FÍSICA LXXXXXXXIX

6.242 DE FÍSICA LXXXXXXXI

6.243 DE FÍSICA LXXXXXXXII

6.244 DE FÍSICA LXXXXXXXIII

6.245 DE FÍSICA LXXXXXXXIV

6.246 DE FÍSICA LXXXXXXXV

6.247 DE FÍSICA LXXXXXXXVI

6.248 DE FÍSICA LXXXXXXXVII

6.249 DE FÍSICA LXXXXXXXVIII

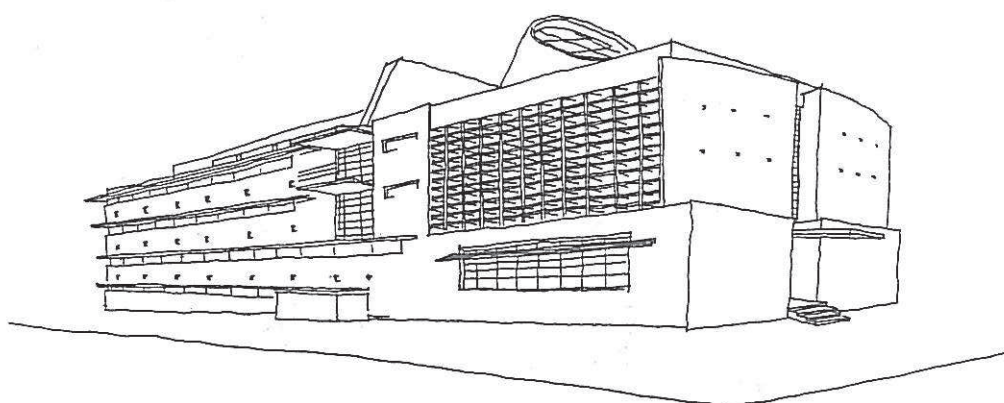
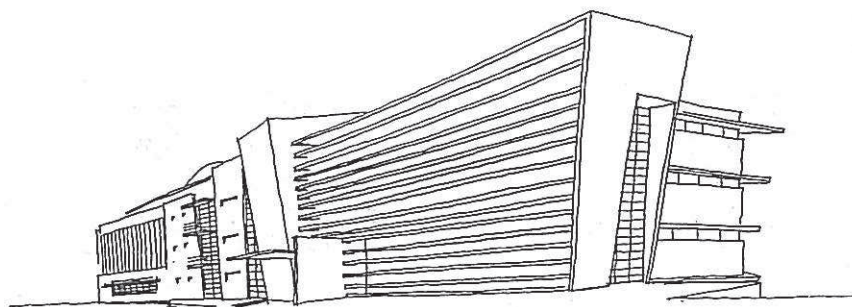
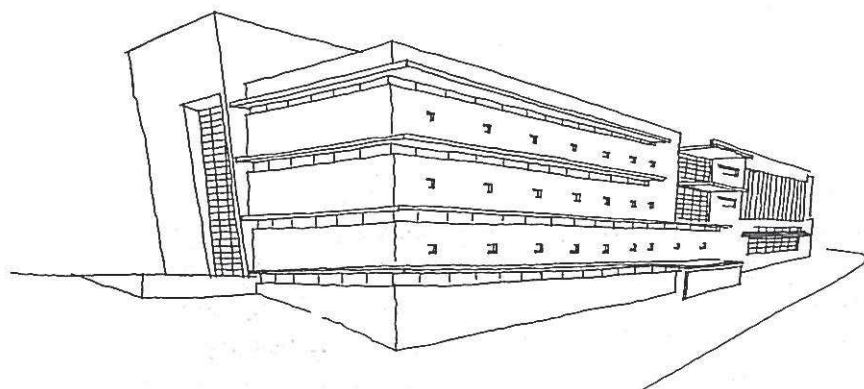
6.250 DE FÍSICA LXXXXXXXIX

6.251 DE F

3º Prémio

Nuno Maria Leónidas
Alexandre Duarte Silva
Vasco Maria Leónidas

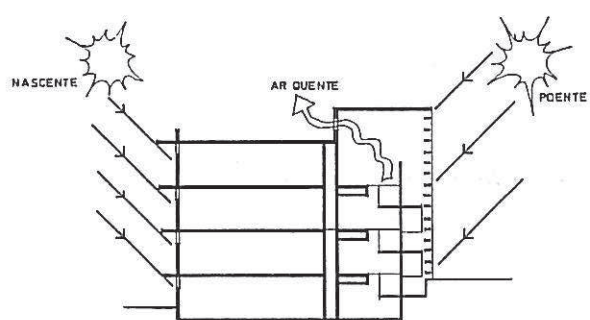
Desenho Luís Moreira Fundações e Estruturas Eng Luis Miguel Menano Redes de Águas e Esgotos Eng Luis Miguel Menano
Instalações Técnicas Especiais Luís Malheiro da Silva – Projectos e Gestão de Instalações Especiais, Lda



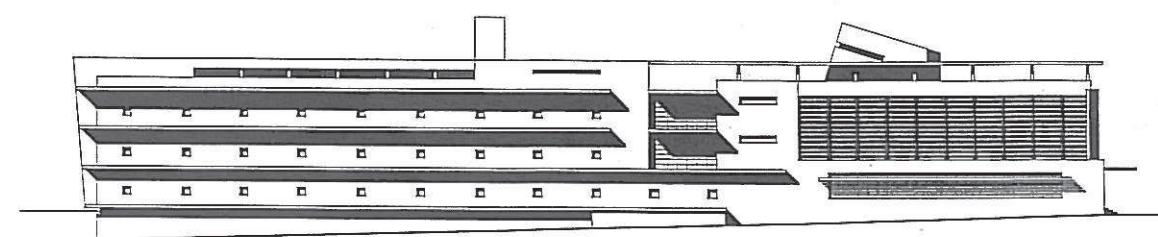
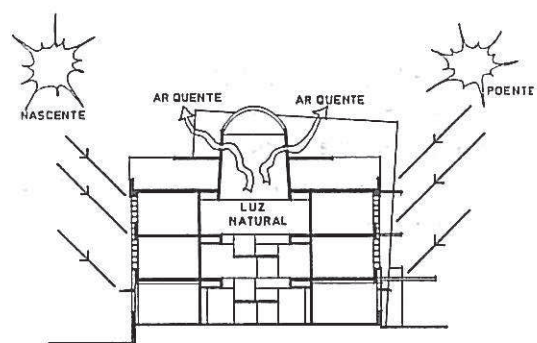
A rigidez do plano e a prioridade do Programa Preliminar, enfatizando a flexibilidade e economia de construção, originam a solução proposta, onde se procura minimizar a interferência de futuras obras de ampliação nas actividades do edifício.

Igualmente obrigatória é a subversão dos eixos de circulação horizontal cujo excessivo comprimento poderia tornar-se monótono e banal, com a criação de zonas formalmente distintas mas não estanques, permitindo uma saudável interpretação funcional.

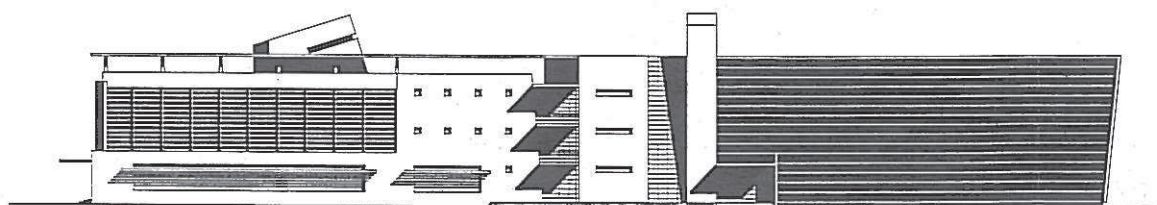
Por último, foi cuidadosamente considerada a geometria solar como determinante do desenho, de forma a proporcionar as condições climáticas ideais recorrendo a elementos passivos de sombreamento e ventilação, elementos esses que determinam a solução plástica adoptada.



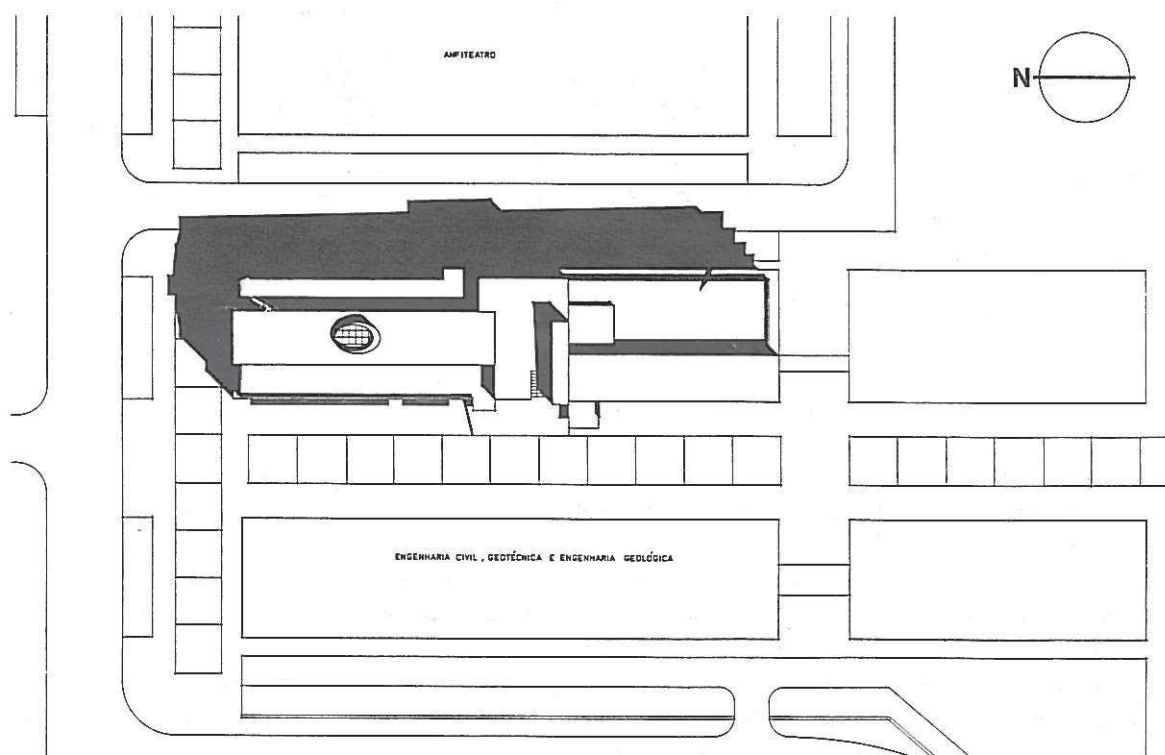
SISTEMAS PASSIVOS



ALÇADO NASCENTE



ALÇADO POENTE



Concurso de Estudo Prévio para as Novas Instalações do Departamento de Electrotecnia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa no Monte da Caparica

Manuela Vieira Pereira
Rep. AAP no Júri

30

Há quase quarenta anos, quando a revista *Arquitectura* dedicou um número às cidades universitárias (1), longe estávamos nós todos de assistir ao "boom" do ensino superior, que a partir dos fins dos anos 70 se estendeu a todo o país, voltando a ser tema do JA, já em 1993 (2).

O que é certo é que de então para cá, a experiência de projectar para o ensino, particularmente o superior, se ampliou consideravelmente e, com resultados já visíveis e vividos, merecia talvez uma reflexão sobre o seu papel como objecto arquitectónico / função didáctica a que se destina, sobre a relação utente / espaço construído / envolvimento urbana, ... enfim, finalmente uma avaliação do muito que nesta área se tem produzido. Quem sabe até, levar essa reflexão mais longe, à forma da encomenda pública, à forma de que se revestem os concursos, à forma como acedemos a um mercado de trabalho cada vez mais agressivo, à forma como reagimos a toda uma série de dificuldades que traz um concurso de projecto, à forma como nos posicionamos frente a esses "acidentes de percurso" e, sobretudo como encaramos vitórias e derrotas, tanto esforço dispendido, para tantas vezes ser reduzido a nada, aparentemente sem que razões de peso nos sejam dadas.

Há quase dois anos, participei no júri do concurso de Estudo Prévio para as novas instalações do Departamento de Electrotecnia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa – Monte da Caparica, em Almada. Pedirem-me agora umas linhas sobre este concurso tem, por um lado a vantagem do distanciamento que nos deixa

melhor reflectir sobre os trabalhos que então analisámos, mas tem sobretudo a jogar, neste caso contra mim, um certo esquecimento, ou melhor, uma certa confusão de quem participa em diversos júris! Dessa experiência de concursos retiro sobretudo a noção do curto espaço de tempo que esses júris muitas vezes dispõem para a escolha dum trabalho – é que não só é a ideia que precisa de um tempo de amadurecimento – análise implica não só a leitura da proposta, mas também reflexão e interiorização, o que faz supor tempo de maturação. De facto, pressões de prazos, em nada ajudam a essa reflexão tão necessária em decisões responsáveis, onde se misturam sentimentos e racionalidade, responsabilidade e urgência.

De qualquer forma, júri reunido e critérios estabelecidos, textos e desenhos foram lidos e discutidos, debatidas intenções e significados de cada trabalho, confrontadas a cada passo as diferentes posições pessoais relativas a cada um dos trabalhos e, os resultados aí estavam.

Soluções inovadoras, umas; de um rigor de correcção de desenho, articulação de espaços e funcionamento, outras; correcção de volumetria e relação estabelecida com o sítio, ainda outras, mas, numa forma geral, boas soluções em termos funcionais e formais, muito embora todas muito amarradas a um plano demasiado rígido, que no entanto fazia parte integrante dos critérios de apreciação, tal como o cumprimento de um Programa Preliminar, difícil de compatibilizar com a área e forma do lote de implantação.

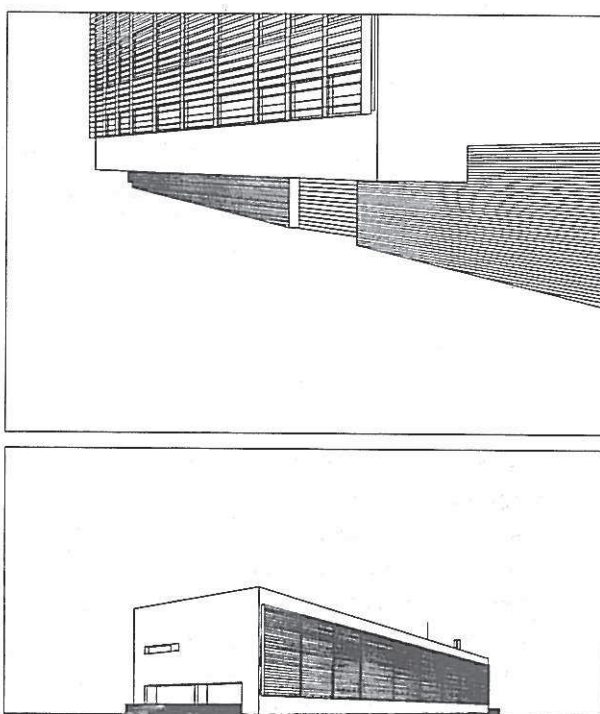
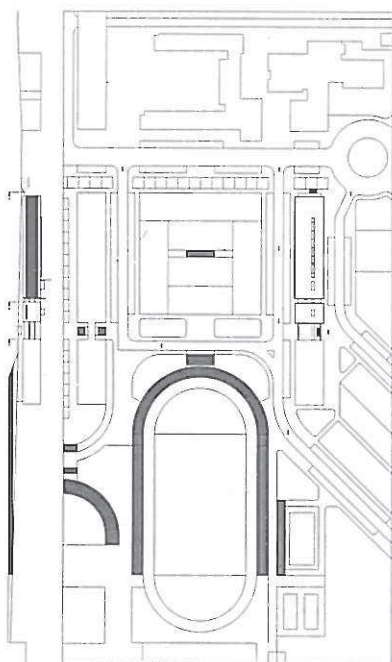
(1) *Arquitectura*, nº 55/56 – 1956

(2) *Jornal Arquitectos*, nº 126/127 – 1993

1º Prémio

**António Portugal
Manuel Maria Reis**

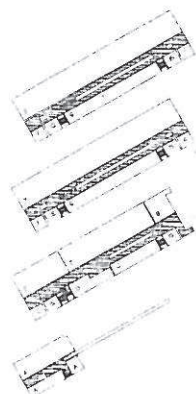
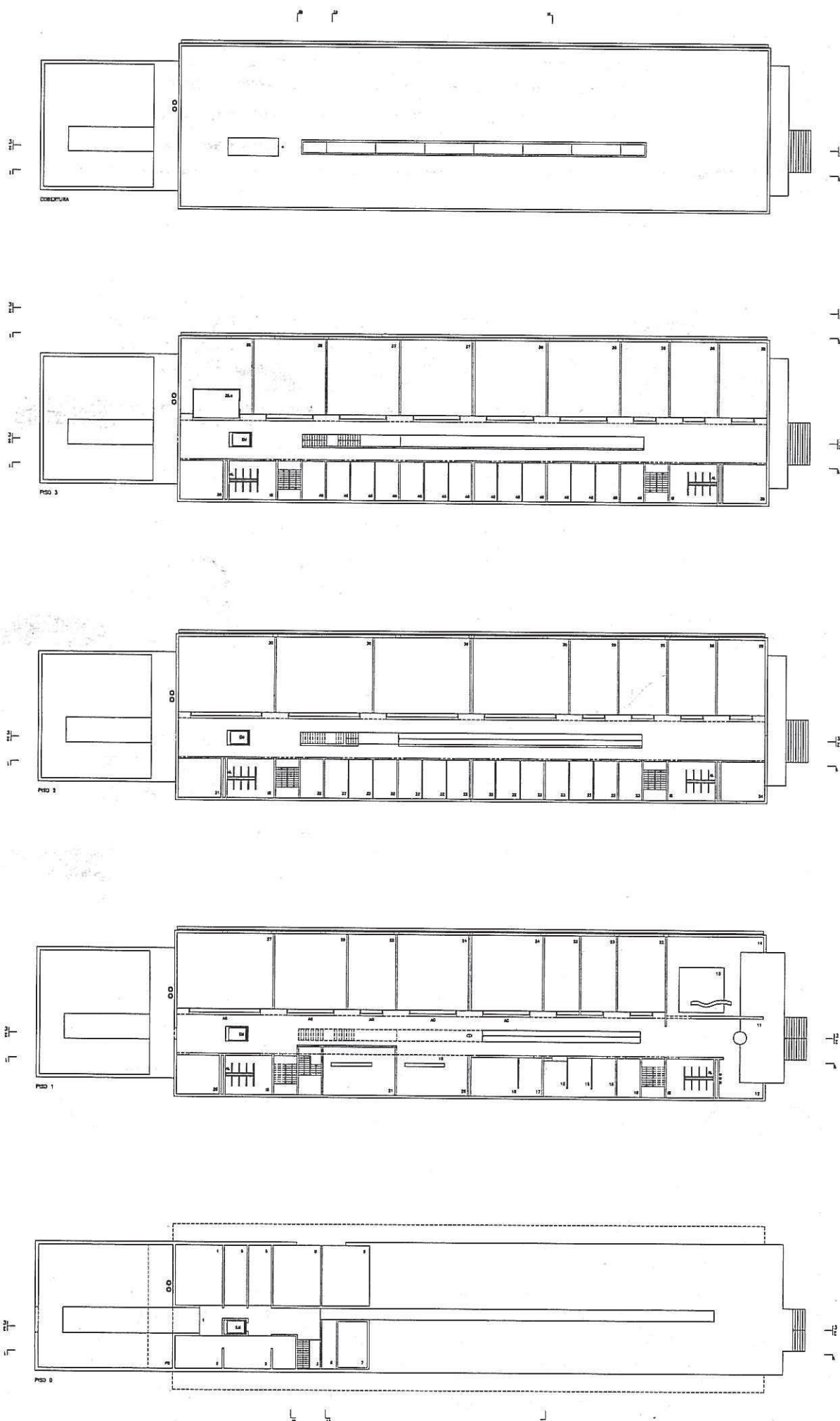
Com Anne Wermeille Colaboração Paulo Freitas, Paula Ribas (estagiária) Fundações e Estruturas Poliedro, Lda., Eduardo Marques (responsável) Equipamentos Eléctricos, Sistema de Segurança Integrada Engenheiro Rodrigues Gomes & Associados, Lda., Rodrigues Gomes (responsável) Equipamentos Mecânicos Engenheiro Rodrigues Gomes & Associados, Lda., José Teixeira (responsável) Equipamentos de Águas e Esgotos, Comportamento Térmico Vasco de Freitas Equipamento e Mobiliário António Portugal, Manuel Maria Reis com Anne Wermeille



31

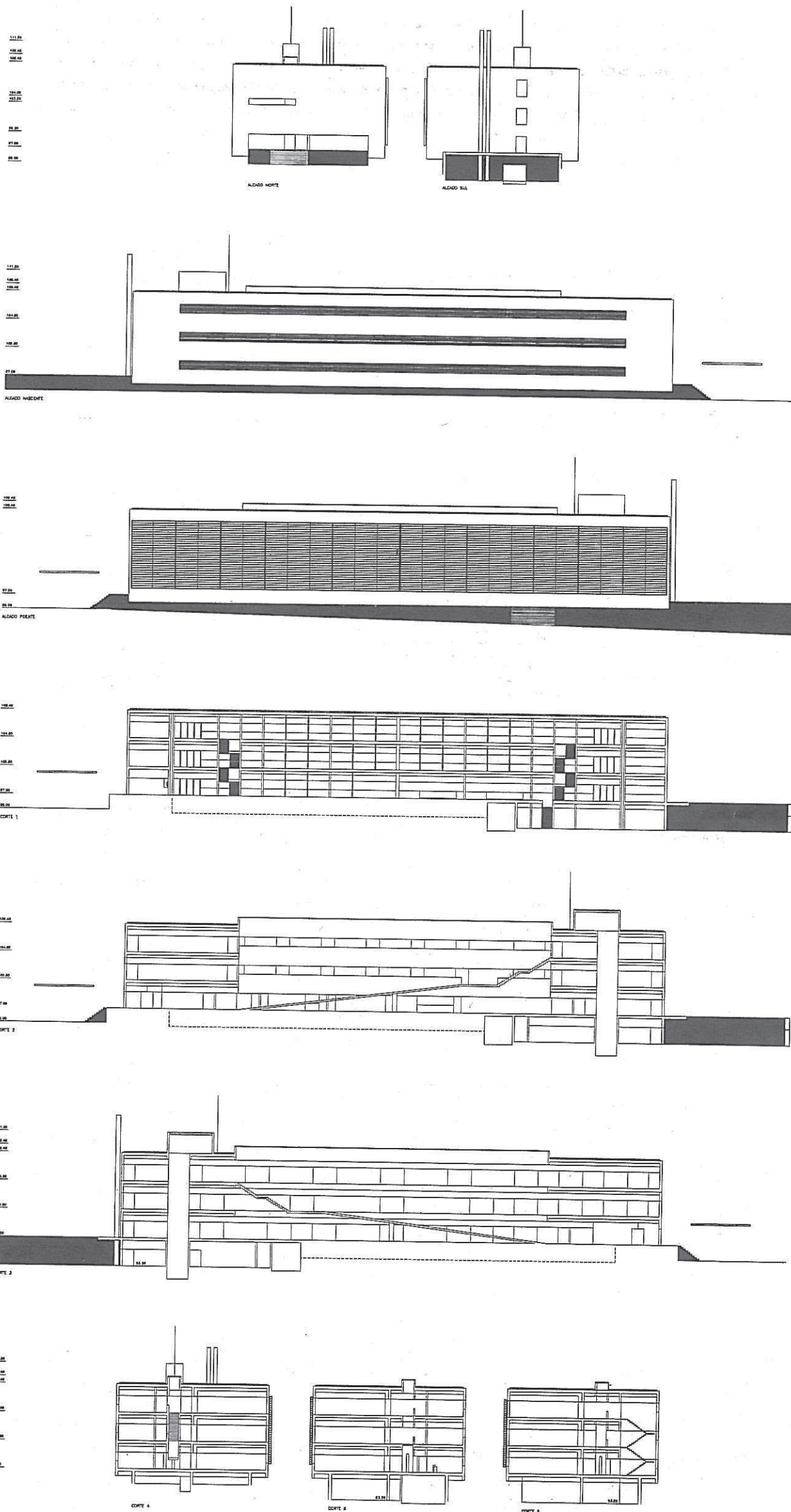
1. O projecto apresentado a concurso procurou responder ao que nos pareceram ser três questões fundamentais:
 - a) Inserção numa área sujeita a um plano de conjunto bem determinado e relativamente preciso, num lote que praticamente determina a forma final do edifício, dada a relação entre a área de implantação, a área bruta a construir e a volumetria aprovada;
 - b) Resolução de conjunto de um edifício a executar, eventualmente, em três fases, sem que em qualquer delas ele surja como um corpo inacabado – dado o desconhecimento que existe do prazo para a sua finalização, bem como a hipótese de que tal não venha a acontecer nunca...
 - c) Criação de um espaço vivo a partir de um programa que, tendo partido de uma proposta inicial mais rica, acabou por ficar reduzido a pouco mais do que aos espaços modulares das salas de aula, laboratórios e gabinetes.
2. Percebendo o sítio como realidade em profunda mutação – “Campus” que ainda se espera que venha a ser – o edifício proposto começa por ser um corpo algo abstracto, configurado pelos limites dados, que se respeitam; corpo abstracto, volume regular e de arestas bem definidas, que pousa sobre uma base disposta a receber outros e distintos volumes, ou corpos, que respondam às futuras e imprevistas exigências ou orçamentos, e que serão agora também abstractos porque o é o seu conteúdo; corpo assimétrico, como o interior, dividido pelas duas escalas dos elementos que o compõem e pelo espaço que os separa – espaço de divisão e de encontro, de circulação e de representação, de referência e de todas as referências.
3. À imagem relativamente neutra do invólucro exterior – que se quer parte de um conjunto alargado – contrapõe-se assim um grande espaço fortemente caracterizado, rematado verticalmente pela clarabóia que o ilumina, onde se alinha o conjunto de acessos verticais principais e de onde se acede a quase todas as áreas do edifício, dotando-o de uma escala mais alargada e, simultaneamente, de um elemento que hierarquiza, evidencia e flexibiliza todas as circulações.

4. À clara leitura volumétrica do edifício associa-se a distinta leitura material, feita da oposição entre o material natural que dá corpo ao volume mais baixo, que serve de embasamento e contém os espaços técnicos, e as superfícies de betão de cofragem regular aparente que conformam o segundo volume, que se vai projectar para o exterior sobre o primeiro; a leitura deste volume elementar e seco que constitui o corpo principal, com aberturas marcadas, lineares ou pontuais, vai apenas ser complementada pela sobreposição dos volumes menores, que constituem as projecções exteriores do grande espaço central, e pelo tratamento dos grandes vãos a ponte, que iluminam os espaços maiores, e que será feito através de uma grande grelha metálica de protecção solar.



- PISO 0**
- A. ÁREA TÉCNICA GERAL**
1. Entrada de serviço
 2. Oficina de manutenção
 3. Centro de impressão
 4. Centro de fax
 5. Armazenamento
 6. Sala de reuniões
 7. Sala de espera de serviço
 8. Sala de armazenamento
 9. Serviço
- PISO 1**
- A. ÁREA TÉCNICA GERAL**
10. PSCA/segurança/peças
- B. ÁREA ESCOLAR**
11. Entrada principal
 12. Receção/maquias telefónicas
 13. Bar
 14. Sala de estudo
- C. ADMINISTRAÇÃO E DIREÇÃO**
15. Arquivo
 16. Secretaria (serviço de atendimento)
 17. Serviço de manutenção de áreas
 18. Gabinete de P.C.I.Z.
 19. Sala de espera
- D. ÁREA COMUM**
20. Recreio
 21. Estadia
- E. ESPAÇO TÉCNICO**
22. Sala de aulas (10m)
 23. Sala de aula (15m)
 24. Sala de aula (20m)
 25. Armazém de equipamento científico
- F. ESPAÇO PRÁTICO**
26. Laboratório de telecomunicações
 27. Laboratório de bioquímica
- PISO 2**
- F. ESPAÇO PRÁTICO**
28. Laboratório de sistemas digitais (1)
 29. Laboratório de programação (2)
 30. Laboratório de sistemas de rede (3)
 31. Sala de aula (4)
- G. INSTALAÇÕES PARA DOCENTES**
32. Gabinete
 33. Sala de reuniões
 34. Sala de aula
- PISO 3**
- F. ESPAÇO PRÁTICO**
35. Laboratório de eletrónica (1)
 36. Laboratório de eletrónica (2)
 37. Laboratório de eletrónica (3)
 38. Laboratório de eletrónica (4)
 39. Sala de aula
- G. INSTALAÇÕES PARA DOCENTES**
40. Gabinete

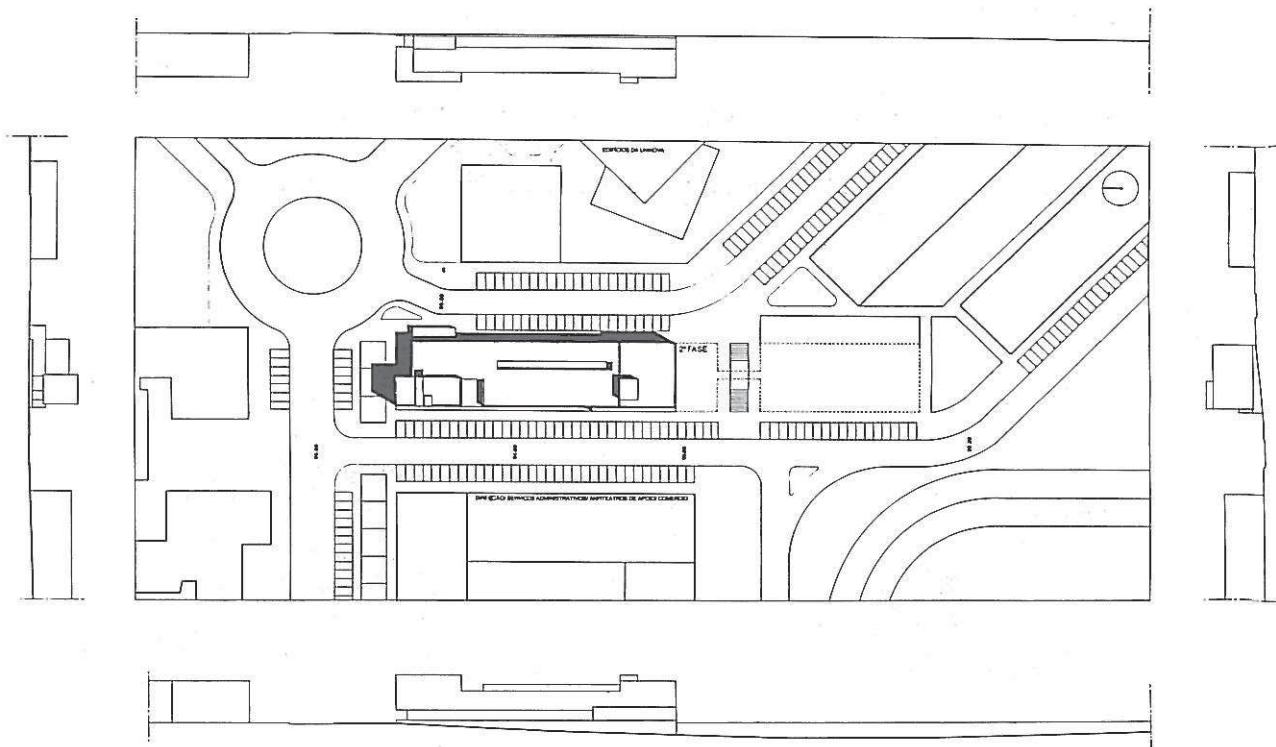
PS. Sala de serviço
 LM. Corredor/lobby-entrada
 AL. Área de limpeza



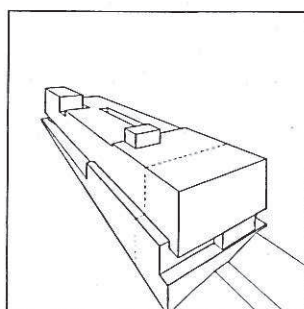
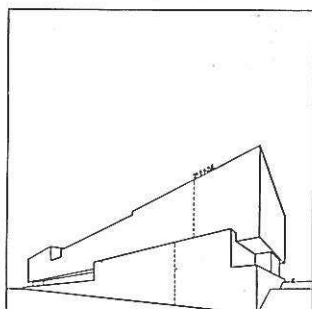
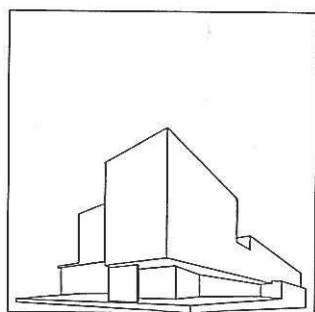
2º Prémio

**Pedro Vasconcelos Rodrigues
Conceição Fernandes**

Colaboração Nuno Almeida (est.) Estabilidade João Paulo Ribeiro Instalações Eléctricas António Almeida Instalações Mecânicas Miguel Santos Águas e Esgotos João Paulo Ribeiro



34



Após a análise do programa preliminar, e uma vez que a área de implantação destinada ao edifício era muito limitada, procurou-se encontrar uma volumetria correcta, não só para evidenciar partes constituintes do projecto, como para encontrar e definir relações com as ruas e rotunda adjacente.

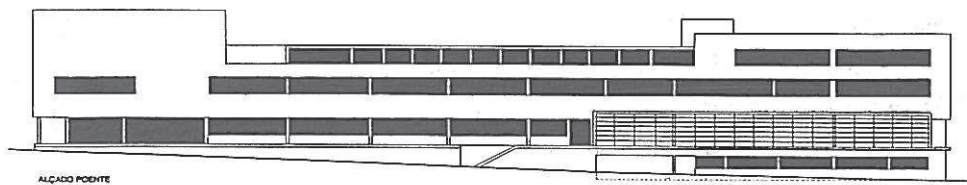
O edifício a norte é constituído por um corpo mais alto e avançado (na delimitação do lote), que marca a entrada e oferece um espaço exterior de convívio, enriquecendo o acesso principal ao departamento. Este corpo, que constitui a Biblioteca, caracteriza-se pela quase total opacidade, tendo somente uma grande abertura a norte, que lhe dá uma autonomia formal.

A entrada é também caracterizada por outro avanço, a nascente, onde se encontra o Bar / Convívio, que se relaciona com a rotunda e remata o edifício. Pretende-se uma grande transparência neste local, de modo a estabelecer relações visuais com a entrada, e os seus acessos pedonais. O espaço exterior a norte, Átrio Principal e Bar geram um espaço de encontro e convívio dos utentes.

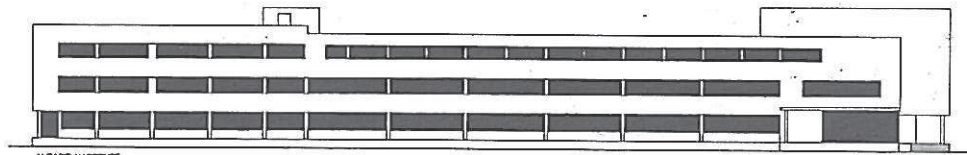
Todo o edifício assenta sobre uma plataforma 60 cm mais elevada que a cota do terreno a norte, de modo a existir uma diferenciação formal e física no seu acesso principal. Esta plataforma dobra para poente, abrindo um espaço de percurso, por meio de uma arcada, que termina num outro corpo saliente e marca a entrada secundária.

O edifício desenvolve-se para sul, sendo constituído interiormente por um corredor amplo e salas a poente e nascente. Na organização dos espaços, definiu-se no piso térreo a Recepção, Átrio, Bar / Convívio e Salas de Aula; no piso intermédio a ocupação total com Salas de Aula; e no piso superior a Biblioteca, Direcção e zona de Docentes.

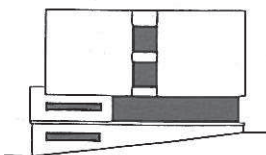
No piso superior existem dois pátios, um na zona de gabinetes dos Docentes e outro junto ao corpo saliente da Biblioteca. Este último gera um espaço exterior de descompressão na zona da escada principal dividindo o Apoio Comum do sector dos Docentes. Volumetricamente este pátio salienta o corpo mais elevado da Biblioteca, concedendo-lhe uma diferenciação formal do restante edifício.



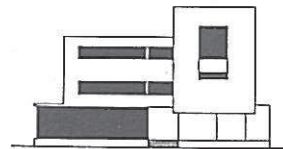
ALÇADO POENTE



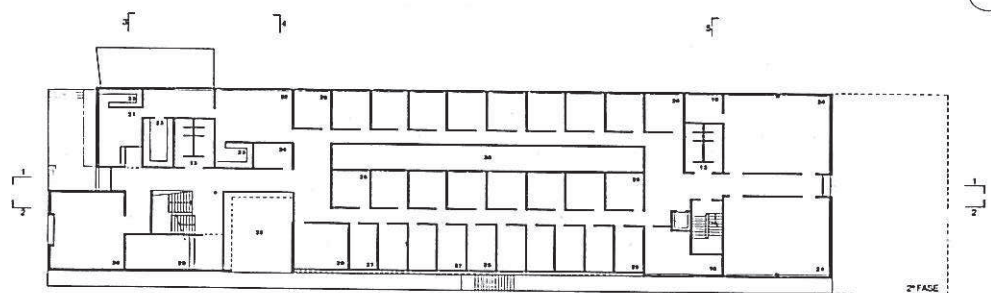
ALÇADO NASCENTE



ALÇADO SUL

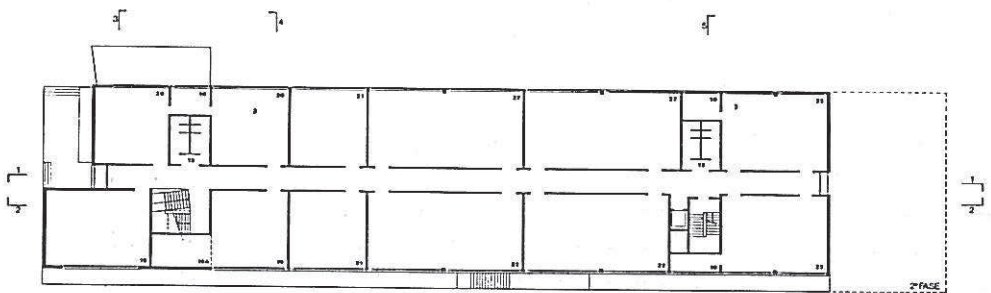


ALÇADO NORTE



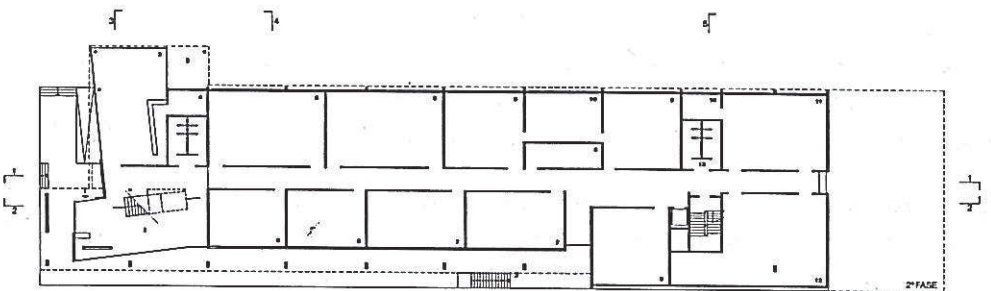
PISO 2 (COTA 102.45)

- 10- APÓD LANCIONTOPIAL
- 11- INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- 12- COZINHA TÉCNICA
- 13- LANCIONTOPIAL DE CONTROLO
- 14- GABINETE 1 PORTO DE TRABALHO
- 15- GABINETE 2 PORTO DE TRABALHO
- 16- GABINETE DE SECRETARIA
- 17- SALA DE REUNIÕES
- 18- REPOZICIONAMENTO
- 19- BIBLIOTECA
- 20- SECRETARIA
- 21- GABINETE DO P.C.E.E.
- 22- ARMAZÉM
- 23- PÁTIO



PISO 1 (COTA 99.45)

- 10- APÓD LANCIONTOPIAL
- 11- INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- 12- COZINHA TÉCNICA
- 13- LANCIONTOPIAL DE CONTROLO
- 14- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 15- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 16- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 17- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 18- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 19- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 20- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 21- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 22- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 23- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 24- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 25- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 26- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 27- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 28- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 29- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 30- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 31- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 32- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 33- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 34- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 35- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 36- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 37- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 38- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 39- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 40- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 41- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 42- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 43- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 44- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 45- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 46- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 47- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 48- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 49- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 50- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 51- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 52- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 53- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 54- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 55- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 56- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 57- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 58- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 59- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 60- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 61- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 62- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 63- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 64- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 65- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 66- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 67- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 68- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 69- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 70- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 71- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 72- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 73- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 74- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 75- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 76- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 77- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 78- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 79- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 80- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 81- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 82- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 83- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 84- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 85- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 86- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 87- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 88- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 89- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 90- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 91- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 92- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 93- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 94- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 95- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 96- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 97- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 98- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 99- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA
- 100- LANCIONTOPIAL DE SECRETARIA



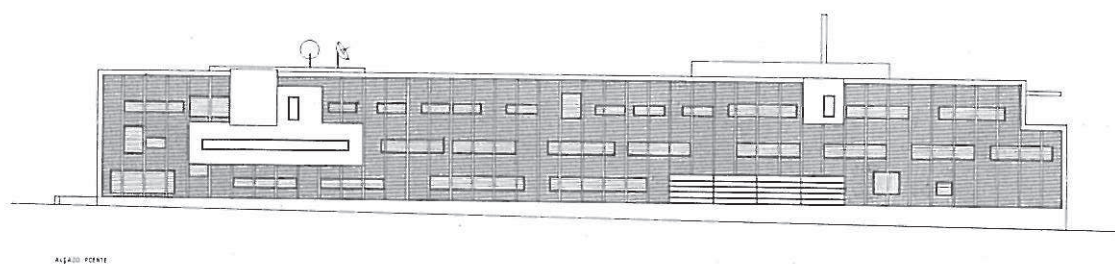
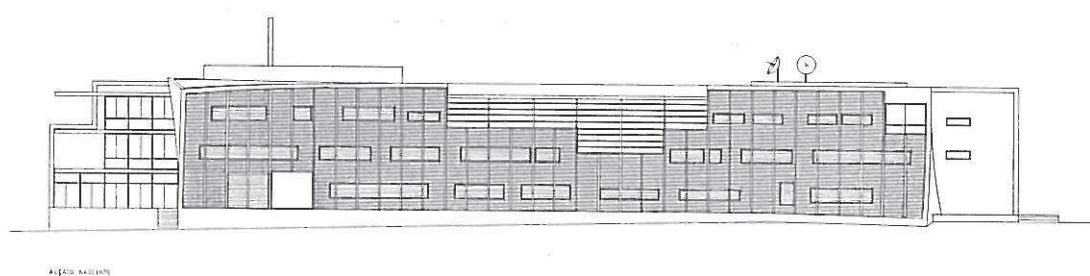
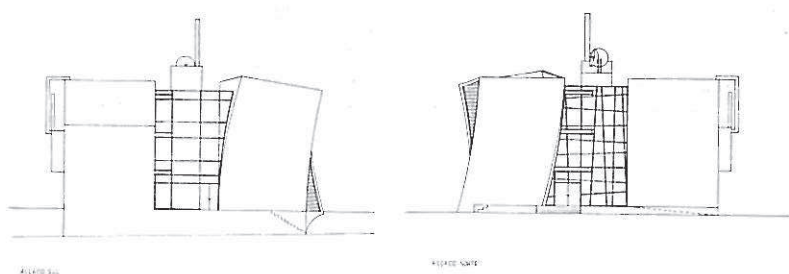
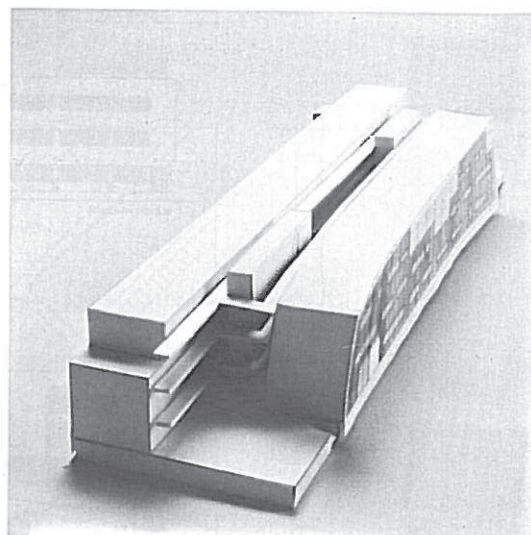
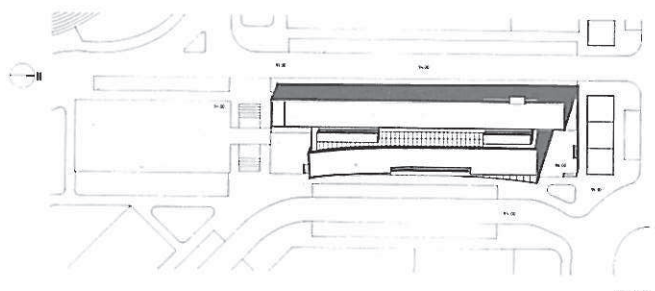
PISO 0 (COTA 96.45)

- 1- ENTRADA
- 2- ESTUDO
- 3- SALA DE REUNIÕES
- 4- SALA DE REUNIÕES
- 5- SALA DE REUNIÕES
- 6- SALA DE REUNIÕES
- 7- SALA DE REUNIÕES
- 8- SALA DE REUNIÕES
- 9- SALA DE REUNIÕES
- 10- SALA DE REUNIÕES
- 11- SALA DE REUNIÕES
- 12- SALA DE REUNIÕES
- 13- SALA DE REUNIÕES
- 14- SALA DE REUNIÕES
- 15- SALA DE REUNIÕES
- 16- SALA DE REUNIÕES
- 17- SALA DE REUNIÕES
- 18- SALA DE REUNIÕES
- 19- SALA DE REUNIÕES
- 20- SALA DE REUNIÕES
- 21- SALA DE REUNIÕES
- 22- SALA DE REUNIÕES
- 23- SALA DE REUNIÕES
- 24- SALA DE REUNIÕES
- 25- SALA DE REUNIÕES
- 26- SALA DE REUNIÕES
- 27- SALA DE REUNIÕES
- 28- SALA DE REUNIÕES
- 29- SALA DE REUNIÕES
- 30- SALA DE REUNIÕES
- 31- SALA DE REUNIÕES
- 32- SALA DE REUNIÕES
- 33- SALA DE REUNIÕES
- 34- SALA DE REUNIÕES
- 35- SALA DE REUNIÕES
- 36- SALA DE REUNIÕES
- 37- SALA DE REUNIÕES
- 38- SALA DE REUNIÕES
- 39- SALA DE REUNIÕES
- 40- SALA DE REUNIÕES
- 41- SALA DE REUNIÕES
- 42- SALA DE REUNIÕES
- 43- SALA DE REUNIÕES
- 44- SALA DE REUNIÕES
- 45- SALA DE REUNIÕES
- 46- SALA DE REUNIÕES
- 47- SALA DE REUNIÕES
- 48- SALA DE REUNIÕES
- 49- SALA DE REUNIÕES
- 50- SALA DE REUNIÕES
- 51- SALA DE REUNIÕES
- 52- SALA DE REUNIÕES
- 53- SALA DE REUNIÕES
- 54- SALA DE REUNIÕES
- 55- SALA DE REUNIÕES
- 56- SALA DE REUNIÕES
- 57- SALA DE REUNIÕES
- 58- SALA DE REUNIÕES
- 59- SALA DE REUNIÕES
- 60- SALA DE REUNIÕES
- 61- SALA DE REUNIÕES
- 62- SALA DE REUNIÕES
- 63- SALA DE REUNIÕES
- 64- SALA DE REUNIÕES
- 65- SALA DE REUNIÕES
- 66- SALA DE REUNIÕES
- 67- SALA DE REUNIÕES
- 68- SALA DE REUNIÕES
- 69- SALA DE REUNIÕES
- 70- SALA DE REUNIÕES
- 71- SALA DE REUNIÕES
- 72- SALA DE REUNIÕES
- 73- SALA DE REUNIÕES
- 74- SALA DE REUNIÕES
- 75- SALA DE REUNIÕES
- 76- SALA DE REUNIÕES
- 77- SALA DE REUNIÕES
- 78- SALA DE REUNIÕES
- 79- SALA DE REUNIÕES
- 80- SALA DE REUNIÕES
- 81- SALA DE REUNIÕES
- 82- SALA DE REUNIÕES
- 83- SALA DE REUNIÕES
- 84- SALA DE REUNIÕES
- 85- SALA DE REUNIÕES
- 86- SALA DE REUNIÕES
- 87- SALA DE REUNIÕES
- 88- SALA DE REUNIÕES
- 89- SALA DE REUNIÕES
- 90- SALA DE REUNIÕES
- 91- SALA DE REUNIÕES
- 92- SALA DE REUNIÕES
- 93- SALA DE REUNIÕES
- 94- SALA DE REUNIÕES
- 95- SALA DE REUNIÕES
- 96- SALA DE REUNIÕES
- 97- SALA DE REUNIÕES
- 98- SALA DE REUNIÕES
- 99- SALA DE REUNIÕES
- 100- SALA DE REUNIÕES

3º Prémio

**Teresa Ferreira
Vitor Lamego**

Coordenação Teresa Ferreira Colaboração Paulo Veiga, Nuno Assis Estabilidade, Instalações de Águas e Esgotos António Ferreira de Matos Instalações Eléctricas e Segurança Integrada Ruben Correia Sobral Instalações Mecânicas José Galvão Teles Fotografia Pedro Ferreira



MEMÓRIA DESCRITIVA

A proposta para o edifício de Engenharia Electrotécnica baseou-se em duas premissas importantes: por um lado, a resposta adequada ao Programa Preliminar, com base na área restrita de implantação que lhe era destinado; por outro, a vontade expressa na solução, de uma singularidade volumétrica que o evidenciasse, de um modo contido, no conjunto dos edifícios do Campus Universitário.

O edifício é constituído por três pisos e a sua estrutura é formada por um eixo central, o qual organiza todos os espaços; neste eixo encontram-se as circulações, quer horizontais, quer verticais e dois blocos de instalações sanitárias e "courettes"; duas zonas laterais cortadas pelo eixo referido contêm os espaços de utilização, nomeadamente:

piso 0 – salas de aula, laboratórios, secretaria de alunos, espaços de convívio e centrais técnicas;

piso 1 – laboratórios;

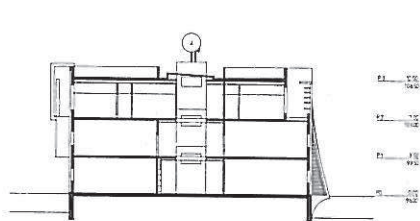
piso 2 – gabinetes para docentes, zona administrativa, direcção e laboratórios;

piso de cobertura – zonas técnicas.

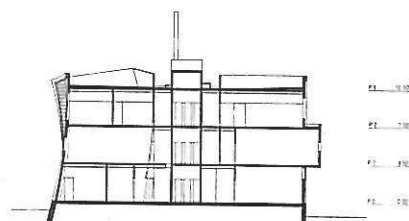
Existem duas zonas de entrada no edifício: uma principal, a Norte, e uma secundária, a Sul.

Um elemento em vidro rasga a cobertura, iluminando em todo o comprimento a zona central do edifício de todos os pisos.

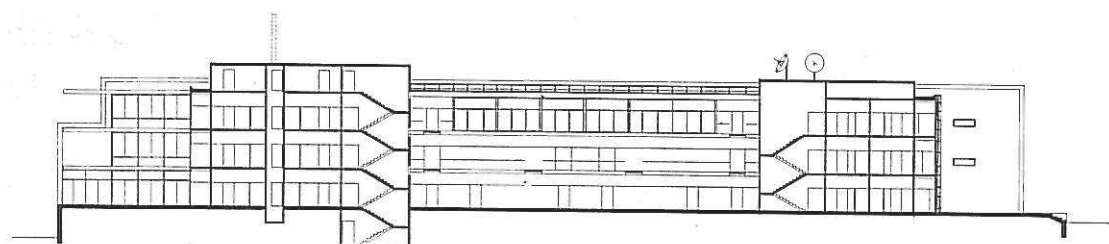
O tratamento dos alçados poente e nascente é feito através uma pele de alumínio ritmada por elementos verticais metálicos e o rasgamento de vãos. As superfícies dos alçados de topo são revestidos a pedra, a qual delimita também as superfícies dos outros alçados.



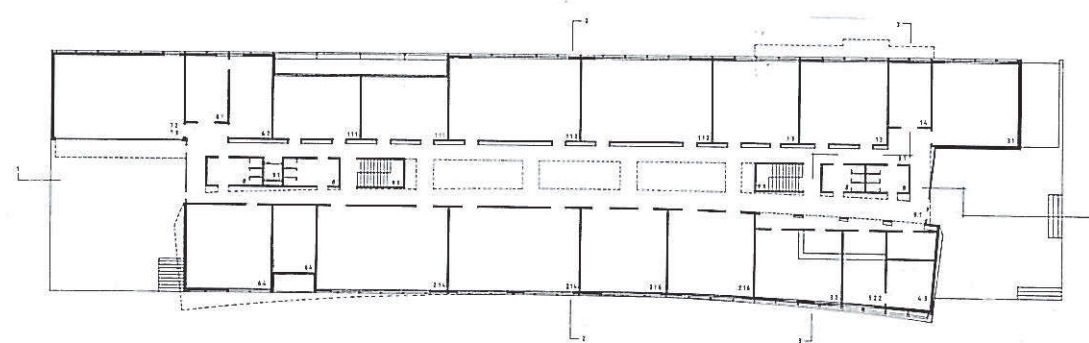
CORTE 22



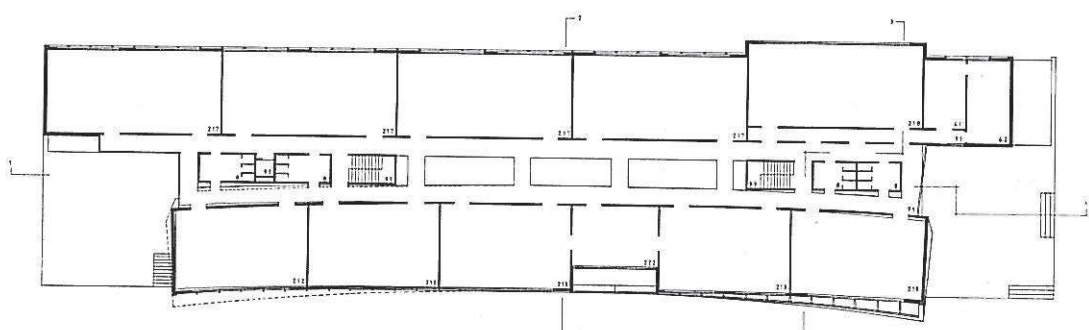
CORTE 11



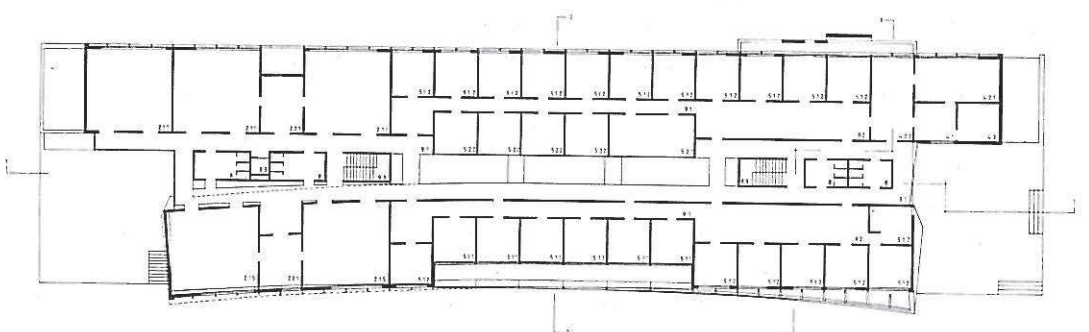
CORTE 11



PLANTA DO PISO 0



PLANTA DO PISO 1



PLANTA DO PISO 2

EDIFÍCIO DE ENGENHARIA ELECTROTÉCNICA

LEGENDA

- 1 ENGINHO TÉCNICO
 - 1.11 SALAS DE AULA
 - 1.12 SALAS DE AULA
 - 1.3 SALAS DE ESTUDO
 - 1.4 APRENDIZAGEM DE ENGENHARIA
- 2 ENGINHO PRÁTICO
 - 2.11 LABORATÓRIOS DE ELECTRONICA
 - 2.12 LABORATÓRIOS DE CONTROLO
 - 2.13 LABORATÓRIOS DE AUTOMATICA
 - 2.14 LABORATÓRIOS DE SISTEMAS
 - 2.15 LABORATÓRIOS DE SISTEMAS LOGICOS
 - 2.16 LABORATÓRIOS DE PROGRAMACAO
 - 2.17 LABORATÓRIOS DE SISTEMAS DE CONTROLO E HIERARQUIA
 - 2.18 LABORATÓRIOS DE ACOJANHAMENTO
 - 2.19 LABORATÓRIOS DE TELECOMUNICACOES
 - 2.21 SALA DE APOIO LABORATORIAL
 - 2.22 SALA DE APOIO LABORATORIAL
- 3 APOIO TECNICO
 - 3.1 BIBLIOTECA
 - 3.2 REPROGRAMA
- 4 ADMINISTRACAO E ENSEJO
 - 4.1 SECRETARIAS
 - 4.21 GABINETE DO P.D.E.E
 - 4.22 SALA DE ESPERA
 - 4.3 APOIO
- 5 INSTALACOES PARA DOCENTES
 - 5.11 GABINETES
 - 5.12 GABINETES
 - 5.21 SALA DE REUNIOES
 - 5.22 GABINETES DE SECRETARIADO
- 6 APOIO TECNICO GERAL
 - 6.1 ATIVIDADES GERAIS
 - 6.2 DEPARTAMENTO DE MANUTENCAO
 - 6.3 CENTROS DE INVESTIGACAO
- 7 APOIO SOCIAL
 - 7.1 COZINHA
 - 7.2 BANHOS
 - 7.3 BANHOS
- 8 INSTALACOES SANITARIAS
- 9 ORGANIZACAO
 - 9.1 CORRETORES
 - 9.2 ATIVIDADES
 - 9.3 ESCALAS E ELEVADORES

Concurso Público para o estudo prévio do Departamento de Engenharia Civil da Faculdade Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa - Monte da Caparica

Jorge Kol de Carvalho
Rep. AAP no Júri

38

Decorrido mais de um ano sobre a minha participação no júri do Concurso para o Departamento de Engenharia Civil da FCT do Monte da Caparica, torna-se penoso escrever o que quer que seja sobre a selecção, daquela dúzia de trabalhos, pela dificuldade que encontro em recordá-los.

Relembro, no entanto com mais facilidade, as ineducadas exigências do Caderno de Encargos que não se traduzem em melhoria da qualidade das propostas, antes porém as tornam, sob determinados aspectos uniformes, e descaracterizadas, e sobre as quais então alertei a respectiva secção da AAP.

Mesmo com recurso às actas que então elaborei, a minha traiçoeira memória não me deixa mais que legendar sucintamente as quatro propostas finalistas, seleccionadas daquela dúzia de trabalhos a concurso, e dos quais poderei dizer que se escalonaram qualitativamente em terços; um terço muito bom donde saíram os quatro classificados, um terço bom, de qualidade satisfatória, e um terceiro terço fraco, de qualidade menor.

Caracterizaria então as quatro propostas finalistas da seguinte forma:

– Proposta de Nuno Rodrigues Leônidas – Menção Honrosa

...“As questões de ordem funcional foram determinantes para a posição que ocupou no lote das finalistas. Com qualidade arquitectónica, apresenta soluções de espaços interiores interessantes totalmente corres-

pondidas pela composição volumétrica e de espaços.”...

– Proposta de Rui Ferreira Cardoso – 3ª classificada
...“Não respondendo integralmente ao Programa Funcional, apresenta uma organização interna bastante interessante e única no conjunto das propostas apresentadas.”...

– Proposta de Luís Patrício Costa – 2ª classificada
...“Com deficiências funcionais, apresenta no entanto e sobretudo no tratamento de volumes uma arquitectura de qualidade que a distancia das outras propostas.”...

– Proposta de Ricardo da Silva Oliveira – 1ª classificada
...“Respondendo integralmente ao Programa e de forma adequada à sua organização espacial, corresponde à proposta de maior qualidade arquitectónica, traduzida na variedade e riqueza dos espaços que uma linguagem simples reforça e de onde se destaca a sobriedade dos materiais empregues.”...

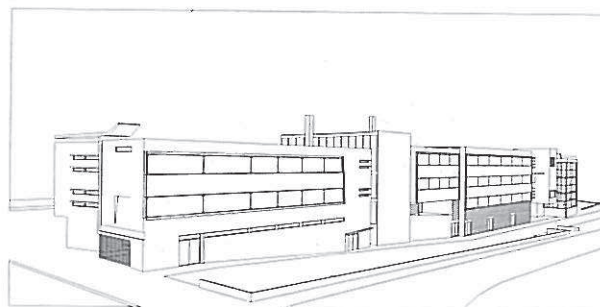
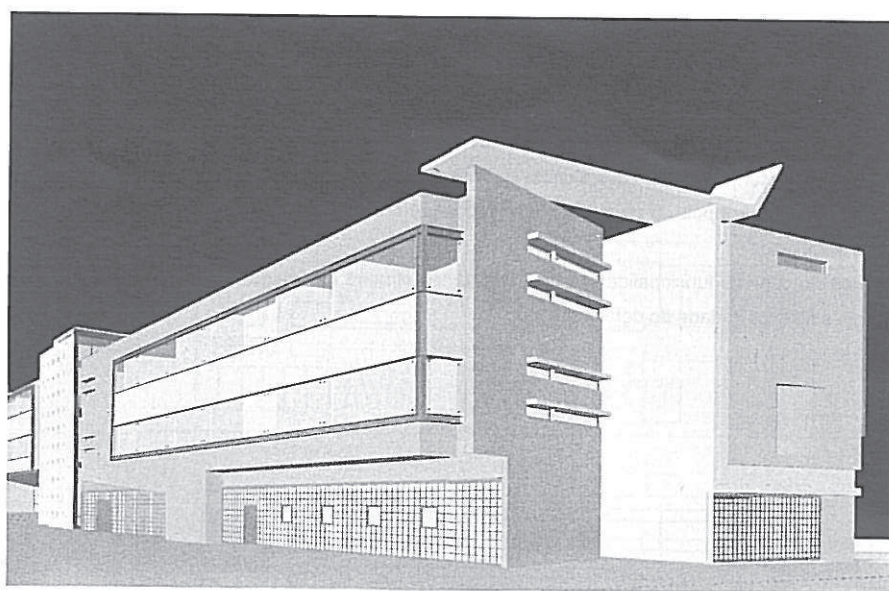
Há dias, ao folhear um dos últimos números da *Architecti*, reví a solução nela publicada, e dei comigo satisfeito pela concordância de pontos de vista traduzidos numa simplicidade que não é simples como refere o seu autor no texto que acompanhava os desenhos publicados:

...“Com estes pressupostos e com o programa de concurso, o edifício foi surgindo como um conjunto de elementos articulados por uma linguagem sóbria e animados por cromatismos de base material.”...

1º Prémio

Ricardo Oliveira

Colaboração Gisela Mascarenhas Estrutura João Viegas Instalações Mecânicas Celestino Viegas Instalações Eléctricas António Almeida
Instalações de Segurança Luis Milreu Águas e Esgotos José João



39

O projecto refere-se ao edifício da Faculdade de Engenharia Civil, Geotécnica e Ciências da Terra, situado no Campus Universitário da Universidade Nova de Lisboa – Monte da Caparica.

As regras impostas pelo plano de pormenor condicionaram fortemente o projecto: 2 blocos, 3/4 pisos, limite da área de construção, etc.

Com estes pressupostos e com o programa de concurso, o edifício foi surgindo como um conjunto de elementos articulados por uma linguagem sóbria e animados por cromatismos de base material.

O projecto desenvolve-se em torno de duas fortes vertentes – A racionalização estética do objecto arquitectónico, e os condicionalismos técnicos, inerentes às disciplinas que o edifício irá comportar.

Descrição e Objectivos da Ocupação Proposta:

1 – Criação de um conjunto de 3 Corpos, sendo o primeiro, a Norte, destinado ao Departamento de Ciências da Terra. Dispõe de acesso independente e isolado e contíguo ao Corpo Central.

Este último e o Corpo Sul, ligados entre si por uma passagem aérea comportam conjuntamente os Departamentos de Engenharia Civil e Engenharia Geotécnica, dadas as afinidades científicas e tipológicas de ambos.

2 – A entrada principal deste Edifício situa-se a Nascente, sensivelmente a meio da Alameda Pedonal proposta no Plano de Pormenor e constitui-se como a grande entrada, ponto de confluência e convívio a todos os utentes dos Departamentos. Pretende-se um amplo espaço interiorizado através de cortina de vidro funcionando duplamente como limite “receptáculo” e/ou limite “distribuidor” às zonas adjacentes.

3 – Criação de percursos longitudinais desde a entrada principal funcionando como eixo distribuidor permitindo que o utente faça uma utilização sequencial das instalações.

4 – Criação de um segundo percurso pedonal transversal à Alameda resultante do espaço entre a fachada Norte do Corpo Central e a fachada Sul do Corpo Norte pretende-se que estabeleça a diferença de cotas e que articule o estacionamento a Ponte com as entradas nos sectores.

Estas razões também serviram de base à ligação por rampa entre as entradas principais dos Corpos Sul e Central.

Estratégia Funcional:

A organização funcional do Departamento de Engenharia Civil e Engenharia Geotécnica obedeceu a critérios de acessibilidade decrescente por parte dos alunos.

Deste modo optou-se por colocar todas as instalações relativas à docência e a direcção, no Bloco Sul, com entrada individualizada, na proximidade do estacionamento exterior.

A articulação interna com o Corpo Central é feita interiormente pela passagem aérea.

Este Corpo dispõe de uma estruturação mista horizontal/vertical.

Duas alas de laboratórios em quatro pisos enquadram os percursos Sul, transversais ao átrio de entrada e ao bloco de acessos vertical.

Duas alas de salas de aula nos dois últimos pisos enquadram igualmente os percursos Norte, transversalmente ao Bloco vertical de acessos.

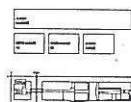
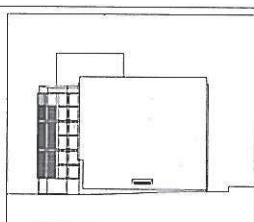
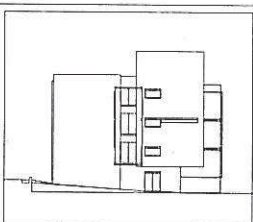
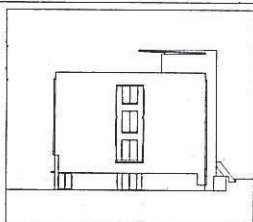
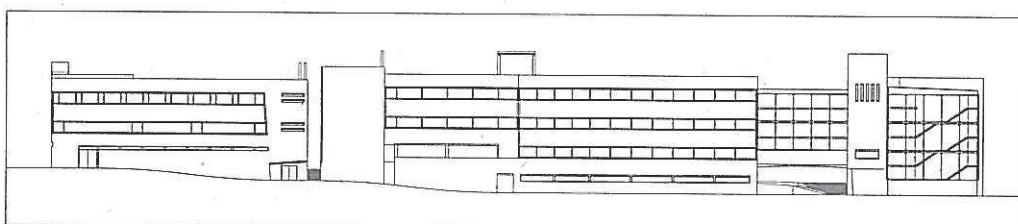
Estes percursos acedem também aos espaços comuns de apoio (bibliotecas, salas de estudo e reprografias).

O edifício do departamento de Ciências da Terra, apresenta uma distribuição funcional idêntica ao anterior, por possuir menores dimensões obviou-se o desenvolvimento na vertical.

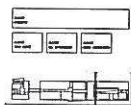
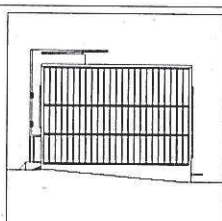
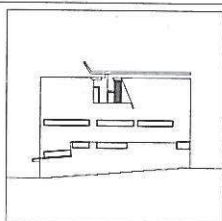
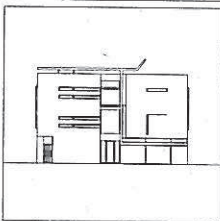
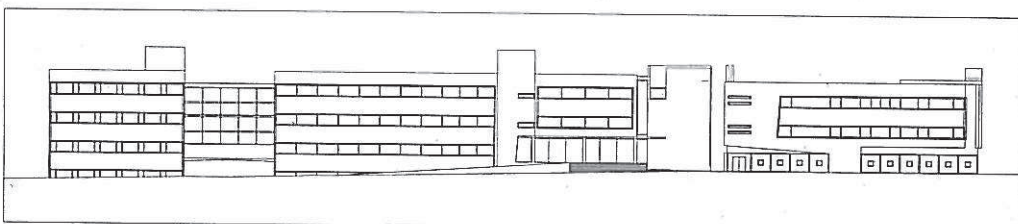
Assim as instalações para docentes, administração e direcção estão isoladas no último piso de uma ala de salas de aula, por critérios de acessibilidade decrescente por parte dos alunos.

Os espaços laboratoriais e respectivas salas de apoio, o restante ensino teórico, biblioteca, reprografia, bar e armazém geral, ocupam os dois primeiros pisos.

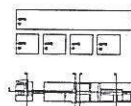
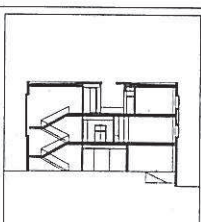
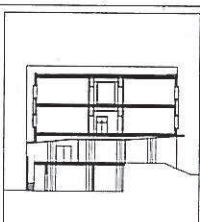
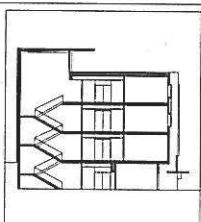
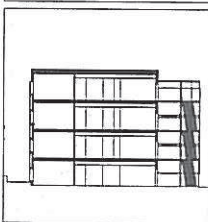
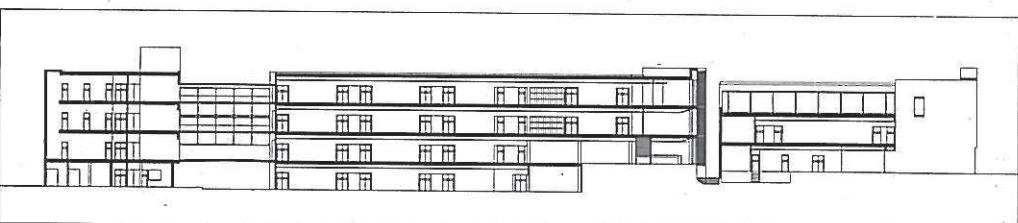
Em linhas gerais, a estratégia do projecto conferiu funcionalidade, adoptando uma estrutura modulada ortogonal que garanta a simplicidade, economia e sistematicidade do detalhe.



ALÇADOS

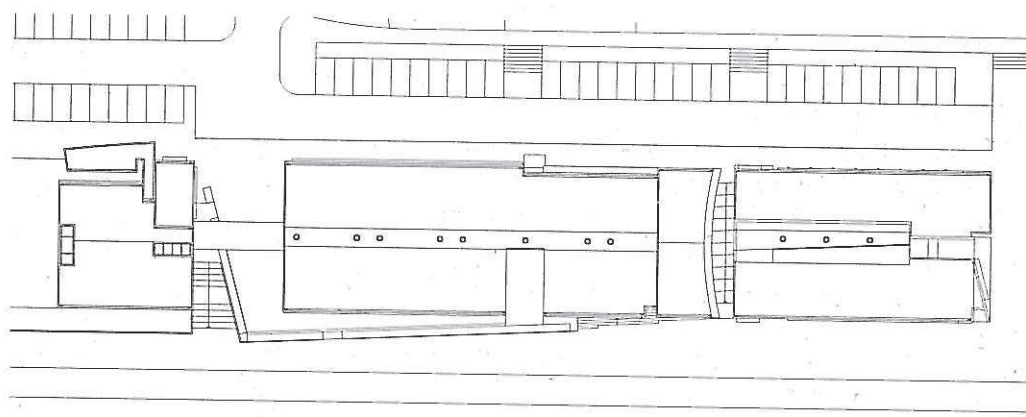


ALÇADOS

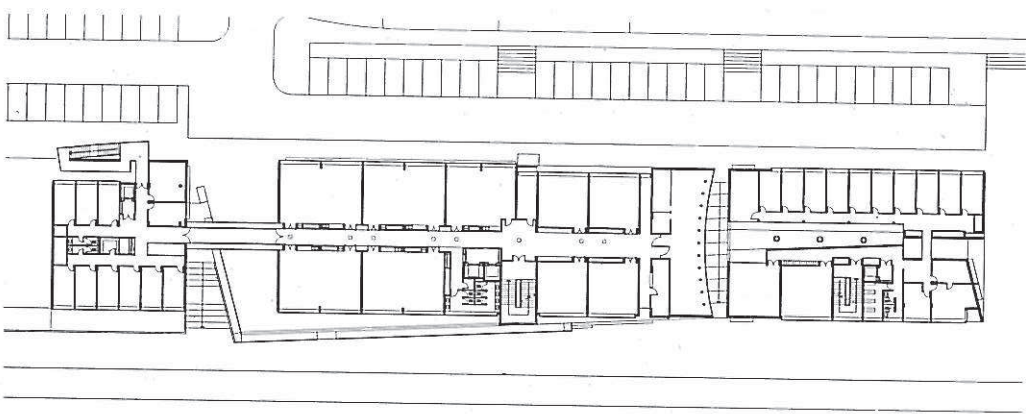


CORTE

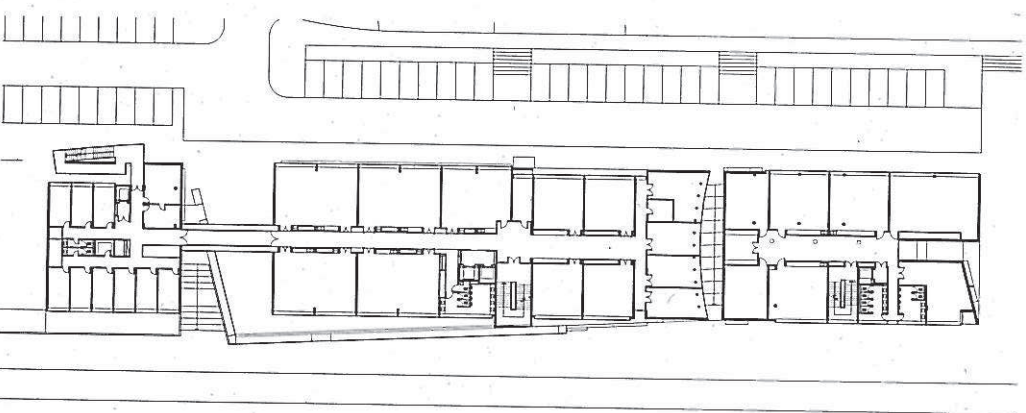
PLANTA DE COBERTURAS



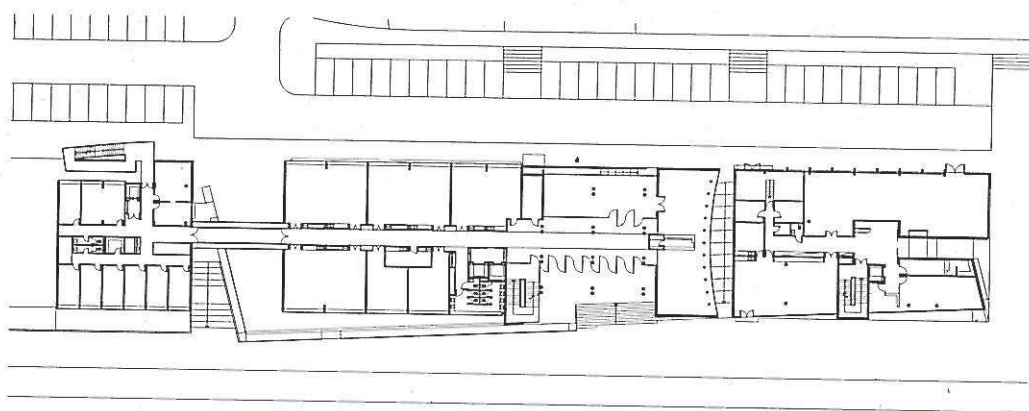
PISO 2



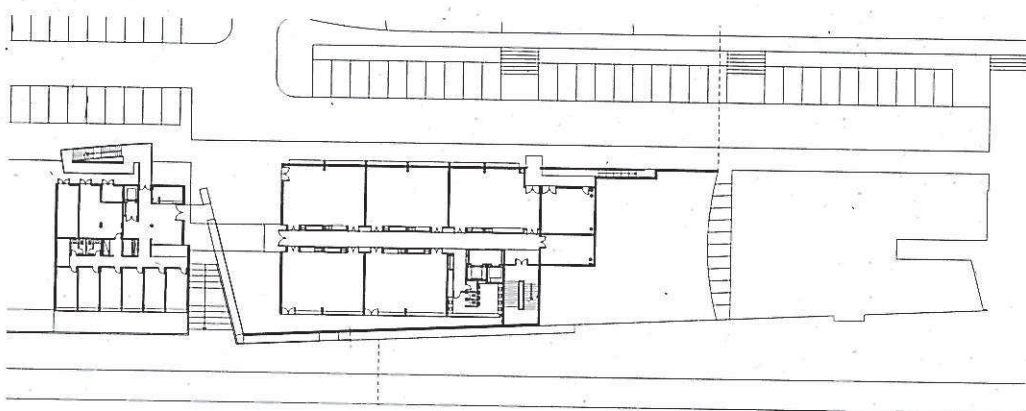
PISO 1



PISO 0



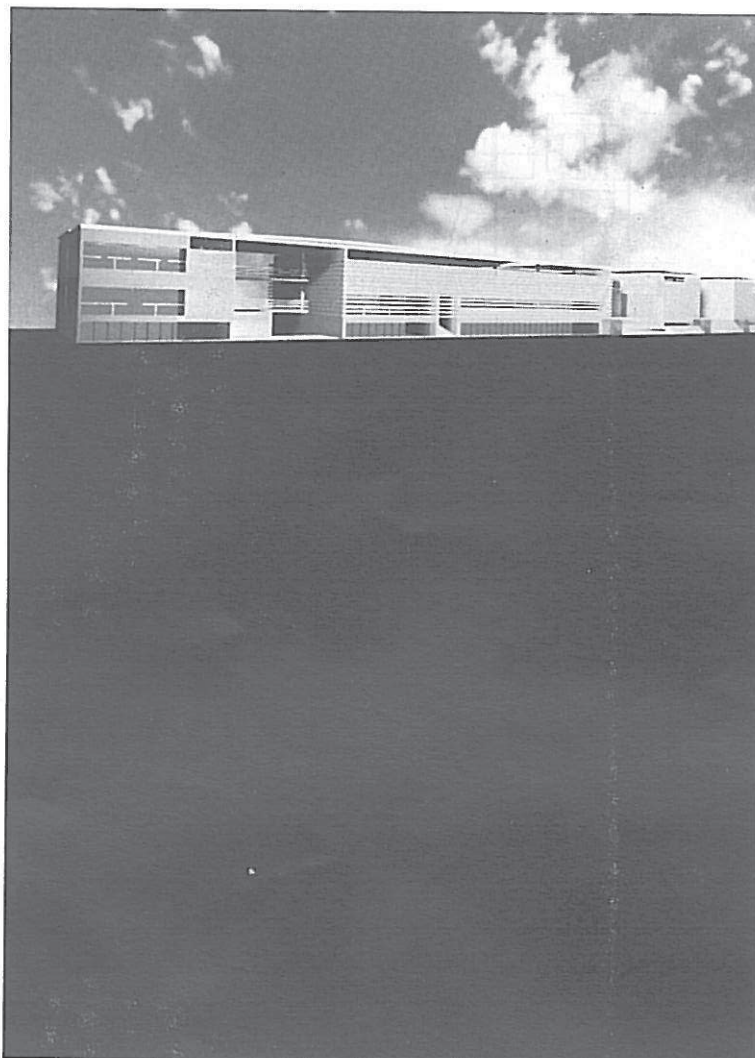
PISO -1



2º Prémio

**Luís Patrício Costa
Paulo Nunes**

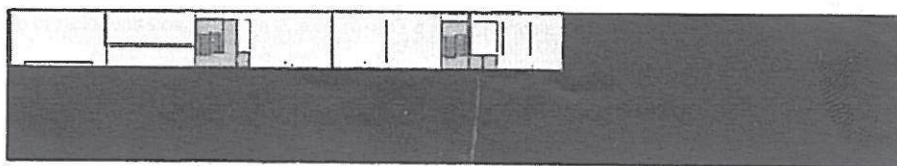
Com Paulo Street, Miguel Santos Fundações e Estruturas Oscar Prada Santos Instalações Eléctricas Ruben Sobral Instalações
Mecânicas José Nobre Instalações Hidro-Sanit Vítor Rodrigues Arranjos Exteriores Paula Mâncio dos Santos Seg. Prev. Incêndio
Carlos Souto



Este concurso público para o edifício de Engenharia Civil/Geotécnia/ e Engenharia Geológica para a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, premiado com o segundo lugar, radica na opção base de interligar os três departamentos num único edifício, caracterizando-os simultaneamente em três partes distintas através dos PÁTIOS.

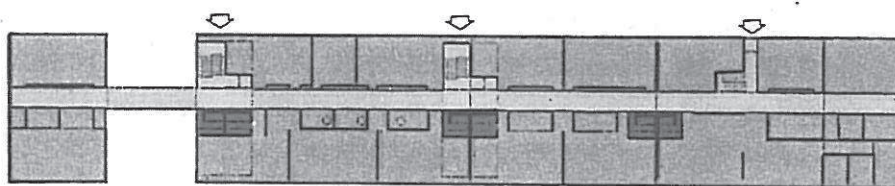
Dada a relação linear e unificadora das circulações, quer horizontais quer verticais, cabe a estas constituírem-se como elementos agregadores da proposta.

TRATA-SE ASSIM DE UM EDIFÍCIO LINEAR, COM TRÊS NÍVEIS, SUCESSIVAMENTE PARA LABORATÓRIOS, SALAS DE AULAS E GABINETES, AUTONOMIZANDO OS TRÊS DEPARTAMENTOS EM TORNO DOS TRÊS PÁTIOS.



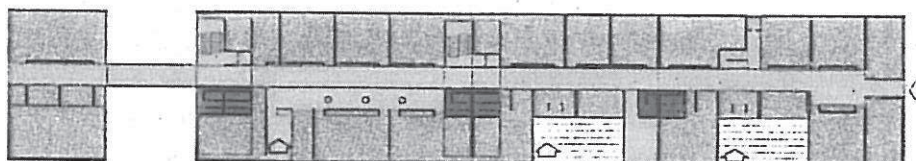
PISO TECNICO P-1

Amaz. Gerais e Centrais Técnicas Circulaç/aceessos



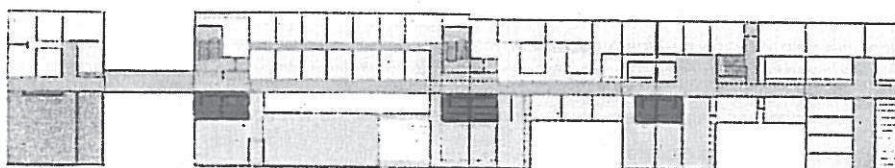
PISO 0 - LABORATORIOS

Laboratorios Inst. sanitárias Circulaç/aceessos



PISO 1 - SALAS DE AULAS

Salas de aula Inst. sanitárias Circulaç/aceessos



PISO 2 - GABINETES

Gabinetes Inst. sanitárias Circulaç/aceessos Bibliotecas

3º Prémio

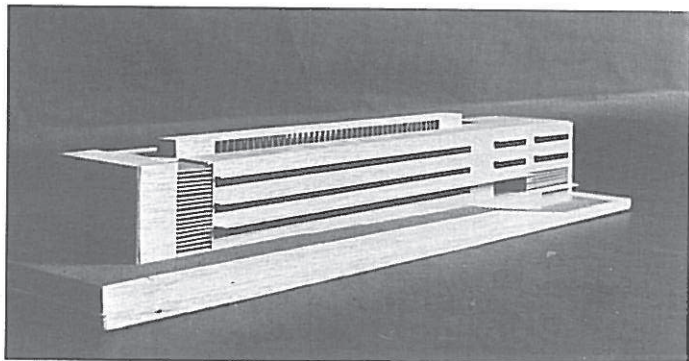
Rui Cardoso

Pedro Ricciardi

António Alfarroba

Isabel Guardado

Colaboração Sérgio Saraiva, Mário Benjamim Fundações e Estruturas M.J. Loureiro Pipa (P e V. – Consultadoria e Projectos de Engenharia, Lda.) Instalações e Equipamentos Eléctricos, Sistema de Segurança Integrada J.F. Caetano Gonçalves (Joule, – Projectos, Estudos e Coordenação, Lda.) Instalações e Equipamentos Mecânicos J.C. Galvão Teles (José Galvão Teles, Engenheiros, Lda.) Instalações e Equipamentos de Águas e Esgotos M.J. Grade Ribeiro (GR – Estudos, Projectos e Consultadoria, Lda.)



Condicionantes

As condicionantes fulcrais para a proposta são:

- O programa, que prevê a instalação de três departamentos – Eng. Civil, Geotecnia e Ciências da Terra num só edifício.
- Os dados do plano, com a implantação do edifício definida, limites de cêrcea e atravessamento pedonal na zona sul do edifício.

Conceito geral da proposta

A nossa proposta pretende encarar o edifício como um todo coerente, salvaguardando a possibilidade de controle de acessos às zonas específicas de cada departamento.

O acesso principal far-se-á pelo topo Norte, conforme a recomendação programática fundamentada pela maior proximidade desta zona à área central do Campus. A entrada far-se-á directamente para o átrio principal do edifício. Este átrio desenvolve-se ao nível do piso térreo, tendo parcialmente um triplo pé-direito com galerias, envidraçado a Poente. Procura-se assim dotar este espaço de uma escala e nobreza condizente com a sua função e com o desejo de o tornar nuclear e clarificador da estrutura espacial da escola.

Sobre a entrada encontra-se a Biblioteca que concentra as três bibliotecas departamentais. Esta opção programática justifica-se pela intenção de localizar a Biblioteca num sítio central, pela exiguidade de áreas destinadas a estes espaços e pela maior economia na manutenção (em número de funcionários, por exemplo). Torna-se assim possível encontrar uma solução arquitectónica com uma maior riqueza espacial. O acesso da Biblioteca far-se-á pela galeria do Piso 2, desenvolvendo-se parcialmente um duplo pé-direito sobre o qual abre galerias dotadas de estantes e bancadas para leitura, com um grande envidraçado a Norte, que permitirá uma iluminação relativamente constante e isenta da incidência directa de raios solares.

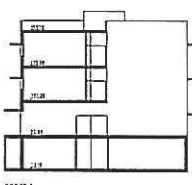
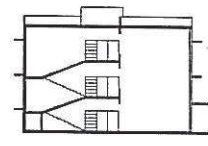
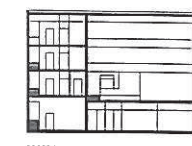
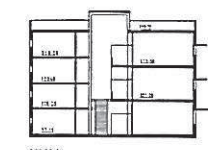
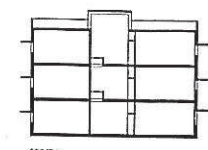
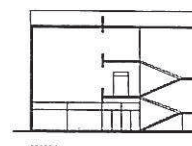
Com o átrio articulam-se em cada piso os corredores centrais de cada departamento (Piso 1 – Geotecnia, Piso 2 – Eng. Civil, Piso 3 – Ciências da Terra). Ao longo destes corredores organizam-se os vários espaços de ensino segundo as seguintes prioridades de proximidade em relação ao átrio: ensino teórico, ensino prático, gabinetes de docentes e direcção.

O grande desenvolvimento destes corredores levou-nos a procurar criar situações arquitectónicas que enriquecessem estes espaços e permitissem a iluminação natural em praticamente toda a sua extensão.

Assim, num primeiro troço mais alargado, correspondente à zona de salas de aulas teóricas, teremos "poços de luz" verticais que criam recessos junto à entrada das salas de aula. No troço seguinte temos um vazado de triplo pé-direito que separa as circulações gerais das do corpo de docentes. Um lanternim permitirá a iluminação natural zenital.

O corpo da direcção e gabinetes dos docentes desenvolve-se em quatro pisos, sem ultrapassar a cêrcea geral. Isto torna-se possível pelo elevado pé-direito necessário nos espaços de ensino, que caso fosse utilizado em espaços com as características dos gabinetes seria até opressivo. Reduzindo o pé-direito das áreas dos docentes a um valor mais apropriado aos espaços em causa, consegue-se dispôr de um corpo de um edifício para os docentes com uma leitura autónoma e coerente.

Os corredores de acesso abrem para o vazado (que absorve os desníveis entre os pisos), protegidos por uma série de "lâminas" verticais, estrutura do lanternim, que definem uma cortina que privatiza as circulações dos docentes, sem as retirar do ambiente geral da escola. As ligações às circulações gerais far-se-ão em ambos os topos do corpo de docentes, através de escadas que resolvem os desníveis, comunicando com a zona laboratorial. O departamento de Eng. Civil terá o usufruto dos dois pisos intermédios, por o número de gabinetes ser aproximadamente o dobro dos outros departamentos. A solução apresentada permite um acesso independente do



exterior para os docentes (para o parque de estacionamento a Poente) e circulações próprias dos docentes entre departamentos, além da clara possibilidade de uns departamentos crescerem sobre os outros, o que é um dos requisitos programáticos.

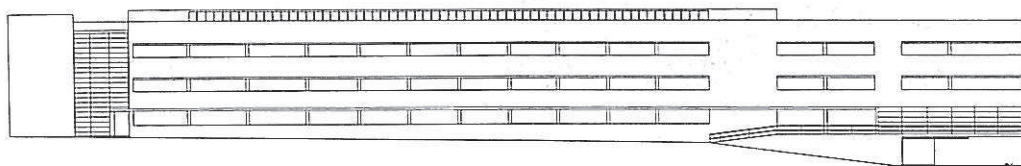
No vazado, entre os pisos 1 e 2, existirá uma escada paralela às circulações que permite a facilidade de relações entre os departamentos de Geotecnia e Eng. Civil, assumindo-se o corredor de Geotecnia, mais amplo por se situar na base do vazado, como um átrio comum a estes dois departamentos.

Para Sul prolongam-se os espaços laboratoriais, com atravessamento pedonal proposto no Plano a interromper o edifício no piso 1. Isto permite a criação de um acesso exterior secundário directamente relacionado com o corredor central. O estrangulamento proposto no plano, nessa zona (passagens em passerelle), é respeitado a Nascente, onde ele se justifica pela relação com os outros edifícios semelhantes. A Poente tal não acontecerá, reforçando a ideia de fim dessa lógica de atravessamentos e relações visuais proposta no plano.

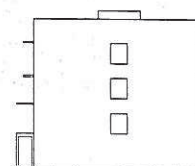
O corpo a Sul desta situação será ocupado nos três pisos por Eng. Civil, permitindo a ampliação exclusiva para este departamento, ou com reformulações espaciais pontuais ampliações dos outros departamentos.

No Piso 0 localizar-se-ão as zonas técnicas e armazéns gerais, com ligação aos pisos superiores por ductos verticais, e acesso directo a cargas e descargas.

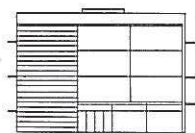
Na cobertura, nos topos do lanternim longitudinal que ilumina as circulações serão construídos espaços técnicos para as instalações electro-mecânicas.



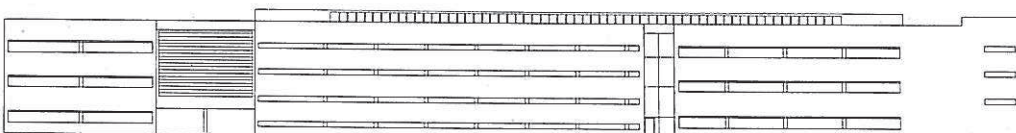
ALÇADO POENTE



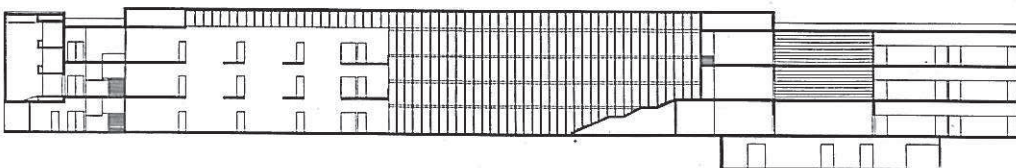
ALÇADO SUL



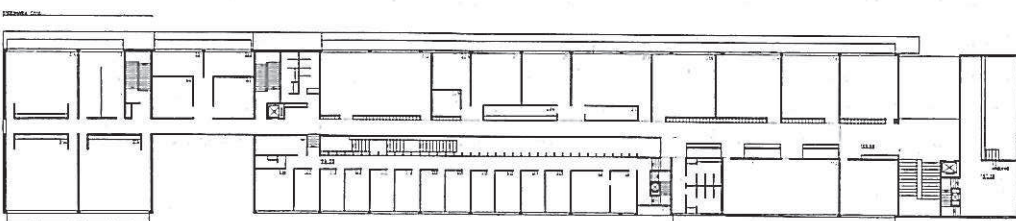
ALÇADO NORTE



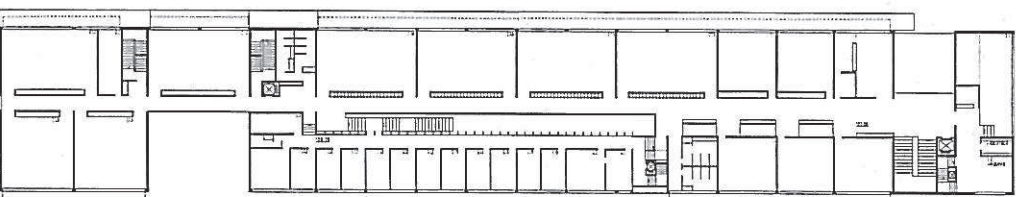
ALÇADO NASCENTE



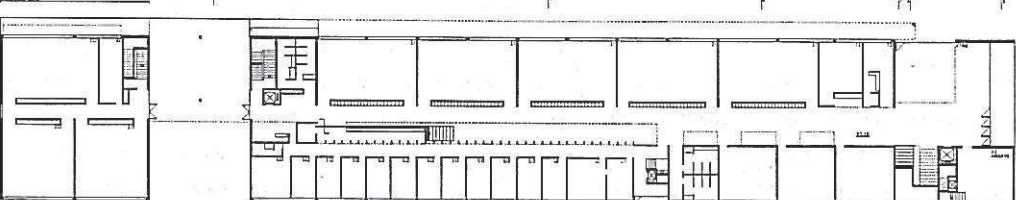
CORTE 1



CORTE 2



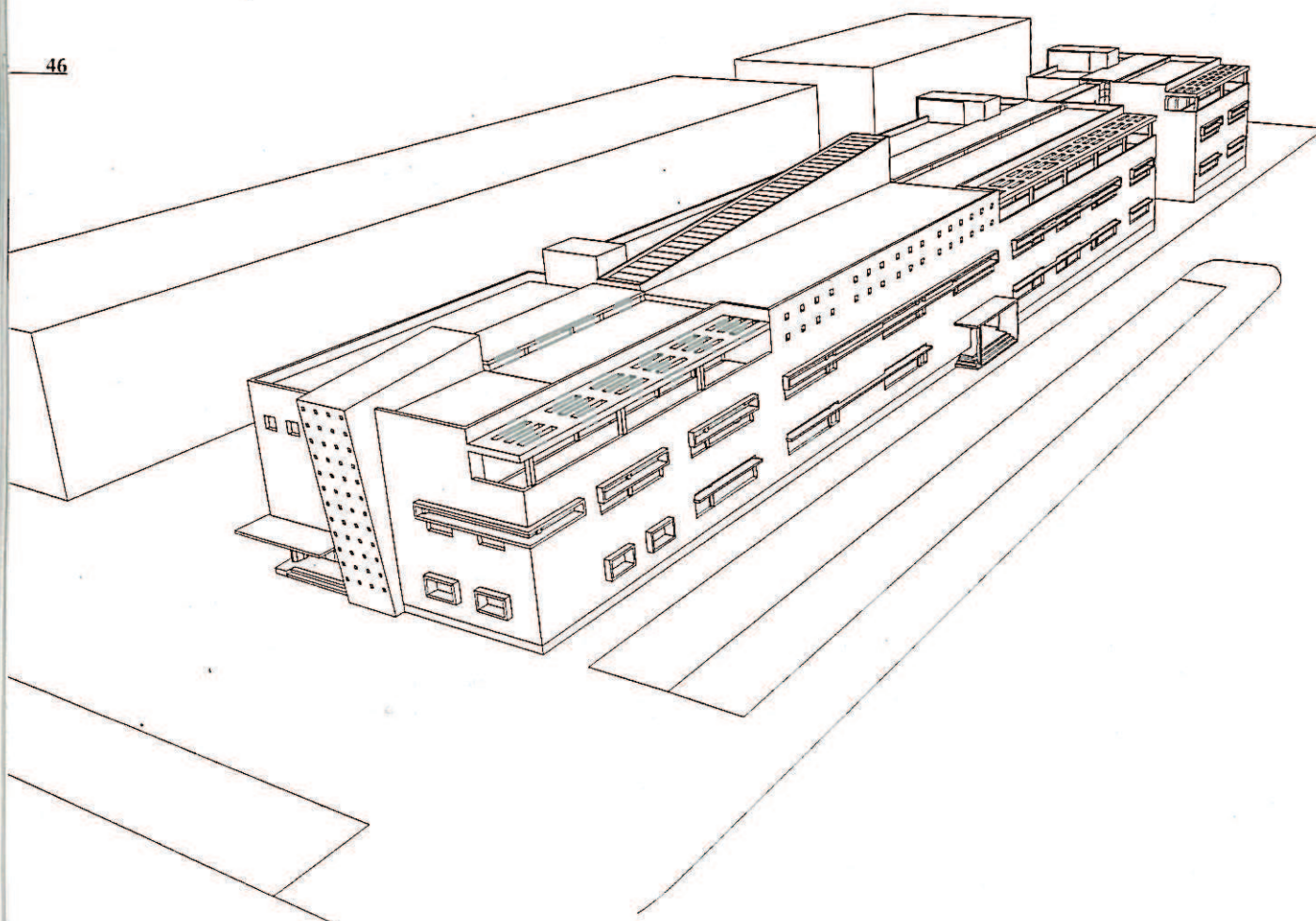
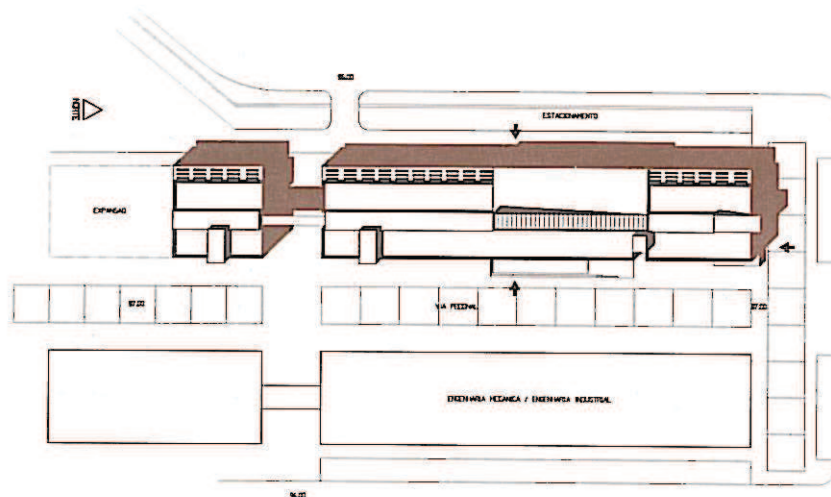
CORTE 3



CORTE 4

Menção Honrosa
Nuno Maria Leónidas
Alexandre Duarte Silva
Vasco Maria Leónidas

Colaboração Ana Oliveira Desenho Ricardo Martins Fundações e Estruturas Luís Miguel Menano Redes de Águas e Esgotos Luís Miguel Menano Instalações Técnicas Especiais Luís Malheiro da Silva – Projectos e Gestão de Instalações Especiais, Lda.



O plano de urbanização impõe regras rígidas à implantação e volumetria do edifício ao determinar a forma e o número de pisos.

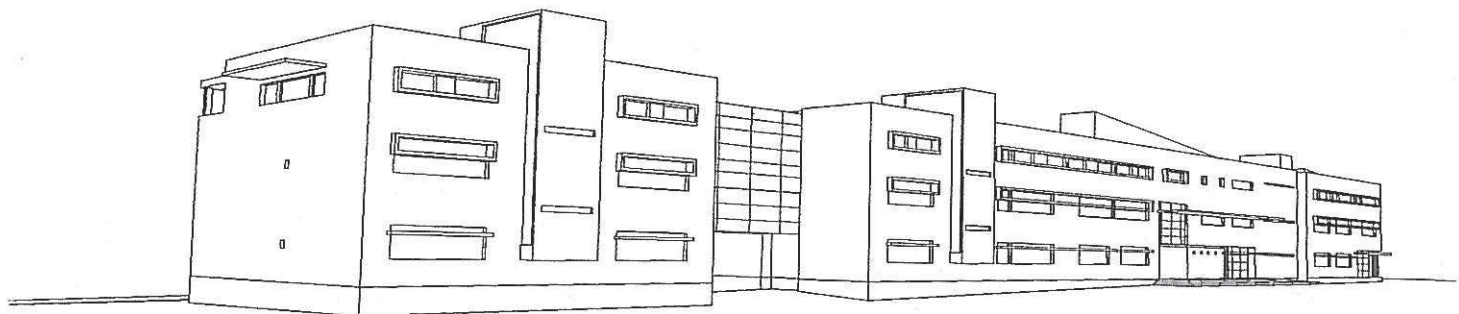
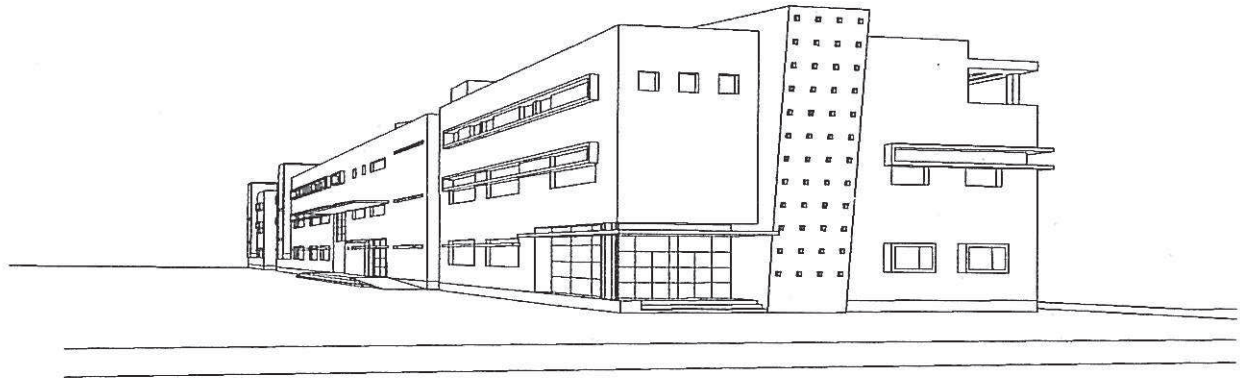
Criámos um eixo longitudinal de circulação onde diversos acontecimentos animam o espaço, proporcionando ao utente um percurso sempre renovado, onde a luz e os volumes brincam com a ordem pré-estabelecida.

Os sistemas de circulação vertical servem de pretexto para subverter o volume imposto pelo plano.

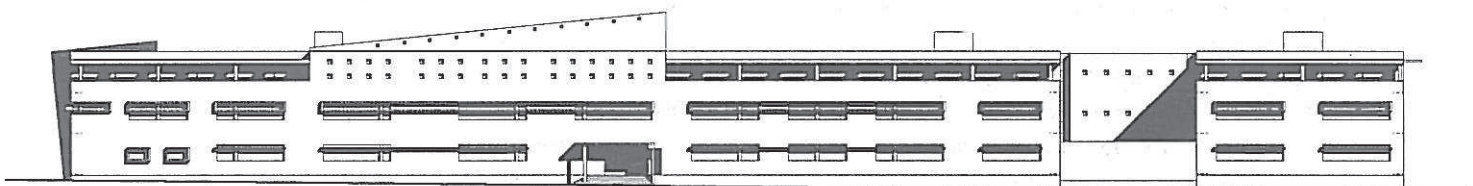
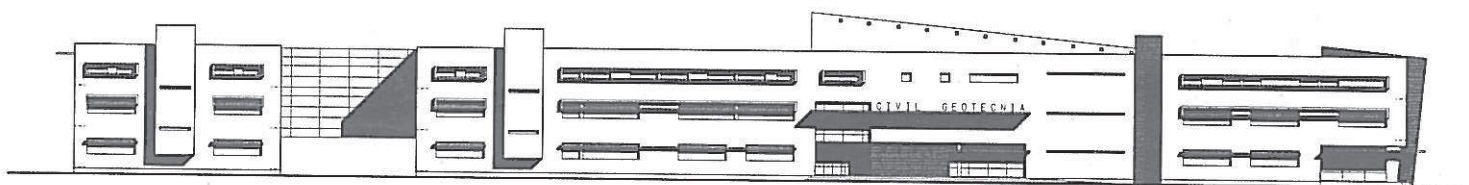
Os acessos, bem como a zona de bar e convívio, pela sua relação franca com o caminho pedonal, sugerem uma

maior relação com o edifício de Engenharia Mecânica.

Houve um cuidado especial no tratamento da fenestração, introduzindo-se palas de sombreamento, cujo desenho foi rigorosamente estudado de acordo com o movimento do sol ao longo do ano.



47



Concurso Limitado para Elaboração do Projecto dos Edifícios das Residências Universitárias da FCT/UNL - Monte da Caparica

1º Prémio

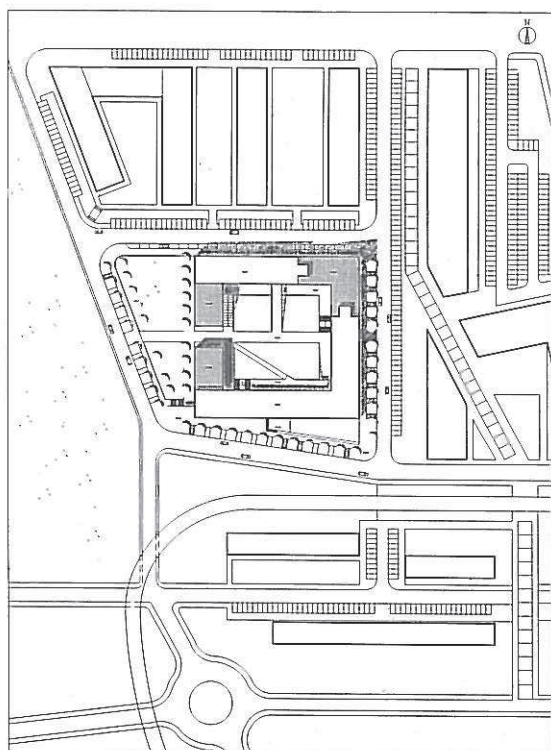
Manuel Salgado

Colaboração Marino Fei, Paulo Albuquerque, Tomás Salgado, José Araújo, José Carlos Monteiro, Lino Ramos, Luís Serrão, Nelson Ramos

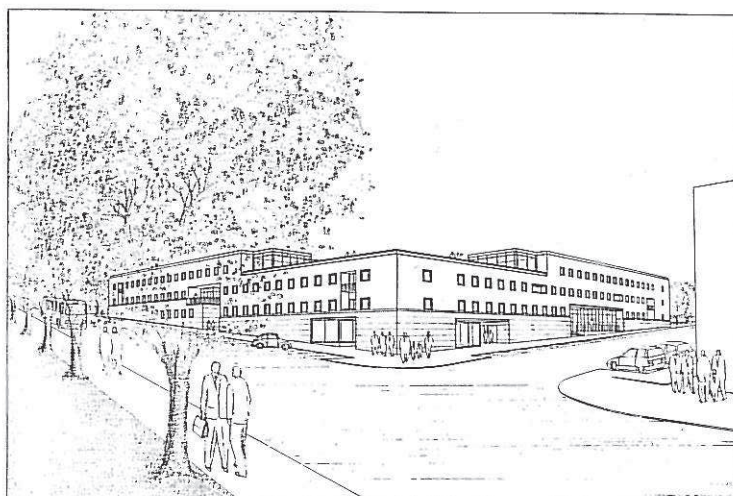
Fundações e Estruturas António Segadães Tavares Instalações e Equipamentos Eléctricos e Telecomunicações João Caetano

Gonçalves Instalações e Equipam. Mecânicos Manuel Rhodes Mendonça Instalações e Equipamentos de Águas e Esgotos Manuel

Grade Ribeiro Arranjos Exteriores João Gomes da Silva



PLANTA DE IMPLANTACAO ESC:1/500



Não obstante o local no Monte da Caparica onde vão ser construídas as residências para estudantes, ser, de momento, um ermo, na realidade, visto existir um Plano de Urbanização, considerámo-lo como uma área urbana consolidada, relacionando o novo organismo arquitectónico com os futuros edifícios propostos para a envolvente. Conceptualmente a proposta consiste em organizar dois "U" desenhando em planta um grande quadrado rigidamente alinhado com os eixos principais do plano. Esta forma geométrica simples ganha complexidade ao adaptar-se à topografia do terreno e ao aceitar dois percursos ortogonais que rompem os blocos e atravessam o sistema dando origem a enfiamentos de vistas que articulam os espaços exteriores públicos e privados e tornam transparente o conjunto.

O carácter do conjunto e a sua tonalidade são diferentes quando observados do exterior do quarteirão ou de dentro do grande pátio interior.

Com esta diferença pretendeu-se criar uma relação dialéctica entre um exterior de edifício residencial público e um pátio central onde as fachadas com varandas e marquises têm um desenho e uma escala mais doméstica.

Esta mesma relação dialéctica é procurada no desenho dos espaços exteriores – ruas, pavimentos, muros, rampas, etc. – tendo a envolvente do quarteirão um desenho que estabelece no interior do pátio os grandes relevados inclinados que se adaptam à topografia, recuperando um pouco a imagem do espaço central do claustro ou o modelo do "college" oxfordiano.

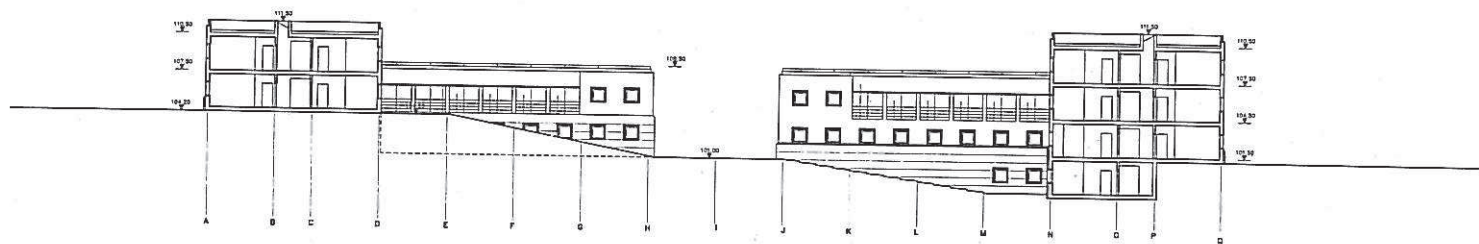
A reforçar esta ideia, localizou-se a área comercial na esquina NE do quarteirão, virada para a rua, aproveitando esta localização estratégica para acentuar o carácter público do imóvel, e localizam-se os apartamentos T1, em número de cinco, no piso térreo, viradas para Sul, de nível com o pátio interior.

O pátio central foi concebido como uma grande área de fruição visual e recreio privativo dos residentes. Aliás, a opção por um espaço exterior privado liga-se a questões de gestão e manutenção das áreas livres e à privacidade das residências.

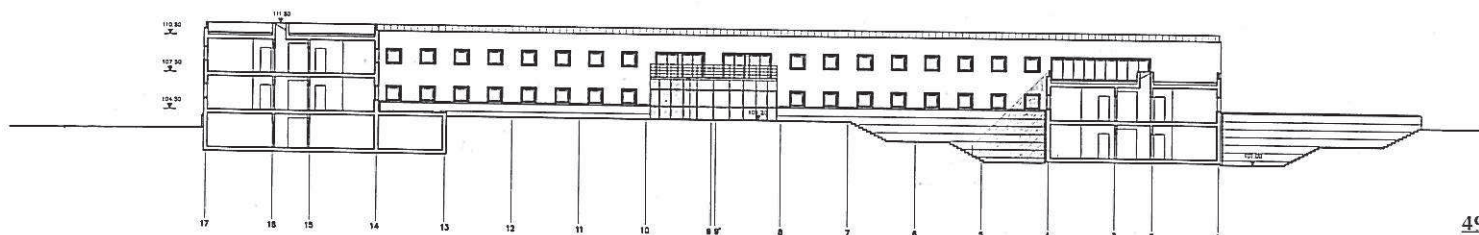
Na parte Poente do lote propõe-se, ainda, uma área livre, ajardinada, que contribui para afastar a construção do arruamento, reforçando no seu desenho a forma do lote proposta no Plano de Urbanização.

Para compensar a pendente natural do terreno para Norte, organizaram-se grandes relvados em rampa, cruzados por um percurso de nível no sentido E-W, uma rampa oblíqua que liga este percurso central à entrada da unidade a construir na segunda fase. Teremos assim dois eixos ortogonais que cruzam o sistema, relacionando o espaço público envolvente, as entradas nas residências e o pátio central.

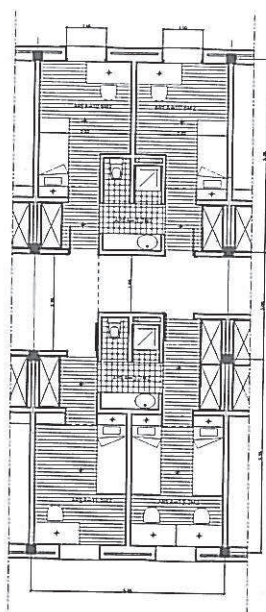
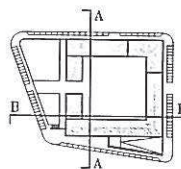
Com esta solução, assegurou-se ainda a possibilidade dos deficientes em cadeiras de rodas poderem ter um acesso de nível ao piso da entrada onde se localizam os seus alojamentos, em cada uma das residências, assim como prever uma entrada técnica de serviço para o conjunto a partir do exterior.



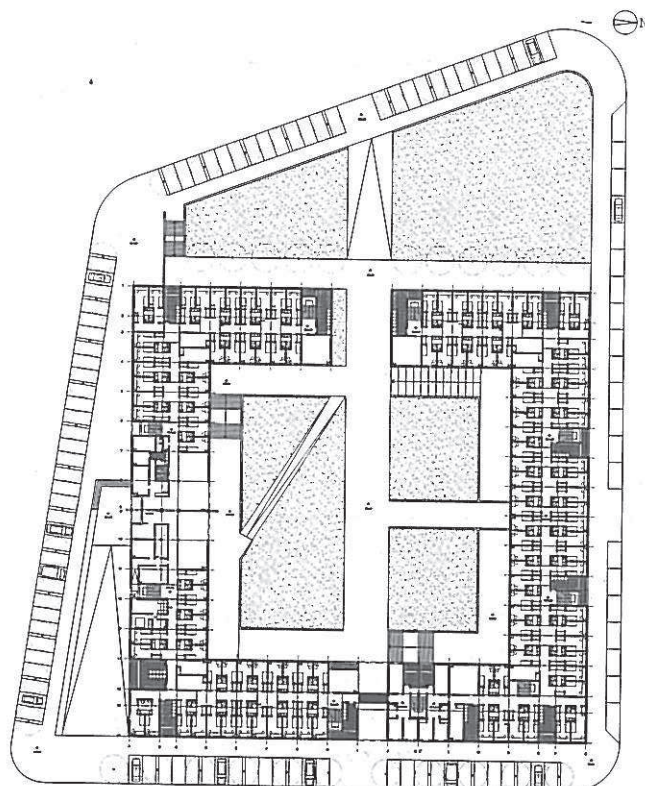
CORTE A-A



CORTE B-B



MODULO TIPO ESC:1/50



PLANTA A COTA 104.50 ESC:1/200

2º Prémio

Alberto de Souza Oliveira
Júlio T. Saint-Maurice

Colaboração João Paulo Vasconcelos Ferreira, João Santos, Sofia Pinto Basto, João Cohen Fundações e Estruturas João Luís Nascimento
Ferreira Instalações e Equipamentos Mecânicos José Vital Lacerda Teixeira Instalações e Equipamento de Águas e Esgotos João
Carlos Paixão Estorninho Instalações e Equipamentos Eléctricos e de Telecomunicações Floriano da Conceição Ferreira Contreiras
Arranjos Exteriores João Ferreira Nunes

1. Esquema Geral da Ideia Proposta

A proposta arquitectónica vem formular uma outra da implantação do conjunto.

Tratando-se de residências universitárias procurou-se adoptar a ideia de um "claustro" ou pátio como memória arquitectónica. São espaços que não sendo exclusivos dos edifícios, admitem uma compreensível privacidade, apesar do seu atravessamento pedonal.

Assim, o conjunto arquitectónico apresenta um traçado em que o espaço exterior não é o espaço remanescente de uma ocupação periférica, mas o resultado de uma configuração que "fabrica" um espaço com uma escala própria dado o porte e características da edificação.

Ao elaborar a proposta dos dois edifícios procurou-se uma autonomia relativa das duas residências, conjugada com uma noção de complementaridade.

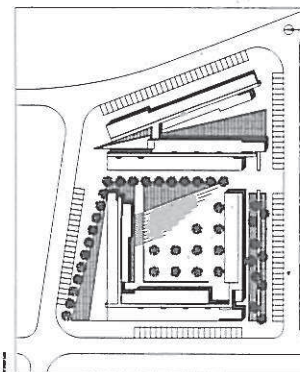
Desta forma, ao construir o primeiro edifício, o terreno admite uma primeira proposta de ocupação que não fica dependente da 2ª fase, sem prejuízo por ser deferida no tempo.

A 2ª fase surgirá, pois, como um completamento conjugado constituindo-se, finalmente, todo o complexo.

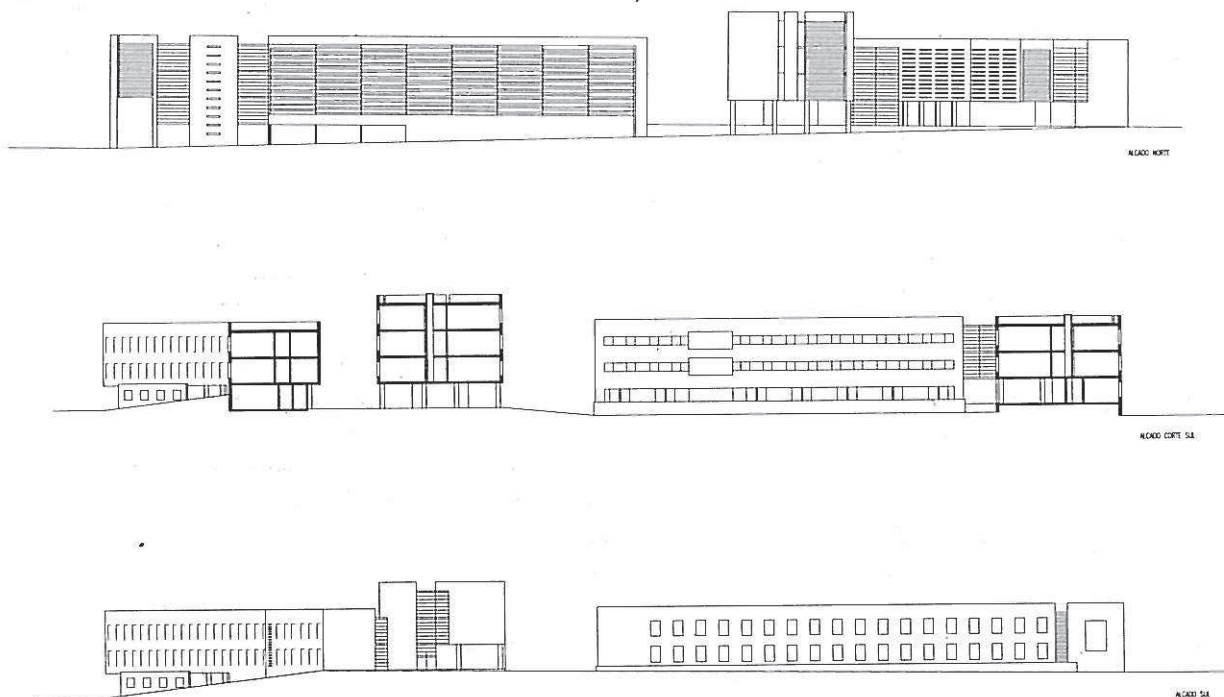
A disposição e orientação das diversas alas do edifício proporcionou uma interpretação criativa do programa, uma vez que se admitiram diversos tipos de quartos, organizados em alas que beneficiam de melhores ou mais difíceis exposições.

Assim, existem alas duplas de quartos com orientação Nascente/Poente e alas simples (dispondo de uma galeria e banda de quartos/habitação) com orientação a Sul ou Poente.

Esta disposição permitiu a opção por diferentes tipos de quartos e uma maior versatilidade de programa que adiante se descreve.



50



2. Distribuição Espacial

- As duas residências propostas têm o seguinte esquema geral:
- Organização das residências em duas alas Norte e Sul, servidas por um sistema de circulações verticais que permite o seu funcionamento em separado;
- Átrio, Recepção e Serviços Administrativos centralizados. (No caso da residência B1 propõe-se uma ala Norte de habitações T1 com evidente autonomia);
- Apartamentos T1 e T2 da Administração, localizados em posicionamento resguardado da movimentação geral da residência, tendo uma ligação independente pelo pátio ou claustro de cada residência;
- Posicionamento das áreas de serviço com acesso pela periferia do quarteirão.

3º Prémio

Miguel Arruda

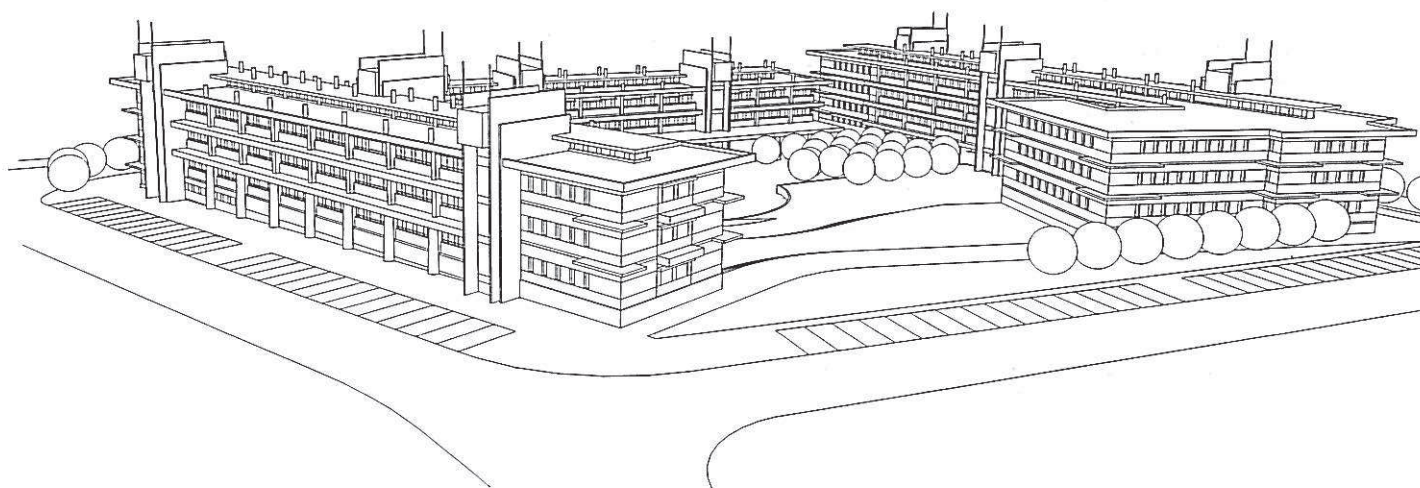
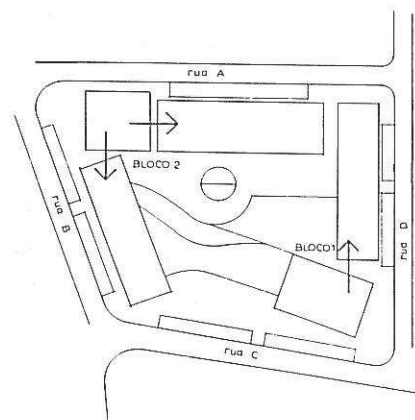
NÃO FORNECEU ELEMENTOS

4º Prémio

José Vaz Pires

César Barbosa

Colaboração Cristina Marques, Rosário Loureiro, Estela Brados Estabilidade Orlando Videira Electricidade Silvino Maio Águas e Esgotos
Orlando Videira Equipamentos Mecânicos António Lacerda Moreira Arranjos Exteriores Isabel Caetano Ferreira



51

A aposta do projecto apresentada neste concurso, visa responder a todo o conjunto de vectores referido no programa preliminar optando a equipa projectista por:

— Procurar uma solução cuja integração na malha do Plano Geral do Campus Universitário confira uma continuidade, não só no contexto construído existente, mas com a preocupação da imagem arquitectónica se tornar referencial e de forte identidade.

A relação do espaço construído com o espaço exterior foi conseguido não só tirando partido das distribuições das massas construídas cujo posicionamento do terreno originam uma Praça, como das diferenças de níveis existentes permitindo criar plataformas tratadas quer em zona verde quer de pavimentos rígidos.

Para esta complexidade construção/exterior corresponder a uma interpenetração espacial sentimos necessidade de criar prolongamentos visuais não só através de eixos directores na Praça, mas também no tratamento das fachadas cujos vãos rasgados e envidraçados, permitem um convívio harmónico entre os dois espaços.

A associação de módulos funcionais devidamente organizados segundo critérios de distribuição por sectores, eixos de circulação horizontal ou vertical e núcleos de controle estratégicos, permitem que a residência possua uma flexibilidade de gestão e funcionamento quer por alas quer por pisos, determinantes para a eficácia do espaço em causa.

A imagem arquitectónica também é traduzida pela selecção de materiais e pormenores de acabamento que foram pensados para garantir resistência, perenidade, fácil manutenção e limpeza. Estes critérios são preponderantes na nossa solução, quer na aplicação nos edifícios quer na construção dos arranjos exteriores. No que concerne a este capítulo achamos que a presença do verde se torna imperativa, pois a associação do elemento natural ao construído não só o complementa como o valoriza.

À giza de conclusão pode dizer-se que o conjunto de residências do Monte da Caparica proposto, pretende articular uma imagem estética actual que consideramos ajustada ao fim em vista e simultaneamente garantir que o espaço a construir com estas características ofereça uma vida social harmoniosa, repousante e adequada às necessidades dos estudantes durante um período decisivo na trajectória das suas vidas.

Concurso Público para Elaboração do Estudo Prévio do Edifício de Matemática e Complexo Pedagógico da FCT/UNL - Monte da Caparica

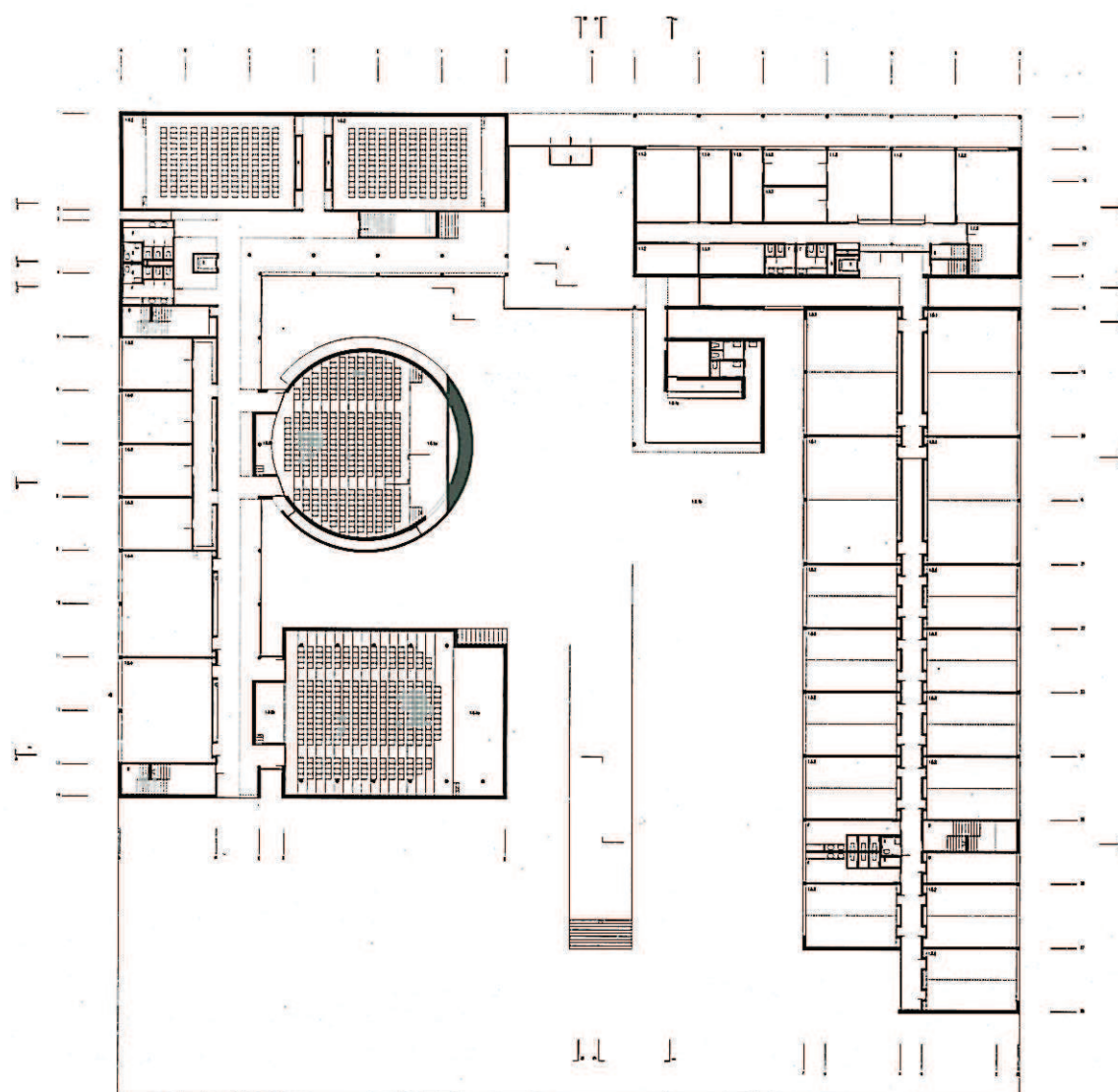
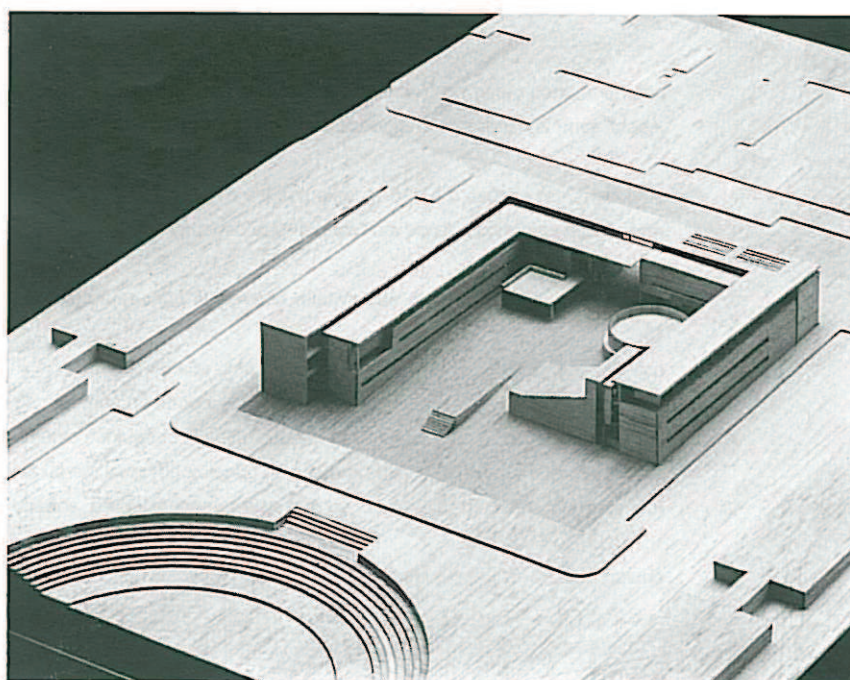
1º Prémio

Gonçalo Byrne

Manuel Aires Mateus

Colaboração Sílvia Arriegas, Paulo David, Paula Calado, Francisco Silva Pereira, Margarida Silveira Machado Estruturas José Mendonça

Instalações Eléctricas J. Caelano Gonçalves Redes de Flúidos J. Grade Ribeiro Instalações Mecânicas J. Galvão Teles



2º Prémio

João Luís Carrilho da Graça

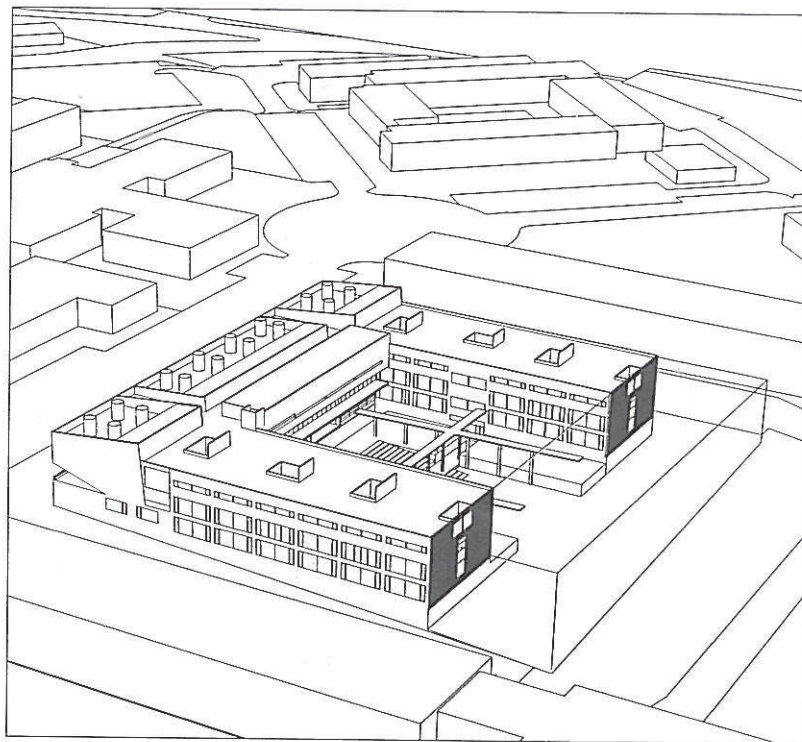
Colaboração Nuno Matos Fundações e Estruturas STA – Segadães Tavares & Associados, Engenheiros e Arquitectos Consultores, Lda.

Instalações e Equipamentos Eléctricos Ruben Manuel Correia Sobral Instalações e Equipamentos Mecânicos José Carlos Monteiro

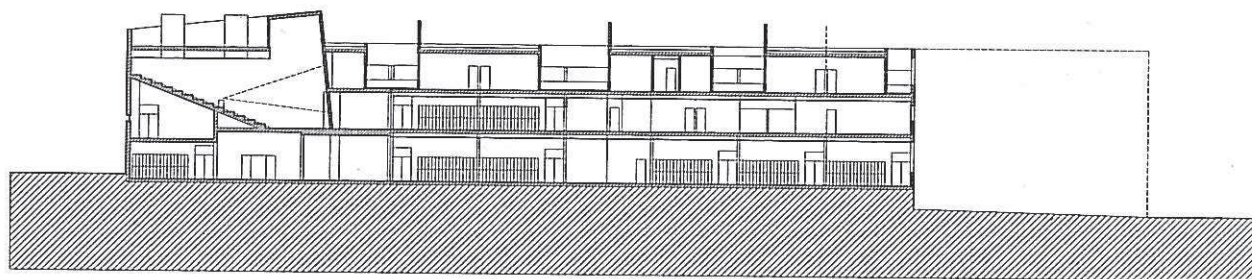
Galvão Teles Instalações e Equipamentos Informáticos Ruben Manuel Correia Sobral Segurança Integrada Luís Manuel da Costa de

Sousa da Macedo Milreu Instalações de Águas e Esgotos Manuel José Grade Ribeiro Infraestruturas e Arranjos Exteriores João Manuel

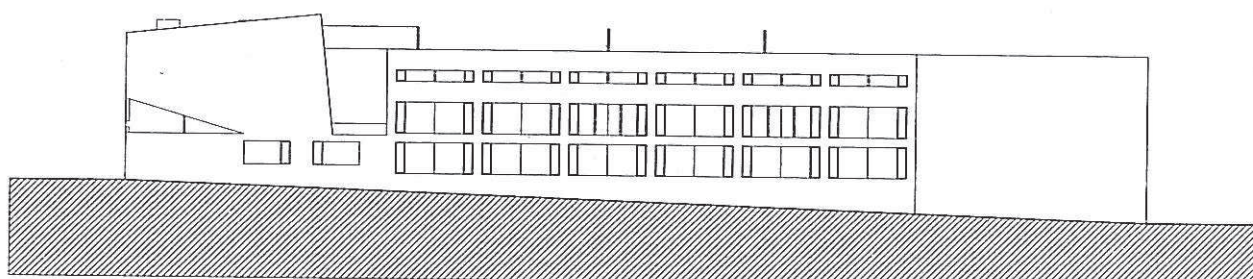
Vilhena Gomes da Silva



53



CORTE AUDITÓRIOS

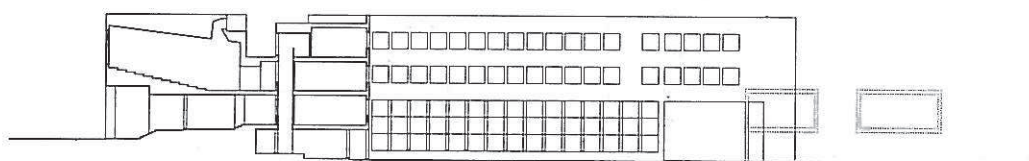


ALÇADO POENTE

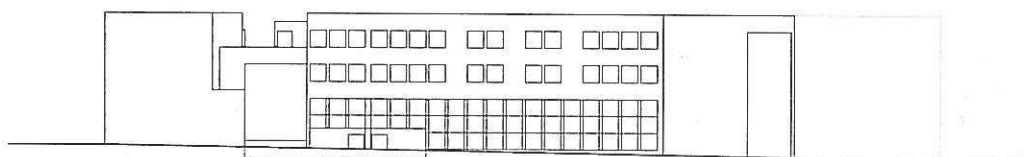
3º Prémio

Pedro Ramalho
Luís Ramalho

Fundações e Estruturas António Alpuim Instalações e Equipamentos Eléctricos Anibal Pereira de Carvalho Instalações e Equipamentos Mecânicos Manuel Sarmento Instalações de Águas e Esgotos Vítor Abrantes Instalações de Segurança Anibal Pereira de Carvalho



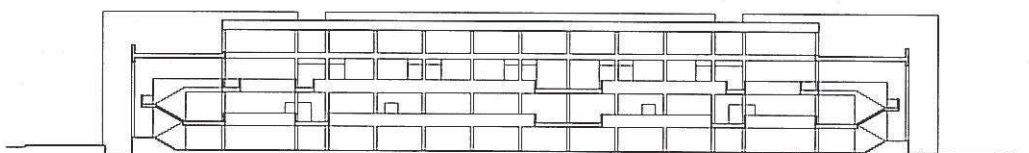
CORTE C1



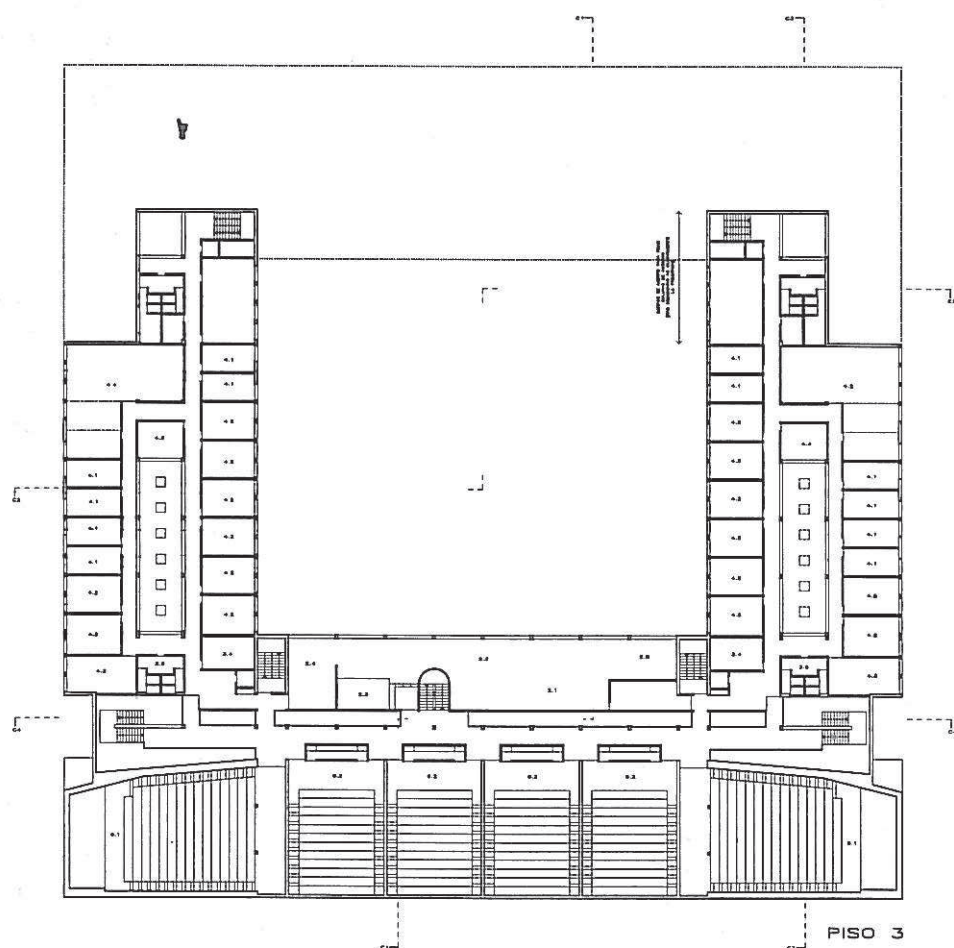
ALCADO POENTE



ALCADO NORTE



CORTE C4



PISO 3

JOANNI V MAGNÍFICO - A PINTURA EM PORTUGAL AO TEMPO DE D. JOÃO V 1706 - 1750
GALERIA DE PINTURA DO REI D. LUIS
EDIÇÃO IPPAR - 1994

Se a 'Arte é uma generosidade inútil' segundo Albert Camus, a pintura é a sua inutilidade soberba, acto redutor da personificação da complexidade civilizacional. A pintura Barroca e as suas artes à época de D. João V, desempenharam, na sua excelência de objectos culturais, o papel fundamental de divulgadores do poder institucional, demonstrando simultaneamente as imagens oficiais da cultura e do poder, da política e da religião num século de grandes e necessárias mudanças. Numa época de riqueza e opulência, e onde o mecenato pela primeira vez em Portugal, mostrou a sua efectiva capacidade de gerar e cultivar património generosamente inútil, para nossa sorte efectivamente aconteceu um movimento importante de invenção e criação em torno do nosso Rei D. João V. Numa rara noção de modernidade, D. João V soube rapidamente fazer importar os sinais exteriores de cultura, que aconteciam desde meados do século XVII, para que num cosmopolitismo se assistisse a uma possível e desejada mudança de mentalidades, a ocorrer num Portugal tão distante do mundo ocidental. É uma idade prodigiosa, em que a inteligência dirige os destinos e prepara a Idade Moderna. Assim que a disciplina perde o seu carácter sagrado no pós-Maneirismo e Contra Reforma, a espontaneidade e genialidade reveste-se de uma imagem de divinização. Sendo por conceito todo o Clacissismo intelectualista, é, por definição normativo e autoritário. Reciprocamente, o Barroco é vitalizador e dinâmico, característica de todas as suas obras sejam artísticas ou intelectuais, na vocação de dinamismo, absoluta legitimidade e canonização do movimento, que aposta à estaticidade, ao repouso e reversibilidade, própria do estaticismo e racionalismo, próprio de tudo quanto é clássico. As suas características sempre afirmadas confirmaram o rebuscar de planos cenográficos grandiosos, o triunfo da linha curva, a exuberância do ornato, a escultura tendencialmente pulsante, a pintura grandiloquentemente animada. Mas contrariamente ao seu pressuposto de simples ornato de sociedade, o Barroco arriscou gritar "Viva a Vida e pereça a eternidade!" numa vontade própria de garantir o esplendor e certeza de vida terrena, depois de 1600 anos de subjugação do poder secular da igreja. O Barroco preparou a Idade Moderna da Ciência e da vontade insaciável de infinito. Cada homem, cada consciência espiritual, cada artista, cada país, reproduziram na sua própria consciência o mito antecipado e sempiterno de Fausto e confrontaram-se com o pacto proposto por Mefisto. Ou a Juventude ou a imortalidade; a terra fértil ou o céu gelado. A intensidade da hora presente a qual se vive com paixão, ou a esperança impávida de uma existência futura. O Barroco imitou Fausto e vendeu ao diabo a sua alma, com a rubrica de sangue logrou alcançar o símbolo do movimento e do infinito. Aliás, o espaço infinito possui aptidão infinita, e a sua atitude infinita celebrava um acto infinito de existência e o espaço a três dimensões. Barroco nunca foi mais que um caso particular da série infinita de espaços possíveis de dimensões infinitas. Nestas considerações leia-se sobretudo Borromini, Guarini e Bentini. Agora sabe-se enquadrar a dimensão magnânima da Pintura e desta Exposição Barroca. Em cada tela assiste-se à vontade inextinguível de ultrapassar os limites, poder igualar o poder humano do divino, encerrar em cada acto pictórico a centelha do génio

MÁRIO CHAVES

que ansiosamente o espírito Barroco logou alcançar. Enaltece-se a realização da exposição grandiosa e poderosa, não se cingindo à dimensão controlada das peças e onde se pode aperceber de forma clara um facto que de outra forma seria difícil de ver evolutivamente; o sucessivo crescendo para a evolução da linguagem internacionalizada classicizante que logrou instalar-se no gosto da corte Joanina. Repare-se só e contudo, no peso excessivo dos suportes materiais das peças e na criação dos níveis de acesso, que prepotentes ocupam demasiado espaço e atenção visual do visitante.

O catálogo que é imensamente mais abrangente que a exposição, é magnífico, pela erudição do texto que se aplaude, pela resolução da temática, pela escolha das peças, sua impressão e decomposição ilustrativa. Interessante e inédita é a consulta ao capítulo referente ao restauro e conservação das pinturas pelas diversas oficinas. Nestas exposições e nestes catálogos, apetece celebrar toda e qualquer grandeza cultural, sobretudo porque não se trata de uma homenagem gratuita à personalidade de D. João V, antes dar a conhecer um período rico e praticamente desconhecido de uma época ainda por compreender verdadeiramente. Da mesma forma deixem-se acompanhar nesta tríade Wolfgang Press em Funky Little Demons, Throwing Muses em University e Belly em King.

Agradece-se ao Dr. José Alberto toda a atenção e colaboração prestada para com esta exposição.

ARQUITECTURA EM QUESTÃO,
MANUEL TAINHA, A.E.F.A./UTL - 1994

É um facto constatado num arquitecto, que, ao longo da sua carreira profissional, constem da sua linha de trabalho variadas características (legalista, gestor, pedagogo, poliglota, etc.) que complementem o acto de criação arquitectónica na singularidade complexa de ideais e certezas projectuais.

Manuel Taíinha, não duvido, encerra em si todas estas condicionantes, sendo indiscutivelmente mais notória em toda a sua vida (além dum apurado sentido de território, aliado a uma profunda reflexão sobre o vernáculo e um transbordante bom senso) a Pedagogia.

Teoria da educação. Modos de pedagogo. Também "arte de instruir e educar as crianças". Não é de todo descabida esta definição, se conotarmos o sentido de criança a um estágio de aprendizagem e conhecimento de quem sabe que nada sabe, ou seja, o conhecimento é um grão de areia num deserto.

É neste campo que o arquitecto reconhece nele próprio qualidades de pedagogo, na medida em que muitas das suas reflexões, inseridas no livro "Arquitectura em Questão", denotam uma profunda sabedoria de carácter analítico, emotivo e sensorial, não só através da (in)grata profissão de arquitecto, mas também dum acumular de experiências gratificantes e reveladoras, desde o início com Carlos Ramos, passando pelos conturbados anos 50/60 até ao presente: "um arquitecto só colhe verdadeiramente os frutos duma experiência criadora depois de observar (criticando) o comportamento humano que provocou".

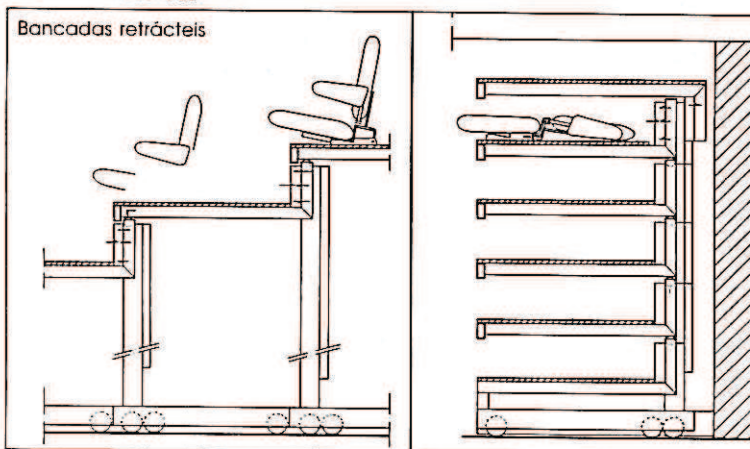
Da mesma maneira que F.L. Wright uma vez descreveu a natureza "*Nature spelled with a capital "N" the way you spell God with a capital "G"*", de Manuel Taíinha se poderia caracterizar a pedagogia como "Conhecimento escrito com C maiúsculo da maneira que Deus é escrito com D maiúsculo".

"Não paro de fazer para dar lugar à reflexão, nem a reflexão vai de férias quando faço arquitectura".
 Arquitectura em questão. Não mais (e tanto!) do que reflexões de um prático.

PATRÍCIA ARRUDA



Divisórias acústicas



Bancadas retrácteis

PAVILHÕES E SALAS POLIVALENTES

**Consiga um espaço
adicional rentável
com um simples
movimento!**

Divisórias de painéis de correr,
para compartimentar física e acusticamente
salas polivalentes.
Bancadas retrácteis para grandes pavilhões.

BERTISAC

BERTISAC - SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES, LDA.
CALÇADA DE CARRICHE, LOTE 43, LOJA 2
TELEF. 758 73 63 - FAX 759 86 56
1750 LISBOA

Visite-nos na exposição especial
na sede da AAP em 16. + 17.05.95
e na FIL-SIMAC em 19.05.95



Linreveste
Revestimentos Lda.

Construir com novas soluções

Subsidiária da Lindner AG Alemanha

Oferecemos soluções completas

Pavimentos:

Pavimentos elevados, pavimentos duplos

Divisórias:

Em metal, gesso, madeira,...

Tectos:

Em metal, gesso, madeira, fibra mineral,
tectos climatizados, construções especiais

Sede: Av Miguel Bombarda nº 21-3º, Esq., 1050 Lisboa
Tel. (01) 54 42 02 Fax (01) 54 15 59





Constrói o seu mundo sem destruir o mundo.

Muitas vezes, a construção de uma casa, pelos próprios materiais utilizados, significa a destruição do meio ambiente. Mas você quer que o seu mundo cresça num mundo saudável e cheio de flores.

Isenta de materiais orgânicos e químicos, os grânulos de argila expandida Leca apresentam uma grande versatilidade: baixa massa



volúmica, elevada resistência mecânica, boas características de isolamento, inércia térmica e elevado índice de isolamento e absorção sonora, sendo incombustíveis.

De grande polivalência, a Leca produz-se em diferentes granulometrias, aplicando-se facilmente em isolamentos, enchimentos, elementos pré-fabricados e betões leves.

LECA EM SACO OU A GRANEL • BLOCOS • ABOBADILHAS • FUNGIBLOCOS

Se deseja obter mais informações sobre os produtos da Leca Portugal, contacte-nos pelo telefone 036 - 621160 ou fax 036 - 621166

VENTILAÇÃO TÉRMICA FÉRIA

ÚNICO SISTEMA CONFORME O ART.º 17.º DO R.G.E.U. ATÉ HOJE
APROVADO PELO L.N.E.C. PROCESSO LNEC-84/1/4798

E AGORA E PARA O FUTURO JÁ ESTÁ A OFERECER POR ADIÇÃO TECNOLÓGICA MAIS OPÇÕES NOMEADAMENTE A CONJUGAÇÃO DO SISTEMA DE VENTILAÇÃO TÉRMICA
EÓLICA COM A EXTRAÇÃO MECÂNICA: ADMISSÃO DE AR NOVO E EVACUAÇÃO DE FUMOS E AR VICIADO POR AREJADORES E EXTRACTORES AUTO-REGULÁVEIS

FÉRIA & FÉRIA - TEL. (01) 849 47 34 / 09



JÁ ESTAMOS A ENVIAR AOS SRS. ARQUITECTOS E ENGENHEIROS CIVIS TODA A DOCUMENTAÇÃO PERTINENTE

PHOTO A. VIGILIA / FOTOPRESS - ALAN RIBEIRO / R&B



ERGA BARREIRAS CONTRA O RISCO

A segurança no trabalho
protege apenas os
Garante também a
de quem espera por eles
produtividade no



da construção não
trabalhadores em obra.
tranquilidade e o futuro
em casa, garante maior
trabalho, garante a
qualidade da obra e a competitividade da empresa que a promove.



POR UM TRABALHO COM VIDA



Instituto de Desenvolvimento e Inspeção das Condições de Trabalho
Conselho Técnico de Acompanhamento da Campanha: CMOPP - AECOPS - AICOPH - FEDERAÇÃO CONSTRUÇÃO/CTOP - SETACOP SINDICATO CONSTRUÇÃO/UST

mars plot

O PROGRAMA DE ALTA QUALIDADE

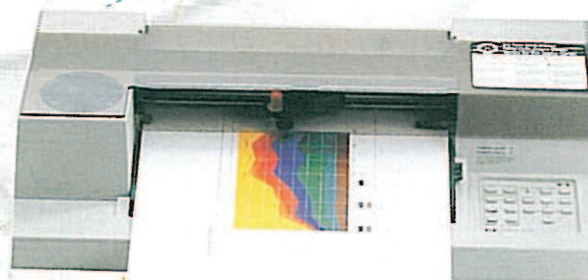
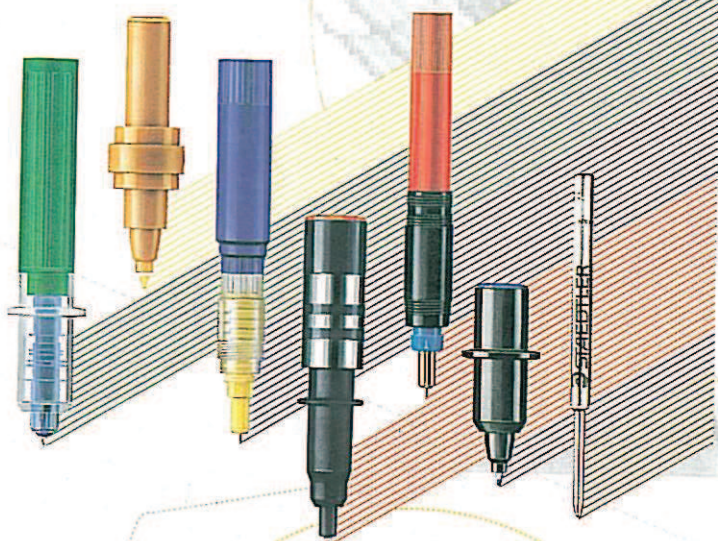


• A GAMA COMPLETA
DE PONTEIRAS
E ACESSÓRIOS
PARA PLOTTERS

• PONTEIRAS DE ALTA TECNOLOGIA



• SISTEMAS RECARGÁVEIS

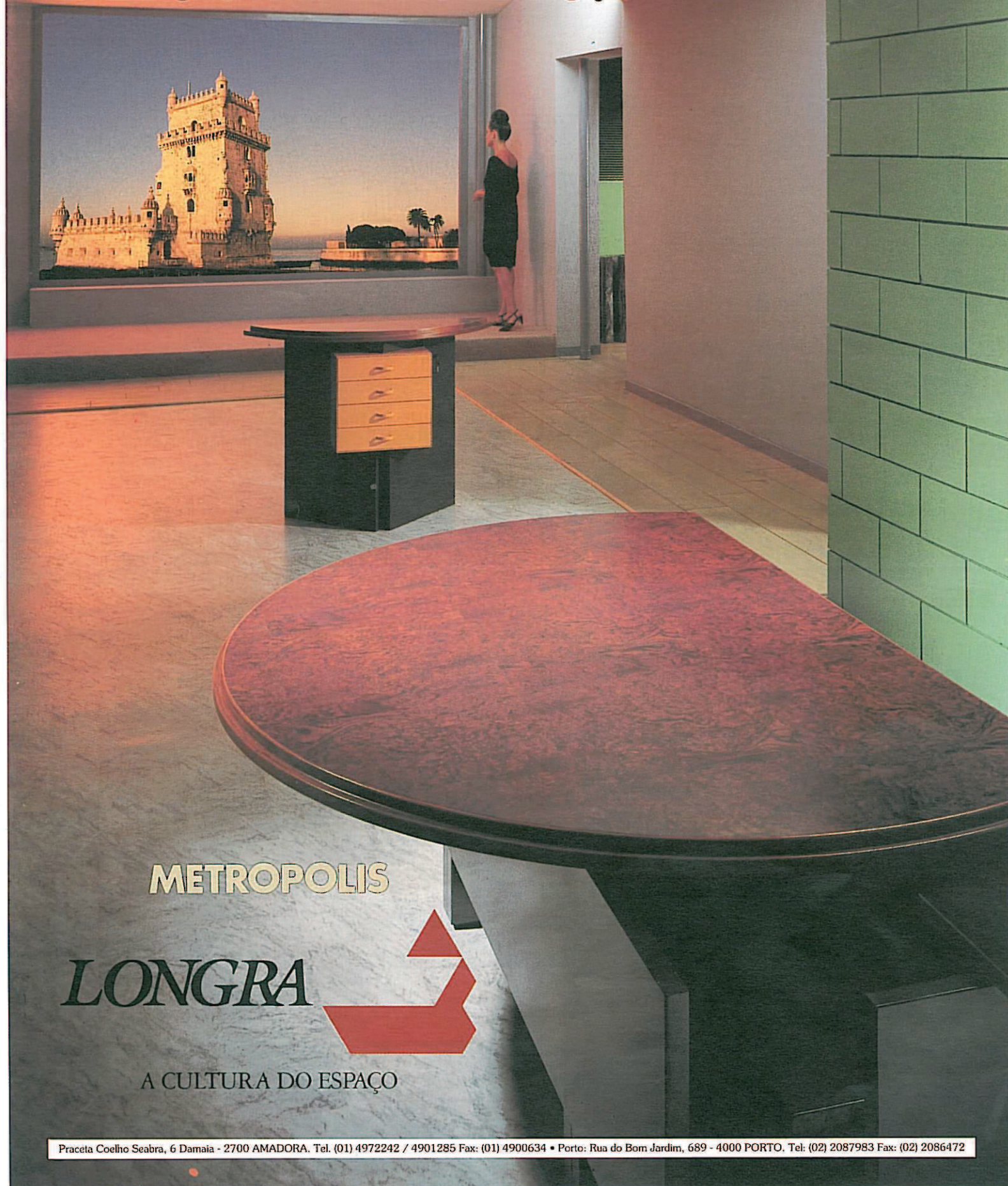


Em cada traço

STAEDTLER

Contacte-nos através: Telef. [01] 941 51 20 / 70 / 83 - Fax. [01] 941 51 06 ou Apartado 8079 - 1801 Lisboa Codex

LINHAS DESCOBERTAS.



METROPOLIS

LONGRA



A CULTURA DO ESPAÇO

Praceta Coelho Seabra, 6 Damaia - 2700 AMADORA. Tel. (01) 4972242 / 4901285 Fax: (01) 4900634 • Porto: Rua do Bom Jardim, 689 - 4000 PORTO. Tel: (02) 2087983 Fax: (02) 2086472



BLOCO *Split*

O novo bloco Split Argibetão é um bloco fabricado com betão de alta qualidade e que oferece aos arquitectos grande variedade de soluções estéticas e técnicas, graças à diversidade de cores oferecidas e a sua elevada resistência.

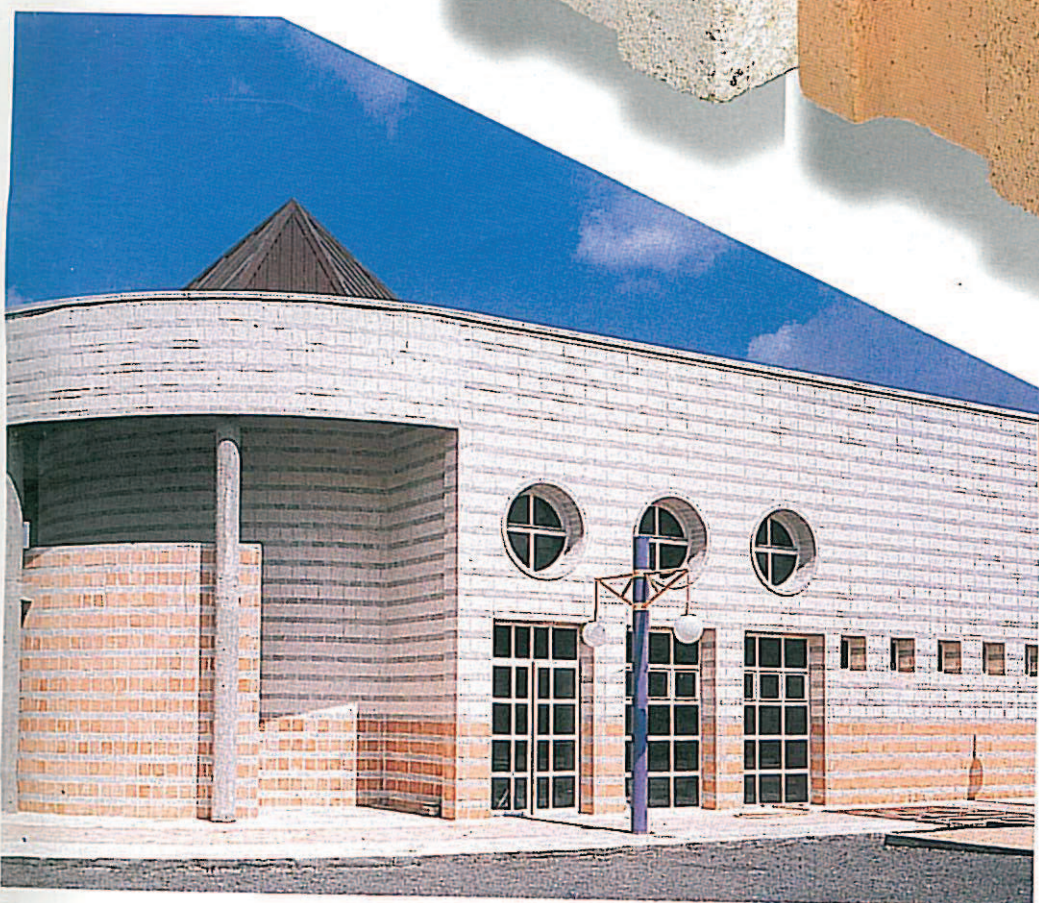
A designação Split deriva do facto de o bloco ser sujeito a um fractura mecânica, apenas possível de efectuar em blocos de elevada resistência e com equipamentos de alto nível tecnológico. O seu processo de fabrico e a sua composição conferem-lhe características de resistência ao fogo, de elevada impermeabilidade e de isolamento sonoro e térmico.

A larga utilização dos blocos Split em obras públicas, em edifícios comerciais, industriais e de habitação deve-se também ao seu perfeito enquadramento paisagístico, quando utilizado em paredes exteriores, e à sua estética, quando usado em interiores.

Este tipo de blocos permite o imediato acabamento final da alvenaria (não necessita reboco nem pintura), sendo a sua manutenção e conservação praticamente inexistentes.



*Acabamento
Final
Imediato*



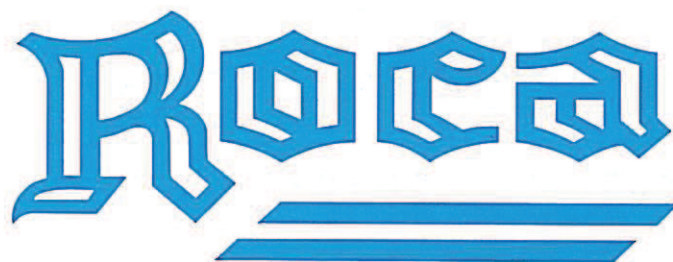
Os Blocos Split Argibetão

apresentam as seguintes características técnicas:

- Resistência à compressão superior a 90 Kg/cm², considerando a superfície bruta
- Resistência ao fogo entre 1,5 h a 4,5 horas, dependendo da espessura e tamanho da peça
- Isolamento acústico entre 42 e 50 DB
- As peças hidrofugadas cumprem as Normas Europeias e as ASTM Americanas a 100%
- Absolutamente inertes às geadas até -30° C
- Transmissão térmica entre 1 e 1.75 Kcal/c/h/m²
- Tolerância em altura inferior a 1 mm
- Peso específico médio 2.100 Kg/m³


ARGIBETÃO

SOCIEDADE DE NOVOS PRODUTOS DE ARGILA E BETÃO, S.A.
Av. Fontes Pereira de Melo, 19 - 5º 1050 Lisboa
Tel. (01) 315 71 54 Fax (01) 315 45 00
Fábricas em Braga, Ovar, Cartaxo e Azeitão



O Escantilhão de Símbolos Gráficos Roca de Artigos Sanitários



Agora em Diskette

Instalação automática para
Autocad, Dos, Windows
e Macintosh

OFERTA GRATUITA

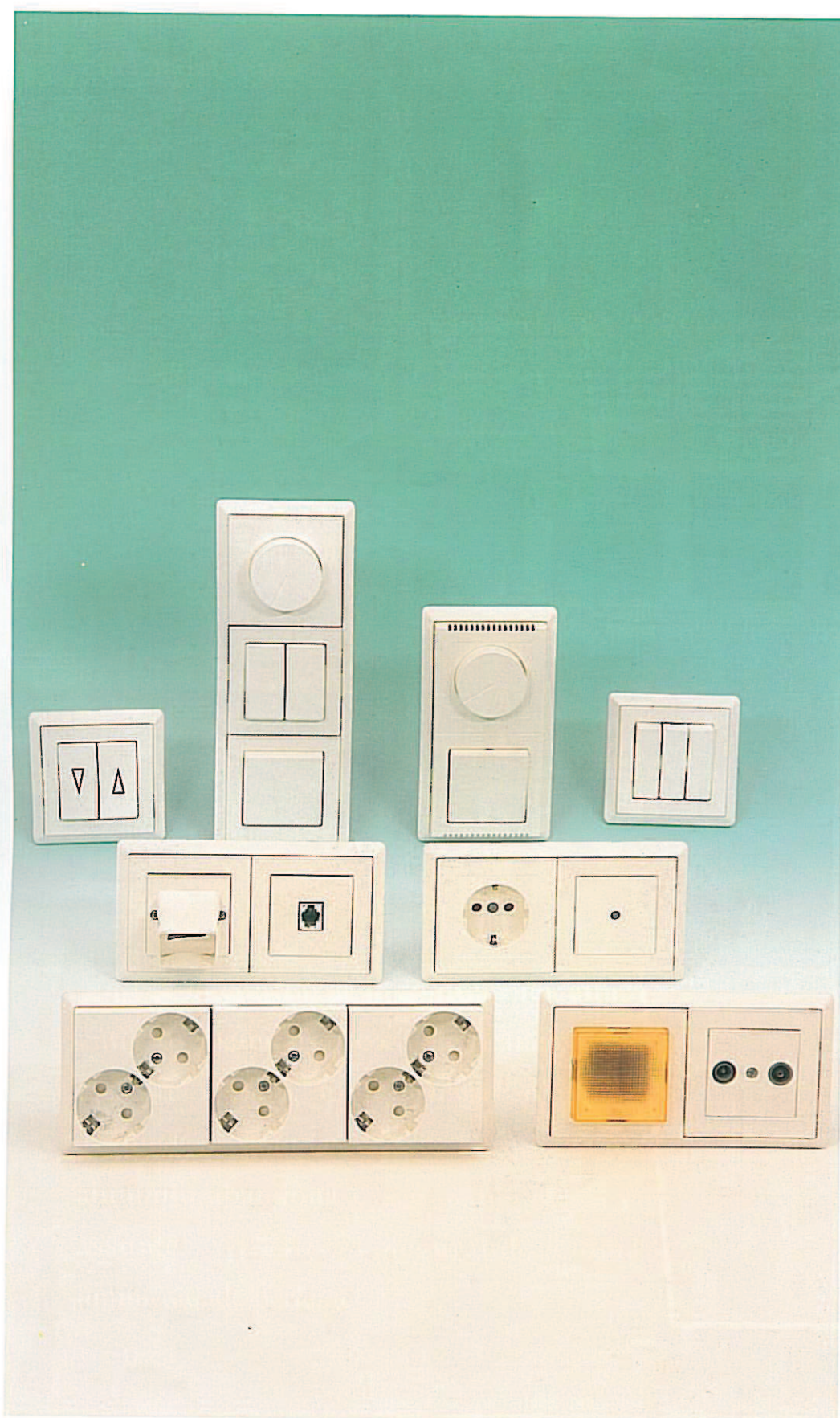
Pedidos:



Rua José Duarte Lexim, Lt. 6
2675 ODIVELAS
Telef. 01-937 76 67/937 55 39 Fax 937 54 05

PROMOTECNICA

PROMOÇÃO TÉCNICA DE VENDAS, LDA.



A série de aparelhagem
STANDARD

NOVA-CLÁSSICA

tem as seguintes
vantagens:

- Design finlandês.
- Interruptores e comutadores para 16A.
- Comutadores de lustre triplos
- Comutadores para estores eléctricos.
- Tomadas com e sem terra e de alvéolos protegidos para 16A
- Espelhos para 1, 2, 3, 4 ou 5 aparelhos
O mesmo para montagem horizontal ou vertical.
- Reguladores de brilho com comutação de escada até 1200 VA
- Tomadas duplas para uma caixa normalizada.
- Tomadas para telefones e informática.
- Grandes stocks.

PROMOTECNICA

Tv. da Fábrica dos Pentes, 8
(ao Jardim das Amoreiras)
Tel.: 385 41 65 — Fax: 385 78 37
Telex 43197 PRMOTEP
1250 LISBOA

Representante exclusivo da:





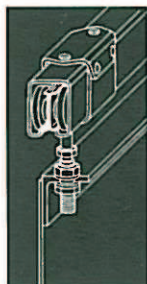
CRUZFER

REPRESENTAÇÕES, MATERIAIS E FERRAGENS, LDA

Painéis móveis, portas de folo e de correr

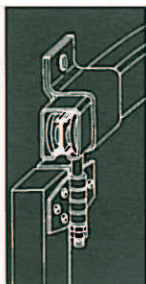
COBURN

- Resolve problemas de espaço
- Ferragens para portas de armazém
- Paredes móveis para divisórias
- Portas para armazéns e roupeiros
- Painéis rebatíveis com insonorização
- Divisórias para pavilhões desportivos



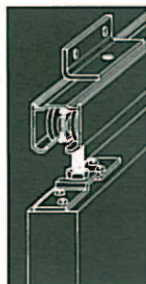
Deslizante paralela

Aplicações no exterior. Ferragens com carril inferior ou com carril superior. Especifica para portas metálicas até 4000 Kg e 10m altura.



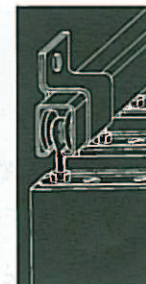
Correr ao centro ou lateral

Aplicação em portas para o exterior. Portas de folo para correr ao centro (peso máx. 70 Kg) ou no canto (peso máx. 60 Kg).



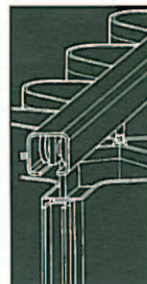
Deslizante interior

Aplicável em diversas situações de corredoras paralelas interiores, com carril superior até 100 Kg, com carril inferior até 400 Kg peso suportado.



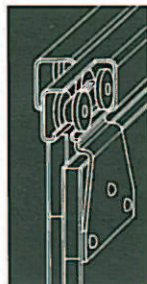
Folo ao centro ou lateral

Porta de folo com carril superior ou inferior, com batente central ou lateral, peso máximo com batente ao centro 75 Kg e 60 Kg com batente lateral.



Painéis amovíveis

Painéis amovíveis para melhor exploração espacial insonorizantes e com múltiplas aplicações visuais.

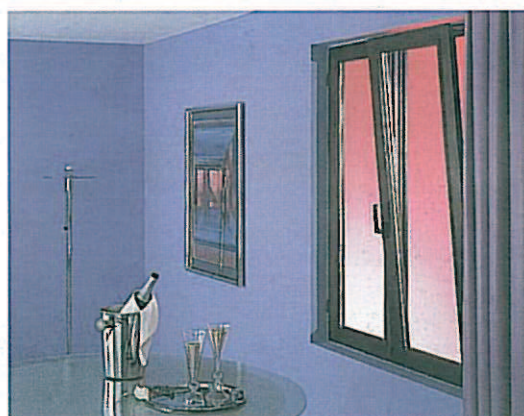
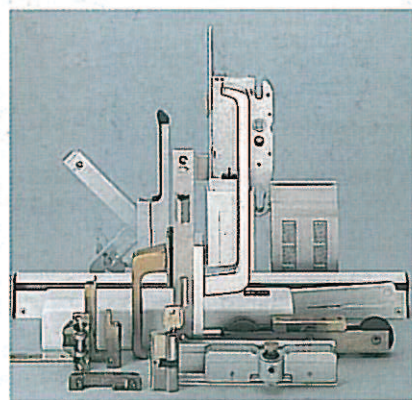


Aplicações suplementares

Um conjunto de aplicações possíveis que passa pelo suporte para toldos em camiões, divisórias em ginásios, portas em contentores.



O GRUPO GRETSCH-UNITAS dispõe de uma experiência de 88 anos desde que o Sr. Viktor Gretschi fabricou a sua primeira peça. A CRUZFER como associada deste Grupo, implantado em 21 países, beneficia deste "know-how" que disponibiliza aos profissionais portugueses mantendo e aumentando o nível de qualidade e avanço tecnológico do mercado português.



Tire vantagens da qualidade, capacidade e serviço

- Ferragem oscilo batente, abertura normal e pivotante
- Ferragem corredora basculante **GU**
- Ferragem de correr em harmónio
- Fechaduras para embutir e de segurança **FERCO** INTERNACIONAL
- Cilindros e mestragens **BKS**
- Manetes, puxadores
- Ventilador permanente regulável e silencioso
- Molas superiores e inferiores para portas

Consulte o nosso departamento técnico-comercial para a escolha da melhor solução

Solicitamos informações sobre o programa "CRUZFER"

Nome: _____
Cargo: _____
Empresa: _____
Morada: _____
Telef.: _____ Fax: _____

enviar para:

CRUZFER

Representações, Materiais e Ferragens, Lda.
Parque Industrial "Meramar II" Arm. nº 2
Cabra Figa - Albarraque 2735 Rio de Mouro
Telef. Geral: (01) 915 24 82
Telef. Comercial: (01) 915 24 67
FAX: (01) 915 26 73



Estores **WAREMA**

- Qualidade e prestígio comprovados em mais de 70 obras
- Sistemas de estores exteriores orientáveis
- Toldos em multidesign
- Sistemas Black-out (escuridão total)
- Ligação a sistemas inteligentes com orientação por luminosidade, força do vento ou ângulo de incidência solar



Grupo Gretschi-Unitas
GU BKS FERCO
INTERNACIONAL

O alumínio

NOVA GERAÇÃO

A Technal, uma vez mais inovou perante o mercado, apresentando uma paleta única e exclusiva de novos coloridos anodizados e lacados, consequência do fabrico, também ele exclusivo nas suas instalações industriais. A vontade de simplificar e regressar à matéria original vêm caracterizar esta nova geração do alumínio assegurando as mesmas garantias de qualidade e comportamento a que o nome Technal já vos habituou. Muitas variações em torno do cinzento, novas cores e novos aspectos de superfície; as tendências actuais estão nas suas mãos... Da subtil alusão da natureza que encontra no verde acinzentado, ao relevo e textura que se sente ao toque no cinzento granulado, poderá encontrar a harmonia perfeita entre os materiais contemporâneos, o betão e o vidro. Com os novos coloridos Technal, os grandes clássicos evoluem, o alumínio abandona o seu ar impessoal e assume relevo assegurando uma luminosidade perfeita.



TECHNAL®



Nem todo o alumínio é igual!

OfficeWear by Cortal

■ grupo barro

Executive Office. Design de Ferdinand A. Porsche. Sofisticado programa para escritório de executivo. Secretária, bloco e superfície redonda retráctil em revestimento preto texturado. Estrutura cilíndrica, revestida a aço cromado, pivot em torno do qual se movem os elementos complementares. Cadeira Conforto, costa alta em couro preto.



Cada linha de mobiliário de escritório CORTAL define um estilo e expressa uma personalidade.

Uma forma distinta e única de trabalhar.



HAWORTH®
EUROPE

CORTAL - MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO
Lisboa (01) 793 13 18 • Porto (02) 59 84 18